



ESTAÇÃO CENTRAL

*Adão era camponês e Eva educava as crianças.
E olhem que as educou tão mal que até se mataram.*

Título: VIAGEM (pelos trilhos da vida)

Autor: Vicente Siteo

Ilustração da capa: *A Viagem*, (50x100) pintura de Lhaminismo

Edição: Autor

Layout da capa: Expert Muthiri

Paginação: Expert Muthiri

Impressão:

Tiragem: 1000 exemplares

Registo: 8428/RLINLD/2015

ISBN:

Expert Muthiri & Service E.I.

Av. União Africana, n.º 206, r/c

Maputo - Moçambique

expertmuthiri@outlook.com

www.expertmuthiri.blogspot.com

A publicação desta obra foi possível graças ao patrocínio da:

NOTA DO AUTOR

Sou mais um escritor aberto às críticas, aos comentários. Sou um daqueles que reconhece que vieram a esta vida não para viver, mas para aprender a viver. Assim que eu aprender, morrerei. Por isso, quero aprender sempre sem parar.

Este livro não expõe nenhum pensamento dogmático, pelo contrário. Ele resume o meu, digamos, senso comum. Sou apenas mais um jovem que divulga os seus pensamentos, e dispensamentos. Sobre o que aqui escrevi, provavelmente amanhã pensarei de outra forma. Mas enquanto isso não acontece, ficamos no hoje.

Eu não nasci destinado a viver, nasci destinado a morrer algum dia. Talvez qualquer dia! Talvez hoje, amanhã, certamente não ontem. E os meus pensamentos também são destituídos desse carácter eterno.

Em algum momento aqui estão apresentados pensamentos controversos, outros talvez intriguistas. Em outros instantes aparecem ideias que merecem um debate público. No final aparecem aqueles conhecimentos da vida que sobre a vida não dizem nada. Para me citar: “aqui falei quase sobre tudo,

exactamente para não me especializar em nada...” Esta foi a minha tentativa de ser enciclopedista.

Gostaria de poder agradecer a todos, mas a minha natureza nega-me. Dei a minha contribuição na construção do nosso código, digamos, moral e social. Só não ensino a viver porque eu mesmo pouco sei da vida. Mas vontade não me falta!

No princípio pretendia escrever um romance, mas com o tempo foi saindo um diálogo. Isso não significa que me platonizei, nem que me socratizei. Mas também pode até ser! Nestes minutos de viagem resumidos num livro pretendo dialogar com o leitor. E como um diálogo não é unidireccional, espero retorno.

O Autor

DEDICATÓRIA

À minha amiga cabo-verdiana
Nely Fonseca
que me contou algumas estórias da sua infância

Ano: dois mil e catorze. Mês: Outubro. Localização: Maputo, Estação Central Ferroviária. Horas: trinta minutos depois das sete da manhã. Temperatura: dezanove graus célsius. Densidade do ar: não sei. Tráfego intenso. Pessoas correndo de um lado para o outro. Outras sentadas nos bancos. Algumas pessoas tomam os seus cafés, comem qualquer coisa. Todos atentos aos altifalantes que anunciam a chegada e saída dos comboios. Comboios chegando e saindo. Outros manobrando.

Comboio faz manobra?

Do outro lado da estação vê-se o movimento de uma cidade que acaba de acordar. Crianças correndo para a escola. Funcionários descendo dos autocarros e indo aos seus serviços. Outros comprando algo no quiosque da esquina. Vendedores ambulando pelas ruas. Na estação algumas pessoas escutam a rádio, concretamente a antena nacional. Tentam fingir o tempo. Enquanto isso os comboios vão chegando e saindo. Algumas pessoas vão embarcando, outras desembarcando. E outras ainda esperando a sua vez.

Os raios solares invadem a privacidade do recinto para reforçar a

luminosidade das lâmpadas. A multidão vai enchendo cada vez mais. Entram também as mamas com sacos de produtos nas cabeças. Elas procuram alcançar os mercados mais carentes. Seguram os seus bilhetes nas mãos. E os senhores vestidos de macacões, a caminho da fábrica, segurando as suas mochilas contendo marmita.

Há alguns turistas. As moças-turistas estão sentadas sobre as mochilas, enquanto os moços-turistas compram os bilhetes. Todos vestidos como alpinistas: sandálias, calções, bonés, camisetas abertas, cordas penduradas nas cinturas...

Meio isolado no seu canto está um senhor de idade mais para lá. Ele aparenta estar calmo. Mas os seus olhos denunciam que ele está atento a um casal de estrangeiros. Olha-os afincadamente, como se eles lembrassem-lhe alguma coisa. Porém, isto não interessa a mais ninguém. O casal de estrangeiros não têm muitas coisas senão uma pequena pasta e a bolsa da moça. Moça essa que não larga o braço do seu cúmplice. Esse, por sua vez, controla o relógio, porque os altifalantes já anunciaram que em trinta minutos chegará o comboio B25.

Mas aqui os comboios são todos parecidos. Os números foram raspados pelo tempo e confundem-se com a ferrugem dos vagões. E onde ficará a linha B, por onde passará o comboio vinte e cinco? E essas seguranças que exigem dinheiro até mesmo para dar uma informação! O velho continua prestando atenção neles. O casal parece-lhe preocupado. Olhando de um lado para o outro, procura alguma pista. Mas os dois esforçam um sorriso, para disfarçar o desespero. Devem estar arrependidos de estar neste lugar.

Os que comiam já terminaram. Os que bebiam já mataram a sede. Os que caminhavam já pararam. Os que cochilavam já despertaram. Incluindo os que vinham já chegaram. Os comboios aproximam-se e começam a embarcar as pessoas. Mas os que estavam preocupados continuam preocupados. Agora parece até que não existe a linha B, nem o comboio vinte e cinco. Será que qualquer um leva-os a Namaacha?

Para salvar a raça dos conterrâneos nativos, eis que o ancião que observava aproxima-se do casal. Vem vestido no seu terno e gravata, calças vincadas e sapatos pretos acima das meias brancas. Não tem aparência de um chefe, nem aparenta ser o que é. Dizem que as roupas identificam-nos, mas eu acho que é o contrário. Continuando. Na mão leva a sua pasta dos primeiros socorros do estômago. Tem um andar sofisticado, tipicamente moçambicano: não olha onde pisa, pisa onde já olhou. Lentamente, como um apaixonado, aproxima-se do casal de jovens para oferecer a sua ajuda.

Não é por saber muito que ajudamos os outros, mas simplesmente porque o outro precisa da ajuda que podemos dar. Tão simples quanto isso.

— Posso ajudar-vos em alguma coisa, meus caros jovens?

— Sim, pode. Estamos aflitos. Não sabemos qual é a linha de trem que nos pode levar a Namah... Namaacha.

— Trem?!

— Meus jovens, vocês devem estar num país errado. Aqui não existe trem, existe é comboio. E só eles vão para lá.

— Sendo assim, como chegamos lá?

— É para lá que estou indo. Sigam-me, vamos juntos... só

temos alguns minutinhos até a partida. É para lá também que toda essa massa está indo. Os que não vão para lá, vão para perto de lá.

— *Pelos vistos o nosso conterrâneo encontrou uma companhia, e, das boas. Agora ele vai ter com quem disfarçar uma viagem solitária.*

— Então, meu nome é Antunes Faztudo — *apresenta-se ele* — o colono é que me deu esse nome: Antunes porque não podia ser tão português como António. Faztudo porque nasci numa família de assimilados. Porém, amigos tratam-me pela alcunha: Cuequinha.

— Cuequinha?

— Exactamente. Nós africanos damos alcunhas consoante uma coisa que não esteja bem com a pessoa. Assim deram-me esse apelido, falando em vossa língua.

— Entendido.

— Vivo nesta cidade desde que ela começou a ficar limpa. Antes disso vivi sempre lá, p'ra onde estamos indo. Por isso conheço muito bem estes dois lugares, mais do que conheci os meus pais.

Se quiserem posso falar-vos um pouco das minhas vivências.

— Vai contar as suas vivências a pessoas estranhas? — *perguntou o moço.*

— Pessoas estranhas são aquelas que nunca passaram pelos meus olhos. Eu não preciso de olhar duas vezes para conhecer uma pessoa. Às vezes basta ouvir a sua voz. Mas admito algumas excepções, das quais vocês não fazem parte. Posso confiar em

vocês, porque estão aparentemente perdidos. Vocês estão sem chão para onde me derrubar. Posso até deixar-vos com uma maleta de diamantes e ausentar-me por trinta minutos, virei encontrar-vos aqui mesmo. Porque vocês não conhecem este lugar, e isso está escrito nos vossos olhos. Vocês não vão fugir, enquanto não tiverem para onde ir.

Não sei se estas palavras assustaram os nossos amigos, ou não. Só sei que finalmente aceitaram ouvir as histórias dele. Mas também é característico dos jovens gostar de ouvir histórias, sobretudo as com final feliz. Ao que ele começou a narrar.

Em Namaacha fui menino de rua. Dormi debaixo de pontes, pedi dinheiro no semáforo. Apanhei chuva e lama. Continuei a pedir dinheiro no sinal. Economizei o mesmo dinheiro numa latinha de sardinha. Economizei tanto até que um dia vim para cá. Quando aqui cheguei já não havia ponte sobre a qual eu podia dormir. Além do mais, o governo tinha iniciado o seu projecto de limpeza da cidade, começando por varrer os mendigos das ruas. A classe mais desfavorecida! Daí tive que procurar outro lugar para morar. No subúrbio havia uma casa abandonada. Os donos enriqueceram e nem se preocuparam em vender a velha casa. Talvez porque algum dia voltariam. É preciso sempre deixar todas as possibilidades em aberto. Diz-se que casa velha sempre será nossa. Arrumei a casa aos meus gostos. Fiz dela o meu paraíso. Nas primeiras manhãs saía a procura de emprego nos armazéns.

Em pouco tempo encontrei, porque nos armazéns as pessoas facilmente são contratadas e com a mesma facilidade rescindem os contratos.

Depois de muitos sacos na cabeça organizei-me um pouco mais. Fiz a minha vida e regressei à minha terra como um vencedor. Mas decidi sempre viver aqui... — *ele narra enquanto caminham à plataforma* — Vamos esperar o comboio aqui. Dentro de poucos minutos entraremos. É verdade, notei bem que vocês não são moçambicanos, pois não? — *ele finge que não notou que são estrangeiros, simplesmente para trazer-lhes à conversa. Ou talvez para os animar um pouco.*

— Pois é, não somos. Somos brasileiros. Estamos na nossa lua de mel. — *responde o moço novamente.*

— Só se for mel da mosca! Brincadeira, não liguem. Estão de parabéns, espero que se divirtam muito. Isso lembra-me o meu casamento. Foi uma dor de cabeça autêntica, mas eu diverti-me. As cerimónias duraram apenas dois dias, mas as recordações vão durar a minha vida inteira. Em primeiro lugar a minha noiva chegou à Igreja trinta minutos antes do Padre, e eu vinte minutos depois dele. No dia anterior eu tinha pedido ao padrinho para acertar o relógio dela, só para evitar atrasos!

Em segundo lugar, o Conservador foi obrigado a mover todo o palácio de casamentos para a nossa casa, porque a noiva tinha decidido que, se fosse necessário, atrasaria o dia inteiro só para

me fazer pagar pela vergonha que ela passou no dia anterior. Foi quase que obrigada a assinar os papeis, mas beijou-me com todo o prazer. Beijoqueira!

Depois das cerimónias ficamos sem dinheiro para a lua de mel. Tanto que só veio um ano depois. Visitamos países vizinhos. Voltámos para casa com os bolsos vazios e fomos obrigados a pedir emprestado dinheiro para que pudéssemos ter pão à mesa. Contudo, a viagem valeu a pena. Ainda tenho as fotos comigo.

Mas antes dessa viagem tive uma passagem pela polícia. Fiquei detido durante duas semanas. O motivo da detenção foi o facto de eu ter agredido oralmente um Inspector policial. Ele estava a dar em cima da minha mulher! Quando eu estava na cadeia, alguns amigos meus vieram dizer-me que a minha mulher era uma chave de cadeia. No momento fiquei atordoado, mas preferi continuar a confiar nela. Tanto que hoje confirmo que ela é uma chave-mestra: abriu-me todas as portas, até as do paraíso. Agora não gosto muito de pessoas que se metem na minha vida. Quando uma pessoa intromete um dedo sequer, corto-lhe logo. E não corto com faca, mas com os dentes. Não gosto também de pessoas que procuram picar-me no olho, porque não são inteligentes. Picam-me com os dedos, eu enfio-lhe as duas mãos nos olhos... Não fiquem assustados que não sou malvado, apenas precausioso.

Olhem aí, chegou o comboio. Tirem os vossos bilhetes e

vamos.

Todos somos assim: primeiro falamos sobre as nossas valentias, no final falamos sobre as nossas fraquezas. Talvez para impressionar no princípio, ou para exigir respeito. Os nossos amigos continuam atenciosamente a escutar. E ele, que gosta de falar, continua a falar!

Vocês devem estar a perguntar-se porquê esse velho desconhecido está a falar-vos essas coisas logo no primeiro encontro. E não só: no início do primeiro encontro. Vamos andando e vou falar-vos ainda mais. Até ao fim vão se dar a resposta. As vossas respostas serão diferentes, mas todas estarão certas. Então, vamos seguindo...

Entrem por esta porta e vão até ao vagão de trás. Lá ficam os melhores lugares, os mais recomendáveis para viajantes de longas distâncias. Enquanto estiverem a andar pelo corredor, segurem as bolsas e as carteiras com as duas mãos e empurrem a mala com os pés para a frente. Tomem muito cuidado porque existem muitos que se tornam ladrões quando têm a oportunidade. E olha que a culpa não é deles, é da oportunidade.

Eu vou indo atrás de vocês, segurando as velas. Não se façam perceber que são estrangeiros, senão vão sofrer xenofobia. Já que estão misturados connosco, finjam ser alguns de nós. Isso vai ajudar-vos na adaptação e vai salvar-vos das aldrabices. Podem ir andando que vos estou seguindo. Hoje os vossos anjos protectores emprestaram-me as suas funções... Vocês acreditam

na estória de anjos de guarda?

— Sim, eu acredito. — *finalmente a moça abriu a boca.*

— Ela acredita. Eu não sei se acredito. Acredito simplesmente na protecção Divina, para além da qual não existe mais nada capaz de proteger-nos.

— Boas falas. Concordo com os dois, pois a verdade é a união dos vossos pontos de vista. A Divindade usa os anjos para proteger-nos. Mas a minha casa é melhor protegida pelos cães... Brincadeira!

Enquanto ele falava, perdeu-os de vista. Olha de um lado e do outro, não os vê. Lembra-se que não os conhece pelos nomes. Pergunta às pessoas a volta se não teriam visto pessoas assim-assim. Ninguém responde positivamente. Ele decide ir sozinho até o fundo do vagão. Pelo que chegado lá, encontra-os escolhendo o melhor lugar. Ele ignora o sucedido e prefere não comentar nada.

Vamos escolher os assentos — *inicia um outro assunto* — Eu quero ficar à frente do casal, porque gosto de olhar nos olhos das pessoas felizes. Já viajei neste comboio mais de mil vezes, mas não existe nenhuma viagem igual a outra. Cada viagem é uma volta pelo mundo, é uma estória por contar.

Por exemplo, da última vez fui roubado a carteira do bolso. A sorte minha é que o dinheiro não estava lá. Não me perguntem por quê eu andava com uma carteira, se o dinheiro não ficava lá! Bom, quando chamei a polícia, vieram separar o meu vagão dos restantes e o comboio continuou, deixando-nos atrás. Levou mais

de cinco horas para virem levar-nos de novo. As crianças já estavam a chorar e alguns adultos queriam terminar o resto da distância a pé! À propósito, vocês trouxeram alguma coisa para comer?

— Sim. Temos bolachas, hambúrguer, frutas e carne seca.

— E bebidas?

— Só refrigerantes. Álcool não bebemos, ainda somos novos.

— Que pena! Quando ficarem velhos não terão mais energias para se meterem com o álcool. Mas não faz mal, ficarão como eu. Eu trouxe cachorro-quente e sumo. — *apontando a sua sacola de marmita* — Estes sempre foram os meus acompanhantes nestas viagens. Já agora, podem dizer-me os vossos nomes? E as vossas ocupações, se não estiver a pedir muito.

— Chamo-me Fernão Cunhado da Cruz, e a minha esposa chama-se Angelina Cristóvão.

— Mas agora ela virou Cunhada da Cruz.

— Não, não virou. Decidimos que ela não adoptaria o meu sobrenome.

— Casais modernos! Na mesma eu vou chamar-te de Cunhada da Cruz.

— Aceito — *disse a moça.*

— Eu sou advogado e ela é professora universitária.

— Muito bem. Agora fica ainda mais fácil conversar convosco. Eu sou fazendeiro, antes era camponês. Gostava mais de ser

camponês, do que gosto de ser fazendeiro. A evolução foi impulsionada pelo tempo, e não por vontade minha. Eu alimento uma grande simpatia pelos professores universitários porque são sempre mais cultos que a sociedade em que vivem. Agora, digam-me uma coisa, o que faz um advogado?

— Defende as pessoas para não serem lesadas pela lei, e ajuda no processo de manutenção de justiça na sociedade.

— Eu também pensava assim antes de sonhar com uma sociedade ideal. Sociedade ideal é aquela na qual todos os cidadãos vivem de acordo com a lei. Depois me perguntei: será que numa sociedade ideal não existem advogados? Se assim for, então os advogados não vão entrar no paraíso. Enquanto que os professores e os camponeses são sempre necessários, porque foram criados ao mesmo tempo com o mundo. Adão era camponês e Eva educava as crianças. E olhem que as educou tão mal que até se mataram.

Não adianta dizer que no paraíso não entram profissionais, porque as profissões fazem o percurso das nossas vidas na terra, o qual, por sua vez, define a entrada ou não na última terra. Espero não estar a filosofar muito, porque o médico proibiu-me devido a minha amnésia. Ou alucinação. A verdade é que eu nunca soube na verdade qual dessas doenças me apoquenta. Isso porque sempre que tentava filosofar, esquecia todas as coisas do mundo real. Mas já melhorei! Existem algumas coisas das quais

jamais vou abrir a mão. Um: trabalhar. Dois: falar. Três: comer. Quatro: fazer amigos. E por fim: brincar.

Também concordo. Pelos vistos já tinha sido accionado o botão das ideias. Para ele basta um ouvinte para abrir um sermão. E neste caso são dois. Será que vai abrir dois sermões paralelamente? Isso é o que ainda havemos de ver, visto que ele continua.

— Como terminou o teu vagão separado, encontraram o ladrão da tua carteira? — *perguntou a pombinha.*

— Aqui faz-se muito barulho por nada. Nesta terra há fumaça sem fogo. Foram cinco horas a toa. A minha carteira não foi achada e nem o ladrão. Era, até, provável que ele tenha ido com o resto do comboio.

Vocês não vão comer? Eu estou com vontade de comer. Nesta terra não temos apetite, temos é vontade de comer, são coisas diferentes. A primeira é para quem sente fome, a segunda é para os esfomeados. A primeira é para quem não sente fome, mas quer comer alguma coisa. A segunda é para os esfomeados novamente.

Vou atacar o meu cachorro-quente. Aconselho-vos a comerem, porque daqui a alguns minutos tudo pode apodrecer por causa do calor. Não se preocupem com o que vão comer no resto do caminho, porque a nossa trajectória terá várias paragens. Mesmo as bolachas podem apanhar bolor, os refrigerantes aquecerem, por isso vamos comer. Por enquanto basta a vontade,

o apetite vem ao longo da refeição.

Se bem que podem dar-me um pouco dos vossos manjares. Quero comer algo que seja do vosso país. Nesta vida eu quero provar tudo. Quero comer tudo o que em algum lugar se come, fumar tudo, beber tudo; frequentar todos lugares, todas discotecas, universidades; usar todos os meios de transporte, chegar mesmo na lua e no centro da terra... em tudo quero poder ter algum comentário. Se o meu espírito me permitisse, até homem provaria.

Pode falar o quanto quiser, mas não precisa ser indecente. Sobre tudo à frente de uma visita. Porque algumas coisas são muito ambíguas nos seus significados. E o que para nós significa uma coisa, para os outros significa outra coisa. Deve ser esse o motivo da mudança de cor da pele da moça ao ouvir as últimas palavras do nosso conterrâneo. Ela avermelhou na cara de tanta vergonha. Talvez!

Então, vamos comer?

— Antes disso, Cuequinha pode indicar-me onde fica o banheiro?

— Aqui fala-se casa-de-banho, mesmo que seja para outros fins.

— Pois é, onde fica isso mesmo?

— Vá pelo corredor para frente. No fim deste vagão, no lado direito há uma porta com desenho de uma menina. Para ti é ai mesmo. Ali poderás fazer todas as necessidades sem te preocupar,

porque as merdas caem na linha férrea. Ninguém as vê, ninguém as sente, senão os cães que de noite atravessam a linha para irem namorar.

Enquanto isso, eu e o Da Cruz ficamos aqui a conversar. Não demore, por favor, porque tenho muita vontade de comer.

Pois é, Da Cruz, vejo que estás muito feliz. Mas também não é para menos, tens uma esposa bonita, simpática... simplesmente maravilhosa. Se eu estivesse no teu lugar, nunca decepcionaria a ela. Ia fazer-lhe agrados todos os dias, para que em nenhum segundo ela deixasse de ser minha. Ia encher-lhe de palavras bonitas, se fosse necessário viraria poeta e ela seria a fonte da minha inspiração. Mas vejo nos teus olhos que vais fazer-lhe bem porque és boa pessoa, sangue bom, como vocês falam. Vocês os dois merecem-se, como cada coração merece ser amado. Olha, talvez seja impressão minha, mas nessas coisas não costumo errar. Fui observando e notei que a tua esposa está... está embarçada. É verdade?

— É normal, eu também estou um pouco embarçado, afinal estamos num lugar desconhecido.

— Não é isso que quis dizer. Digo embarçado — *fazendo um gesto de balão pela própria barriga* — embarçada. É espanhol. A tua esposa está grávida?

— Sim, está. Sim, claro... Serei pai pela primeira vez.

— Que bom. Eu gosto muito dessa parte numa relação de

amor. Vou dar-te o meu telefone para me ligares dizendo que já és pai. Quero dar-te os meus parabéns como se eu fosse o avô. Já estou a ver-te a brincaremos com o teu filho, ou filha, no quintal da vossa casa, na praia, no jardim... eis, como a vida é bela!

Enquanto a mocinha está no quarto das reflexões, um homem aproxima-se do seu lugar e pergunta ao Cuequinha se o lugar estava vazio. Pelo que ele responde que não. De seguida o homem aponta para onde está sentado o Da Cruz e faz a mesma pergunta. Cuequinha irrita-se um pouco e levanta a voz mandando o homem ao escambau.

— Aí vem a minha nora — *di-lo com a cara mais feliz* — Foi bem rápida! Acredito que vais ser o pai mais feliz do mundo, que vais te redobrar para dar o teu melhor. Acredito que vais crescer cerca de dez anos num só minuto, quando vierem dizer-te que já nasceu. Diz-se que o homem constrói a casa, a mulher embeleza-a, e o filho ilumina-a. Eu acredito que esse filho vai ser uma luz fluorescente nas vossas vidas. Queira Deus que tudo aconteça conforme eu acredito que vai acontecer.

Cunhada da Cruz, antes de te sentares peço que me entregues o que te pedi antes de saíres. Enquanto tiras da mala, vou dizer-te o que fiquei a saber.

Ela mexe na mala, e de lá tira um embrulho. Coloca-o à mesa.

Em breve vocês vão dar a vossa primeira contribuição na missão de encher a terra. Vejo que a terra vai transbordar! Transbordar de alegria, de felicidade, de amor. Fiquei sabendo

que estás a espera de um bebé. Um bebé para selar o vosso amor, para purificar o vosso casamento, para testemunhar a vossa maturidade, para vos dar alegria em abundância. Não existe algo comparável a um bebé: aquele ser humano pequenito, debuxo, indefeso, inocente e sorridente... olhando pelos lados mesmo sem ver nada. Ai, que maravilha!

— E ingénuo. — *retorquin ela.*

— Pois é. Por isso é que nascer é uma bênção e cuidar de uma criança é uma dádiva. Espero que os vossos pais não sejam ciumentos, porque candidato-me a ser avô. Se não avô, padrinho. Se não padrinho, então xará. Só quero fazer parte dessa alegria, quero estar convosco ao lado do bebé. Se possível serei o babá dele.

Virando-se especialmente para o moço, recomenda: Meu filho, vou ensinar-te uma coisa que, com certeza, o teu pai também ensinou-te. O facto é o seguinte: um dos requisitos básicos para o sucesso de um homem é que tem que ser bem casado. Tem que ter uma esposa compreensível, e que esteja do seu lado em todos os momentos. Mas para ser bem casado tem que merecer. Tem que aprender a respeitar e a cuidar da sua esposa com amor. Isto funciona como um toma lá, dá cá, entendes?! As mulheres são como presentes para os homens. Se fores um bom homem, serás presenteado com uma boa esposa; se fores um homem normal, serás presenteado com uma mulher normal; se fores um péssimo

homem, terás uma mulher à altura.

Cunhada da Cruz, vai desculpar-me por comparar-vos a um presente, é a minha falta de inspiração nas comparações.

Da Cruz, falo-te estas coisas em frente da tua mulher para ela sempre te lembrar quando fugires do caminho. Embora queira acreditar que isso não será necessário, visto que tu entendes que este caminho só tem sentido único. Ademais, o caminho é policiado com garras e dentes.

Já agora, obrigado pela comida — *puxa a encomenda mais para junto de si* — Mas no momento estou a falar. Quando falo sobre coisas emocionais perco vontade de comer. Falo, falo e viajo na essência daquilo que falo. Me imagino dentro daquilo que falo. Me embalo. Perco os sentidos, só funciona o verbo e a mente. Às vezes pode me vir a vontade de urinar, mas não senti-la de tanto estar embalado. Só me descubro molhado nas calças. Que isso não aconteça aqui!

Não sou mentiroso, apenas sensível à tudo o que diz respeito ao amor. A mim o amor enche o estômago.

Sabem, meus filhos, agora é que toquei no ponto. Não no ponto final, mas no inicial. Vou contar-vos o que isto tudo me lembra. Estiquem bem os vossos ouvidos, acompanhem-me nesta viagem para o passado. Quem gosta do passado não é só o museu, eu também. O passado somos nós reflectidos no espelho do presente. Por isso agora convido-vos a voltarmos juntos à

alguns capítulos do meu passado. Não é de avião que se vai, é de imaginação.

Era uma tarde fria no campo. Voltava eu da minha machamba conduzindo um tractor. O frio penetrava-me nas orelhas e nos pés. Assobiava enquanto conduzia. Ninguém ousava fazer-se à rua, tanto que ela estava abandonada. Eu regressava à minha doce casa. Doce de açúcar! Era mais um dia comum de inverno que tinha acabado de terminar. Assim que cheguei a minha casa, a minha esposa puxou-me pela mão para a sala. Eu disse-lhe para que se segurasse mais um pouco, porque eu estava com fome, com frio e com sujidade na roupa e no corpo. Queria tratar dessas coisas primeiro, na mesma sequência em que as dissera. Mas ela estava impaciente. Disse que me esperara o dia inteiro. Mais não podia. Aceitei. Me deixei levar. Me mandou sentar. Sentei. Ela atirou-se no meu colo. Puxou a minha mão e pôs-la na barriga dela, concretamente na zona do umbigo. Perguntou se eu não estava a sentir nada. Respondi-lhe que sentia que ela estava mais quente que eu. Ela repugnou. Não era isso que queria que eu sentisse! Dei-lhe outra resposta, dizendo que sentia que ela estava amaciada. Ela disse-me que eu estava perto da resposta certa. Por fim eu disse que achava que ela tinha comido carne de vaca com asas. Ela ficou aborrecida e saiu do meu colo. Mas eu também só falei por falar, queria apenas ser um pouco engraçado. Levantei-me e dirigi-me à cozinha quando ela interrompeu-me e disse:

— *Estou grávida.*

Não pude acreditar nos meus próprios ouvidos. Tinham sido seis anos de casamento e de espera. Por alguns minutos mantive-me parado no centro da casa. Vieram-me à mente todos os sonhos com um filho. Surgiram-me, igualmente, todas as tentativas fracassadas que fizemos. As decepções. O conformismo. As provocações dos conhecidos. Os conselhos dos padrinhos. Tudo me veio num piscar de olhos. Estava difícil acreditar nos meus próprios ouvidos! Virei e pedi para que ela repetisse.

— *Mor, estou grávida.*

— *Grávida! Grávida de verdade, grávida de... barriga cheia... assim... nove meses... grávida, depois bebé! Eu, pai!* — Esse já era eu a falar coisas desconectadas. Na verdade não sabia o que dizer, ou o que fazer, de tanta emoção. Ignorei o facto de que estava sujo. Abracei-a ela. Um calor forte envolveu-me. O meu estômago encheu-se. Levei-a nos meus braços até à cama.

— Porquê logo à cama? — *pergunta a jovem.*

— Porque eu não estava a pensar naquele momento. Quando nós homens perdemos as nossas funções cognitivas corremos para lá com as nossas parceiras.

Então, a partir daquele dia fui exercitando o que devia fazer como pai. Na minha machamba meti mais alguns funcionários. Eu passava a trabalhar menos horas, para ter tempo de ir cuidar

dela. Guardava sempre um tempinho para perguntar sobre as suas vontades. E guardava muito tempo para estar perto dela. Sempre que chegava a casa perguntava-lhe:

— *Hoje queres pato frito, ovo cru, ou salada de frutas silvestres...?*

Muitas das vezes ela não queria nada do que estivesse na minha lista. Outras vezes ela mesma aumentava um prato na lista. Eu apenas cumpria. Eu era o servo e ela a rainha. Afinal ela levava no ventre uma princesa, ou um príncipe. Outras vezes, ainda, ela apenas dizia querer um abraço.

Passaram os dias como se não fossem passar. Fui me acostumando e voltando devagar à minha rotina de trabalhar o campo. Estava a lavrar no meu campo, um pouco distante da casa, quando um miúdo veio disparado em minha direcção. Veio dizer-me que a minha esposa foi à cidade fazer compras e terminou na maternidade. Teimosa. Naqueles dias eu a proibira de sair para longe, precisamente para evitar aquelas situações. O miúdo tinha sido enviado para vir chamar-me.

Eu e o meu tractor saímos do campo de cultivo directo para uma das avenidas da grande cidade. Depois outra avenida. E outra novamente. O trânsito não nos dificultou muito. Finalmente chegámos à maternidade, onde se prova a maturidade feminina. De porta à porta entrei disparado feito relâmpago. Em primeiro lugar queria saber em que situação se estava. Em segundo lugar queria saber o que estava sendo feito. Como é que

estava a minha esposa? Teria já dado a luz? É o que me trazia turbulências na cabeça.

Mandaram-me aguardar, porque ela estava na sala de parto. Lá o acesso tem olhos, é restrito. Tive que esperar por um tempo indeterminado. Transpirei. Limpei. Voltei a transpirar. Limpei-me novamente. E transpirei de novo... até as unhas roí-as todas de tanto nervosismo. Nunca tinha estado numa espera com tamanha ansiedade. Aquilo parecia uma guerra fria! De repente um soldado branco veio ter comigo para declarar a nossa vitória. Ainda me lembro daquela voz tentando expressar-se em português, mas mesmo assim deixando marcas de um sotaque espanhol:

— *Sr. Escobar Cueca, tenho lbo prazer de informale de que nació su hijo. Es un niño lindo. Três quilos de peso, cinquenta y dois centímetros de altura, trinta y cinco de la cintura... es forte e gordito. Pode entrar para presenciar personalmente. Mas terá pouco tempo.*

Saí a correr, nem tive tempo para dizer obrigado. Mas foi dito pelo coração. Ficou um dito pelo não dito! Minha esposa que o segurava nos braços, passou-mo. Naquele momento me senti adulto de verdade. Também senti-me um grande pecador diante de uma criatura inocente, ingénua e talvez santinha. Quando olhei para ele, coberto pelos meus braços, imaginei como ele iria precisar de mim. Tanto para trabalhar a comida, como para upar-lhe ou, mesmo, para passar a mão sobre sua cabeça.

— Ou para puxar-lhe a orelha, também.

— Sim. Sem dúvida. Aquilo era uma ingenuidade toda em pessoa! De seguida um olhar: ele olhou-me fixamente, como se me decorasse as façanhas e as jovens rugas. Não tirou o olhar de mim. Olhei-o também. A parteira entrou na sala, e disse-me que ele ainda não via. Fiquei decepcionado. Queria tanto que ele visse o meu rosto feliz por ele. Ou que visse que pai bonito ele tinha. Mas, entende-se. Teria a vida toda para ver isso. Depois a parteira pediu-me para sair, queria fazer o seu trabalho. Saí.

— E o nome, já tinhas escolhido? — *pergunta a moça.*

— O nome não foi difícil escolher. Eu tinha uma enorme lista com nomes dos heróis gregos. Os mais favoritos da lista eram Ulisses e Aquiles. Mas, quando vi o semblante pretinho do meu filho, ignorei a lista. Não fazia sentido. Dei-o o nome de Naftal, para significar que, com a ajuda de Deus, lutei tanto ao lado da minha esposa e vencemos. Naftal. Assim mesmo, Naftal do sabor da vitória.

Agora quero que a vitória seja vossa. E tenho a certeza que será, tanto que quero estar do vosso lado quando ela vier. Acreditem e verão, creiam e verão, esperem e verão, confiem e verão. Só não verá quem duvidar da sua própria fé. Eu nem vou dar-me ao prazer de morrer antes de ver. Quero ver tudo, para ter o que falar depois da morte.

— O senhor é Cristão? — *remata outra pergunta para mais uma resposta completa.*

— Cristão tem o quê? Não percebi a pergunta, mas vou dizer-te uma coisa. Sabes, Cunhada da Cruz, ser Cristão não é garantia de nada. O bilhete para o Céu vende-se no mercado da vida. Se não entendeste não faz mal, vou explicar-te. Eu não sou frequentador assíduo da igreja, se bem que até do caminho já me esqueci. Mas vivo a vida conforme ela tem que ser vivida, e não há diabo nenhum que me atrapalha. Conhecer Deus não é ser Cristão, antes é ser humano. Como tenho dito: a vida será mais simples quando vivida com simplicidade.

As designações religiosas são meras criações do homem. Nós gostamos muito de dar nomes às coisas, de categorizar tudo. Mas, a essência das coisas não muda em função do nome. Senão vejamos: esta coisa à minha frente chama-se “hamburger”. Se eu lhe der outro nome, deixará de ser esta coisa? Certamente não.

E há mais. Bem antes do Naftal nascer, eu já tinha decidido que nunca ensinaria aos meus filhos que existe diabo, o qual é responsável pelos males que nos apoquentam. Não queria dar-lhe esse ensinamento. E não dei! Porque falar de alguém, bem ou mal, é difundir, é torná-lo perene, é eterniza-lo nas mentes de todas as gerações. Se os meus filhos ficaram a saber sobre ele, foi por outras bocas. Eu ensinei-os que só existe Um Poderoso, acima do qual ninguém faz nada acontecer, nem que seja mover um grão de areia sequer. Ele é responsável por tudo.

Prometi ensinar-lhes que às vezes nós queremos que aconteça

uma coisa, enquanto que Ele tem outros planos connosco e, como sempre, tem prioridade, e acaba acontecendo aquilo que Ele deseja de nós. E como não era aquilo que queríamos naquele momento, pensamos ou dizemos que o que aconteceu é mau, é maldade. Às vezes até choramos. Mas o que é preciso é parar de chorar e limpar as lágrimas para podermos ver bem. Porque toda a moeda tem o seu lado de valor. Tudo o que acontece e pensamos que é mau, pode servir de aprendizagem, ensina-nos o que devemos fazer para que o mesmo não se repita. O plano d'Ele é único: dar-nos felicidade. Mas há várias vias, no meio das quais existem alguns obstáculos. Cada obstáculo é uma lição para quem limpou as lágrimas.

Digo-te mais, budistas, judeus, muçulmanos, hindus, cristãos, pagãos, ateus... todos eles amam e odeiam da mesma forma. Sentem dor, alegria, tristeza da mesma forma. O que está aqui — *apontando para o peito* — é feito do mesmo material.

Este é o ensinamento que me esforcei para eternizar, iniciando por ensiná-lo ao Naftal.

Para responder directamente à sua pergunta, sou areligioso.

O nascimento do meu primeiro filho foi para mim uma bênção, enquanto que para alguns vizinhos foi um mistério. Passados alguns meses, vieram dizer-me que o meu filho era anormal. Anormal porque tinha dentes de leite, mas mordiam como uma serra. Em jeito de brincadeira disseram dentes de leite

em pó. Procurei justificativas. Disseram-me que ele era malandro também. Malandro, como?

Não puderam explicar-me. Depois fui perguntar a minha esposa se sabia alguma coisa a respeito. Ela disse que devia ser porque o menino sempre piscava o olho para a filha do vizinho. Mas eu não via coisa mais natural que aquela.

Da linguagem das crianças nós só temos que ficar longe. Os dois que se entendessem, e com certeza se entenderiam.

— Pois eu também concordo. — *ele concorda, para uma implicância da sua esposa.*

— Também só podias concordar!

— Olha só, se o homem está o que é que tenho que fazer?!

Ela não volta a falar nada, mas lê-se no seu rosto a inquietação. Por sua vez o discursante continua.

— Assim é que tinha que ser. Criança que se entendesse com outra criança; adulto que se entendesse com outro adulto. Mas nós, como somos muito intrometidos, pensamos deter o poder de controlar as vidas dos nossos filhos e tudo o que acontece com eles.

Bom, se era essa a razão, então era um mal menor para se chamar ao meu menino de malandro. Isso porque piscar o olho é o primeiro passo para uma amizade duradoira, ou um romance. E na qualidade de rapaz é ainda mais normal, é cortesia.

Mas tinha mais. Fiquei a saber também que ele gostava de

gatinhar directo aos pés das pessoas, e as mordida os calcanhares. Por essa razão chamavam-lhe de cãozinho. Cachorrinho. Cachorrinho, ao meu filho! Logicamente chamavam a mim de cão e a minha mulher de cadela. Não, desta vez não foi do meu agrado! Tanto que eu disse a todos para pararem com aquela designação ao meu filho, porque era uma grande provocação. Fiz todo o tipo de ameaças. Disse-lhes que gostava de quem me provocava, mas gostava ainda mais de quem me respeitava. Assim terminaram. Desta feita, o meu filho cresceu em idade, saúde, corpo e malandrices.

Sabiam vocês que a primeira palavra que muitas crianças geralmente ouvem ao nascer é “não”? “Não chore...”. E teimo que tenha sido a mesma que o meu filho ouviu! Mas a primeira que ele pronunciou foi “pão”. Embora a minha mulher negue, diz que foi o nome dela. Talvez tivesse vergonha de ter nascido um filho cheio de apetite, não digo guloso! Fosse como fosse, o menino gostava de comer. Ele é que me passou o hábito! Eu tinha que comer para fazer-lhe companhia.

— Agora vai culpar o menino pelos seus hábitos?! — *mais uma retorção da moça.*

— Não. Não lhe culpo, mas que me influenciou sim. Eu passava horas acordado a dar-lhe de comer. O que você queria que eu fizesse senão comer junto com ele?!

Então, depois começou a andar. Vieram outros problemas.

Orientava-se pelas paredes e ia sempre sozinho para a cozinha. Lá o perigo era maior: as tomadas de energia, o fogão, panelas quentes, objectos suspensos no armário... Aí tive que intervir: mandei colocar uma porta na cozinha. Resolvi o problema com a fechadura. De seguida o miúdo decorou o caminho que ia a casa-de-banho. Descobrimos isso muito tempo depois, quando vimos que as pastas de dente já não demoravam acabar. Ele chupava-as todas! Outro dia a minha mulher encontrou-o com a cabeça entalada no vaso sanitário, com pernas suspensas no ar, os braços a lutarem com a pia de um lado e do outro. Era uma questão de minutos para morrer ou ficar deficiente! Mas foi visto à tempo. No momento eu trabalhava no campo, havia colheita de milho. Quando cheguei a casa falaram-me sobre o sucedido. Fiquei chocado. Disseram que felizmente a cabeça dele era já grande o suficiente para não caber naquele tubo. Mesmo assim continuei com medo de imaginar o que poderia ter acontecido. Pelo menos a cabeça grande dele havia servido para alguma coisa!

Os malandros pagam com as malandrices.

Semanas depois perguntei-lhe o porquê daquela brincadeira. Gaguejando na fala, fez-me perceber que queria conhecer o caminho que a merda percorria. Foi uma resposta muito engraçada para um caso sério como aquele. O caso ficou famoso, todos falavam sobre ele. Quando eu passava na rua, apontavam-me com os dedos e paus dizendo: “*Aí vai o pai do pequeno*

canalizador”.

Disso não me envergonhava porque se tratava do meu filho. Podiam falar o que quisessem, a mim bocas longas não atingem. Aliás, da minha família todo o mundo sempre falou. Falam como se fôssemos políticos. Enquanto que somos apartidários de corpo e alma, na rua, ou no trabalho, ou em casa. Talvez não: a machamba é o nosso partido.

— O senhor gosta mesmo de trabalhar a terra. — *eis agora o jovem a substituir a sua esposa na perguntação.*

— Gostar é pouco, amo. Em primeiro lugar está a minha família, logo depois vem a terra. Querem que eu goste mais de quê? Gosto daquilo que me enche o estômago, porque o estômago é um animal que mata mais do que os leões. O meu trabalho abriu-me os horizontes e os olhos. Descobri que o mundo todo vive do campo e morre para o campo. Não se trata de nenhuma profecia, trata-se de muita experiência! Não há nada que me dá mais prazer do que comer os frutos do meu suor fazendo o trabalho de Adão.

Quando não estou doente, estou sempre bem.

Bom, acho que agora posso dar uma pequena pausa para comer o hambúrguer e solver o refrigerante. A senhora Cunhada da Cruz pode passar-me, por favor, as vossas bolachas? — *ela entrega-lhe um pacote de bolachas* — Muito obrigado. — *educadamente agradece.*

Nos primeiros instantes, enquanto ele saboreia o lanche, abunda um pequeno silêncio. Depois da primeira mordida resmunga de boca cheia — isto é que é lanche de verdade.

Bem fundo ouve-se a rádio do comboio a tocar. E paralelamente ouve-se o som dos carris a percorrerem o seu caminho de ferro. O comboio vai saindo de mais uma pequena localidade. Ao mesmo tempo vai aumentando a sua velocidade. Da janela se pode contemplar as árvores e as casas a correrem no sentido contrário.

Paralelamente, o velho escuta o casal a trocar umas palavras entre si.

— Bebé, não estás cansada?

— Não. Pelo contrário, estou animada com as conversas do Cuequinha. Ele sabe muita coisa, da qual podemos aprender.

Com a boca cheia novamente, reage o Cuequinha: — Não esperem aprender nada comigo porque eu sou um falhado. Falo tudo errado, apenas certo para mim mesmo. Eu falo o meu próprio senso comum, porque amanhã posso vos desmentir o que hoje vos falo. Tudo o que falo aprendi na escola da vida, onde o tempo é o professor...

De repente uma senhora sentada no banco atrás do Cuequinha vira-se para ele. Toca-lhe no ombro para chamar a sua atenção. Ele interrompe o lanche. Vira-se contorcendo o pescoço. Limpa a boca com o traseiro da mão direita. Repeti o mesmo gesto com a mão esquerda. Depois pergunta — em que te posso ajudar?

A senhora pergunta-lhe se ele está bem. Ele responde que sim e procura

saber os motivos da pergunta. Ao que ela diz que já fazia tempo que queria dirigir-lhe a palavra, mas não conseguia arranjar coragem. Ela aumenta dizendo que desde que Cuequinha entrou está a falar sem parar. Sozinho. E termina perguntando — posso vir sentar-me contigo?

Ao que Cuequinha fica um pouco constrangido e pergunta se ela não vê a sua companhia. Exaltando-se continua parafraseando a mesma pergunta. Termina negando a última pergunta da senhora. Diz estar acompanhado e bem acompanhado, muito obrigado.

Ele vira-se para os seus amigos. Rosna novamente. Respira fundo. A conversa entre eles continua como se não tivesse sido interrompida.

— Que idade tem o senhor? — se esta pergunta tivesse saído do destinatário lhe negariam a resposta assim: “não se pergunta a idade de uma mulher”. É, talvez, faça algum sentido. Não se pergunta a idade de uma mulher porque o homem sempre vai esquecer!

— O Senhor está no Céu e não conheço a idade dele! A mim pode tratar por “tu” que não me irrita. Já agora, eu tenho várias idades. Tenho trinta anos de saúde, sessenta e seis de vida e cem anos de experiência. Destrocando em quinhentas: antes de me casar andava doentio. O casamento accionou o relógio da minha saúde. O relógio da minha vida começou a tiquetaquear desde que nasci, pois não nasci morto. O outro relógio é sobre os meus conhecimentos, os quais equivalem a cem anos de vida. Este último relógio é maleável, podendo andar rápido ou devagar, dependendo da flexibilidade da pessoa em aprender com a vida.

Isso dita a qualidade daquilo que cada um de nós pensa. O relógio do conhecimento é accionado no começo da vida, podendo vir a correr mais rápido que o da vida, ou mais lento. Pode correr mais lento porque enquanto nós andamos para frente, há pessoas que correm para trás! Eu aprendi tanto quanto sofri! E sofri tanto quanto aprendi...!

Porquê me fizeram mais perguntas? Querem me adiar ainda mais o apetite? Mas não faz mal, é por uma causa nobre.

Por mim, o ser humano foi criado como se fosse barco, e posto neste mundo como o barco é posto no mar. Mas difere-se do barco porque dispõe-se da racionalidade para se guiar ao longo da vida. Porque a vida é mais perigosa que o mar. Enquanto que os barcos são guiados! Aquele que usar da sua cabeça para pensar há-de chegar ao cais, mas aquele que não der o devido uso dos seus miolos há-de seguir pequenos ventos como uma canoa.

A cabeça foi posta na parte superior do nosso corpo precisamente para pensarmos grande, alto. Foi posta até acima dos membros superiores, simplesmente para podermos ver longe. Como aquele observador que fica no topo do barco para ver o que vem à frente — uma espécie de radar humano.

Se bem que os barcos modernos não precisam mais dessa pessoa.

Se somos racionais, então temos que pensar grande. Temos que quebrar as fronteiras do pensamento. Uma pessoa, enquanto

pessoa, tem que pensar como pessoa. O pensamento ensina, dá mestria, mas também condena. Se a pessoa não puser a cabeça no lugar não vai chegar a lugar nenhum. Vai correr tanto, tanto e tanto para depois descobrir que está em cima de uma esteira eléctrica.

E... pensar é um exercício para o nosso cérebro. Os órgãos que são exercitados ficam fortes, caso contrário atrofiam — quem assim o disse foi um tal de Darwin. Não eu. Logicamente se pensarmos sempre, ficaremos habituados a pensar. Se nos habituarmos a pensar, passaremos a tomar boas decisões, fazer boas escolhas. Além de que se pensarmos frequentemente acabaremos com manias de inteligentes.

O tempo é o grande mestre que é porque nos dá tempo de pensar. Com esse tempo temos que pensar, pensar e pensar até pensarmos bem.

Cunhada da Cruz: — Tu falas bonito. Pareces poetisa, ou és?

— Quem é que não é!? Se vocês não são poetas, o azar é vosso. Eu não sou poeta no verdadeiro sentido da palavra, apenas sei ser poeta. O facto é que aprendi o manuseio das palavras, a sua manipulação. Aprendi que as palavras são armas que podem destruir ou construir, dependendo do seu utilizador e da sua capacidade de as usar para alcançar os seus objectivos. São palavras de carinho, palavras de apreço, palavras de amizade, palavras de amor, palavras um pouco assanhadas, palavras

sinceras, verdadeiras, honestas, humildes, acolhedoras, atenuantes... palavras certas no momento certo para os ouvidos certos. Estas são as palavras nas quais aprofundi o meu empenho. Do meu vocabulário activo eliminei as palavras feias, ainda que não completamente porque às vezes as situações exigem o seu uso. É que nem o fim da guerra não significa um desarmamento completo.

Dizem que falo certo no momento certo. Mas eu considero que apenas sei dar a César o que lhe pertence. Porque mesmo insultar ou instigar sei fazer! Só que eu insulto com mestria e um pouco de humor, para evitar ofender muito. Mulheres não estigo, é perca de tempo e cortesia! Mas é como costume dizer: eu viro bicho quando algum bicho se aproxima de mim.

Há outros momentos em que me pergunto se adianta ser poeta. Porque todos corações me parecem já conquistados.

— Nem todos! — *novamente ela responde. Enquanto isso o seu marido fica calado, apenas a ouvir. Ele está tão passivo à conversa quanto os outros passageiros. Orienta a sua visão na pessoa que possui a palavra.*

— Pois bem, nem todos. Os que restaram são obrigados a caçar um caçador. Os que continuam livres em breve se entregarão. Outros não precisarão de ser conquistados! Alguns vão conquistar para se sentirem conquistados. Eu, simplesmente, falo o que penso e penso o que sinto. Se necessário, falo besteira.

No capítulo de instigar as mulheres, uma vez eu disse a um

amigo que um solteiro jamais deve instigar mulheres. Esta proibição é duas vezes aplicada a quem é casado. Isto porque o solteiro ainda não sabe a sorte que lhe espera. E o casado porque todos os dias tem que honrar a sorte que teve. E também porque não sabe qual será a sorte dos seus filhos. Devendo, portanto, por eles torcer.

Como sempre a vida me separou das pessoas que estimo, ou separou elas de mim, passei cerca de cinco anos sem ver esse meu amigo.

Ei-lo de repente. Naqueles dias em que o meu menino acabava de nascer. Numa noite de lua cheia. Céu iluminado pelas estrelas. O horizonte brilhava vermelho-amarelado, ou vice-versa. Os vizinhos já acendiam as suas lamparinas. A casa respirava ar fresco do campo. Os grilos grilhavam. A enseada lá atrás descia lentamente. De longe as colinas desfilavam as suas cores pálidas. As pequenas cataratas traziam-nos vento húmido e fresco... De repente uma batida na porta. Em poucos segundos outra. E mais outra. Outra novamente. O hóspede parecia apressado! Com uma feição irritada fui abrir a porta. Era ele: o meu velho amigo, Zé Dezanove.

A minha feição irritada se tornou imediatamente num rosto sorridente. José era o nome dele. “Dezanove” porque perdera um dedo do pé a cortar madeira. Assim ficou Zé Dezanove. Naquele momento do seu lado tinha uma mulher visível a olho nu.

Foi um encontro memorável. Eles não puderam passar muito tempo connosco. Mas com o pouco tempo de conversa pude notar que ele tivera uma boa sorte. A esposa dele era simpática, meiga, inteligente, e, acima de tudo, humilde. Também estava decentemente trajada. Nos tempos que corriam era difícil encontrar uma mulher escolarizada que soubesse respeitar os outros. Era quase impossível encontrar uma emancipada que reconhecesse as fronteiras naturais entre homem e mulher. Mais difícil ainda era encontrar uma urbanizada que apreciasse a vida no campo. Nos dias que correm já é normal! Fiquei ainda mais impressionado com o modo dela de falar: muita sabedoria que parecia profetiza.

Mas é claro que nestas classificações ponho a minha mulher de lado, porque se ela entrar já não haverá comparação nenhuma. A minha é tudo aquilo mais alguma coisa. Não tenho problemas em elogiar a mulher do outro, desde que antes eu elogie a minha. Sou sincero nos meus elogios.

Agora vocês que me digam: cumpriu ele a minha recomendação ou não? Eu não precisei de lhe perguntar porque meia palavra só não basta para um mau entendedor.

Bom, filhos meus, já estamos perto da nossa primeira paragem. Mas enquanto não chegamos lá deixem me falar dos meus elogios.

Eu sou honesto nos meus elogios, e acima de tudo sou

honesto na minha palavra. A minha intenção não é mostrar aos outros que sou honesto, é ser honesto comigo mesmo, com o meu nome, com os meus planos, com os meus compromissos, com a minha palavra, com os meus princípios... Apenas tenho medo de mentir porque tenho a minha reputação por zelar. Eu acho que a mentira não frequenta o mundo da razão e anda sempre longe do universo das coisas verdadeiras. Uma mentira atrai outra.

Costumo falar que o que vai me matar é a verdade. É só com ela que tenho compromisso. Para mim não há argumento nenhum que sustente uma mentira, e não há teoria nenhuma que defenda aquilo que não é verdadeiro. O sofismo desmoronou há muito tempo! Considero que a verdade nasceu com a humanidade, enquanto que a mentira nasceu da humanidade.

É bom calar para a boca não mentir, do que falar para a razão desmentir...

Um dia a verdade olhou para a mentira e disse: tu só duras enquanto dura o meu sono.

Falo só quando é para falar. E é para falar só quando tenho certeza daquilo que quero falar. Uma árvore é conhecida a partir dos seus frutos. Uma mangueira é mangueira porque produz mangas, se produzisse bananas então não seria mangueira. Seria uma confusão porque a bananeira iria querer fazer bananas também. Nesta óptica, uma pessoa pode ser conhecida por aquilo

que fala. A fala costuma ser produto do pensamento. Costuma! Eu dizia aos meus filhos: diz-me o que pensas e te direi até onde vais.

— Por que falaste assim “eu dizia aos meus filhos”? Quantos filhos tens? Já não lhes falas mais nada? — *agora pergunta Da Cruz.*

— Vamos devagar, até Namaacha vocês vão saber tudo, tudinho. Cunhada da Cruz, está tudo bem contigo? Me parece cansada. Estou a falar demais ou te está a faltar ar fresco?

— Nem uma nem a outra coisa. Estou apenas a deliciar-me com as lições da vida. O que falas embala-me, envolve-me, penetra no meu espírito e vai alojar-se dentro de mim. Provavelmente para sempre.

— Isso não é anormal. Por favor não responsabilize-me pelas coisas que penetram o teu espírito e se alojam em ti. Se gostas do que falo, obrigado. As tuas palavras servem-me de combustível, mas não dispense um prato de feijão. Os elogios fazem-me tão bem que até me deixam mais bonito. Faço qualquer coisa para receber um apreço sincero. Há quem diga que sou um caça-elogios. Enquanto que sou apenas um homem acostumado a ser sincero. Sou um escravo voluntário da verdade. Se fosse necessário, morreria só para ficarem a me elogiar. Mas prefiro ouvir pessoalmente o que falam sobre mim. Porque quando me elogiam o meu sangue circula mais rápido, as doenças afugentam-se. Sobre o meu corpo estatelado não quero palavras, apenas

lágrimas... lágrimas e orações. A morte será a minha vergonha. Eu ali deitado. Todos a olharem para mim com corações rasgados e eu sem boca para lhes consolar. Quando penso nisto até fico um pouco deprimido. Por isso é sempre bom evitar falar da morte. Me parece que só de pensar em morrer, já morri.

— Às vezes pareces possuído quando falas. — *comenta ela.*

— Prefiro estar possuído do que não ter nenhum espírito em mim. A pessoa tem que ter alguma característica, tem que estar em algum lado. Nunca deve estar no meio, no nada. Ou vota, ou se abstêm. Ou chora, ou ri. Ou é santo, ou é pecador. No meu caso: ou sou abençoado, ou sou possuído... Vocês é que me vão dizer o que eu sou.

Bom, vamo-nos preparar para sair, refrescar um pouco. Já estamos na estação.

Saiamos com as nossas pastas, porque nem os fiscais são confiáveis. Ninguém fiscaliza os fiscais. Na mesa deixemos os vasilhames e os pacotes de bolachas para marcarmos o nosso lugar. Não confiem em mais ninguém. Sigam-me...

ESTAÇÃO DOS ESTUDANTES

*Eu já vi uma pessoa que estudou tanto, tanto, até se
decepcionar com a ciência e preferir ficar maluca.*

A estação é um lugarzinho pequenino. No fim do edifício vê-se obras de construção. Parece que a estação vai crescer em tamanho. As pessoas caminham de um lado ao outro, procuram descansar da massagem dos assentos do comboio. Outras esperam outros comboios. Apreciam as poucas vitrinas que ainda resistem aos momentos de crise. Há quem compra um café aqui. Há quem compra um bolinho ali. Há quem compra um presente-lembrança acolá. O relógio na parede pode não ser grande como o Inglês mas também não pára de marcar o tempo certo.

Por outro lado, os funcionários da estação verificam o comboio. Batem nos parafusos para verificarem se estarão todos bem apertados. Verificam a cabine do maquinista. Até cães são chamados ao serviço. Tudo por questão de segurança. Depois daquele acidente o governo ficou sensível. Aquele lá... Até quiseram colocar um Padre em cada estação mas não foi permitido, porque este não é o comboio para o Céu.

E os nossos viajantes entre os outros viajantes abandonam o comboio para refrescar.

— Não vamos para muito longe, vamos só sair um pouco da plataforma. Vou falar-vos tudo o que sei sobre esta pequena vila. Quer dizer, um pouco de tudo o que sei. Vamos aproveitar os poucos minutos que temos para enriquecer mais um pouco as nossas mentes. Dizem que conhecimento não ocupa lugar, mas eu pergunto por que a mente selecciona o que guardar por muito tempo e o que descartar? Não precisam de me responder, meus caros filhos, apenas anotem. Registem tudo, porque dentro de tudo que falarei há algo de útil. Por mais incrível que pareça, numa lixeira ainda se pode encontrar algo aproveitável. Nem tudo o que vai ao lixo é lixo.

Diz-se, sem confirmação oficial, que esta é a vila dos estudantes. A verdade é que aqui vivem muitos jovens. E pode se confirmar que são jovens empreendedores. Eu queria ter nascido aqui, talvez tivesse tido uma sorte diferente. Não que eu esteja inconformado com a minha! É que sou humano: sempre cobiço aquilo que não tenho.

Se tivéssemos passado ainda mais cedo poderíamos ter testemunhado o movimento massivo de crianças uniformizadas e jovens disfarçados indo à busca do conhecimento. Mochilas nas costas. Passos apressados. Camisas seguradas pelas calças. Uma brincadeira aqui, outra ali, mais uma acolá. O uniforme é obrigatório para os meninos, porque esconde as suas diferenças. Embora apenas as esconda enquanto os meninos não se

aproximam da cantina. Os jovens não precisam dele. Estes precisam de exibir as suas diferenças, aprender a viver com elas.

Os jovens andam mais reservados. As crianças quase não andam, correm animadas. Algumas empurram-se, e chegam já sujas à escola. Marcham. Mas todos quando marcham parece que saíram da mesma casa e vão ao mesmo bazar, esquecem as suas diferenças e unem-se num só movimento: a busca diária do saber. Há os que parecem mais sérios no assunto, há os que só aproveitam a onda, e há os que acompanham os outros. O movimento é regular, de segunda à sexta-feira, com períodos determinados. Mas antes deles, passam os professores nas suas batas brancas, com portefólios nas mãos. Eles cumprimentam as vendedeiras que logo pela manhã arrumam as suas bancas para alimentarem os meninos durante os intervalos. Isso sem contar com os que se movimentam de carros, motos ou de bicicletas!

Os menos pontuais são os meninos das casas grandes. Esses sempre andam atrás, são os últimos a chegar. Não se misturam para evitarem sujar a roupa sempre nova. Nota-se a mesma diferenciação na hora do intervalo maior. Não vou falar muito sobre isso, para evitar discriminação social.

Os universitários andam disfarçados. Confirmam: cada maluco com o seu compromisso! Quase imperceptíveis. Vão à busca de um conhecimento aprofundado. Aprendem novas técnicas e novos socialismos. Alguns são realmente inteligentes, outros

usam óculos para fingirem inteligências.

O que eu gosto é que na escola faz-se cruzamentos de hábitos, costumes, modas... Deixar o filho ir a escola é permitir-lhe o contacto com o mundo. O que não acontece noutras instituições, por exemplo, na igreja. Quantas pessoas adiaram uma ida a igreja porque não tinham roupa limpa? E eu pergunto: para ir a igreja, o que tem que estar limpo, a roupa ou o espírito? Depois dizem que os culpados são os luteranos! A falta de vergonha é uma vergonha.

Bom, eu ainda não entendi onde quer chegar com estas palavras tão dispersas. Deve estar a extrair todo o conteúdo do seu conhecimento ao mesmo tempo. Porém isso é perigoso. A mente nunca deve ser esvaziada, porque nem sequer nasce vazia... Os nossos jovens também não entendem para onde essa conversa os vai levar, e tomam a iniciativa de reorganizar o diálogo. Começando com a pergunta da Cunhada da Cruz.

— Qual é o teu nível académico, Cuequinha?

— Ainda não terminei a minha academia, e continuarei a estudar até ao fim do meu fôlego. Se eu tivesse pisado escola alguma, hoje eu seria um funcionário público. Ou algo melhor. A minha escola é o tempo, o meu professor é a vida. Pensei que isso já estivesse claro para vocês!

— Para mim está claro, só para a minha esposa pelos vistos ainda não.

— Sim, realmente ainda não me está claro. É difícil acreditar

que você não andou a ler nada. Ou que não lê nada. Não que eu esteja a duvidar das aprendizagens da vida. Mas porque quero acreditar que essas não sejam aprendizagens apenas da tua vida. O teu conhecimento está tão sintetizado quanto o secular. Tu apenas não queres revelar o teu nível académico.

— Vamos por aqui. Se quiserem comprar alguma coisa é só me falarem, para pararmos. Dizem que comprar é o que as mulheres nem gostam mais de fazer. Os homens sabem bem gastar sem conhecerem o preço. Por isso se não fosse pelos homens, as mulheres sequer conheceriam a entrada do supermercado. Ou vice-versa?

Agora, indo ao encontro da tua dúvida, tenho a dizer que o meu Naftal tornou-se sociólogo. Algumas das coisas que sei, aprendi dele. Ele saiu de casa, mas sempre vem visitar-nos. Agora, Cunhada da Cruz, vejo que tens um faro bem afinado. Fazes-me lembrar este provérbio que criei: não chame aos outros ignorantes, porque não sabes o que andam a ler. E reformulo: não chame os outros de inteligentes porque não sabes em que consiste a ignorância deles.

A escola é uma selecção pela qual não passei. Não tive pai para me matricular e comprar manuais. Não tive mãe para me preparar o lanche e o uniforme. Não tive irmão para me ensinar a fazer amigos. Não tive amigos para me mostrarem os caminhos alternativos. Não tive nem sequer alternativas. A falta de

alternativas cegou-me parcialmente. Comecei a conhecer a vida depois do casamento. Mas felizmente não sou como aqueles que descobrem que a vida é bela já no seu fim. Apesar de que a minha já se aproxima da curva! Mas para bem dizer, da ciência apenas conheço os resultados. O resto deixo para os que podem. E os que podem fazem tudo o que podem para obterem bons resultados, dos quais tiro proveito. Acho mais fácil viver assim, porque há quem vive do meu trabalho na terra sem sequer saber nada da minha arte.

Eu não me considero um modelo por imitar, pois imita-se o original. Eu talvez sou a mais falsa das cópias. Aprendi tudo com o tempo, e algumas coisas aprendi do meu filho. Melhor falando diria que as relações que venho mantendo com as pessoas desde que nasci são a fonte do meu saber. Por exemplo, agora estou a aprender alguma coisa convosco. Eu acho que quando o dia nasce, juntamente com ele nasce uma nova oportunidade de aprender. Desperdiçar essa oportunidade é que é ignorância! Eu ouvi muitas coisas do meu filho, embora às vezes por detrás da porta. Às vezes ele citava uma frase bonita, inspirada, e eu copiava-a. Dias depois estava eu a falar a mesma citação nos meus funcionários e amigos.

Uma vez o meu filho conversava com um seu amigo pelo telefone: — *Já notaste que os filósofos jovens preocupam-se com as questões relacionadas com a origem do mundo, com teorias e teoremas, enquanto que os*

filósofos velhos preocupam-se com questões como o sentido, o propósito e o destino da vida? Não sei qual foi a resposta do amigo dele, mas deu para perceber que parece mais um lerdo como eu. Pese embora se a pergunta tivesse sido formulada para mim eu ia começar a resposta reperguntando: filósofo que é?

Eu guardei aquela anotação e procurei, na medida do possível, encontrar alguma resposta. O que encontrei é que talvez porque os mais jovens ainda não conheçam as teorias, e os idosos conhecem-nas e procuram estudar outras coisas; ou talvez porque os mais jovens estão ainda entusiasmados com a vida, enquanto os outros são assombrados pela morte; ou talvez porque não conheço a resposta!

Eu gosto muito da ciência porque é um fenómeno cheio de contrastes. Senão vejamos: o cientista parece mais idiota que ciente; o estudante parece mais crente que empenhado; as aulas parecem uma exibição do que uma transmissão de conhecimentos; os conhecimentos parecem desconhecimentos; as avaliações parecem mais punidoras que avaliantes; os certificados parecem mais ornamentos que qualificadores; e os novos cientistas, doutores ou técnicos só parecem intelectuais no dia da graduação. Isso sem falar dos próprios professores... Desculpe-me, Cunhada da Cruz, pela parte que te toca. É sempre assim quando se dorme na linha férrea!

Se me pedissem para escolher entre a ciência e qualquer outra

coisa, eu escolheria o senso comum. Sem sequer hesitar! Podem tomar isso como prova da minha ignorância, não faz mal. É como costume dizer: não me preocupo com o que vão dizer, mas sim com o que eu vou dizer. Porque sempre vão dizer alguma coisa, boa ou má. Infalivelmente vão dizer alguma coisa. Nem tudo que me falam levo a peito, mas algumas coisas se levam a peito sozinhas.

Se alguém estiver desapontado com esta minha visão, convido-lhe a um debate. Nós havemos de encontrar no seminário das coisas infinitas. Onde eu vou defender que a escola da vida é a melhor de todas, pois é dirigida pelo tempo. A vida passa, mas o tempo jamais vai parar de transportar os conhecimentos da vida para quem quer que se encontre no futuro. Podem dizer que o próprio tempo precisa da escola secular para preservar esse conhecimento enquanto o transporta. Tudo bem. Mas nenhum elemento é maior que o todo. Nenhum! Em ocasião nenhuma. Jamais! Nem os raios solares são maiores que o sol, embora nos ensinam quase tudo sobre este. Na minha óptica a escola é uma caixa térmica onde se conserva o senso comum durante a viagem do tempo pelas gerações. Dentro da caixa ocorrem vários processos que definem o estado do produto em cada geração. Para a geração herdeira o que mais interessa não é a caixa térmica, mas o estado do seu conteúdo — logicamente.

Eu já vi uma pessoa que estudou muito até decepcionar-se

com a ciência e preferir ficar maluca. Talvez maluco somente no nosso ponto de vista! Ele andava ambulante pelas ruas. Recortava jornais velhos, alguns jamais vistos na praça, outros escritos em línguas estrangeiras, e os colava nas paredes. Ele recortava citações de grandes líderes como Gandhi — a alma sagrada... Mandela — o filho da África... Lincoln — o pai de todos, e dos seus próprios pais... Martin Luther — o orgulho de todos... Samora — o filho da Nação que ele mesmo deu vida... Fidel — o mais velho, o inconfundível... Karl Marx — ele mesmo, o proletário... entre outros, aqueles que neste momento me esqueci. Todos desfilavam naquela parede! Já ia me esquecer dos soviéticos: Stalin — o homem e o idealismo estranho. Por baixo dos recortes tinha sempre um letreiro maiúsculo que dizia: “grandes líderes são pessoas que deixaram de sonhar por si mesmas, e começaram a sonhar pelos outros, pelo povo”. Esta frase era da sua própria autoria.

Agora eu pergunto: em que consistia a maluquice desse indivíduo?

Talvez se fosse-lhe ensinado o senso comum, ele deixaria de ser maluco aos nossos olhos. Mas também os nossos olhos é que são injustos: eles estão mais inclinados a detectar defeitos que qualidades. Nós mesmos é que somos culpados pela aparente demência dos outros. A cura da loucura de uns passa pelo enlouquecimento dos outros.

É por isso que não deixo ninguém aproximar-se de mim. Não quero que conheçam os meus defeitos, muito menos os seus efeitos. Prefiro me manter fechado como uma caixa de surpresa. Ai de quem tentar me desvendar!

Falando em desvendar me lembrei de um sucedido...

— Mais um? — *A Cunhada da Cruz lhe interrompeu para abrir um parêntesis, ou para fechá-lo* — Contigo os sucedidos são ilimitados, Cuequinha. Mas antes do sucedido desta vez deixe-me entender uma coisa: tu disseste que estás a aprender alguma coisa connosco. À que se referia?

— Referia-me à vossa capacidade de escutar e mais outras virtudes que vejo em vós. Não vos vou falar quais virtudes porque vocês ainda são novos e podem perder as cabeças orgulhando-se por isso. Muitos jovens perdem-se no orgulho. O orgulho leva muitas pessoas ao egoísmo, egocentrismo — como falam. Por isso que fique assim. Continuem sendo o que são.

Agora, se os sucedidos são ilimitados ou não — isso é outra história. Talvez sim. Talvez não. Dependendo do assunto. Mas... o que esperavam de uma pessoa na minha idade?! Então, como eu ia vos contar. Uma vez entrei num transporte público. Me misturei com a multidão à quem não cabiam os assentos. No vidro da janela tinham postado um anúncio que dizia: “procuro mãe para os meus dez filhos”. Tantos eram os olhos curiosos que o tinham visto; variados eram os juízos que tinham sido

formulados sobre o anúncio.

Eu, como que guiado por algum instinto, copiei o número de telefone ali indicado. Falei com alguns amigos sobre o mesmo. Eles me adiantaram prováveis justificações. Ora porque tratava-se de um polígamo, ora porque tratava-se de um pai abandonado pela esposa por adultério, ora ainda porque tratava-se de um idoso querendo apoio para os seus filhos e netos. E uma variedade infinita de hipóteses. Ignorei todas as suposições para alimentar a minha curiosidade. Garimpeiro que não cava não encontra o diamante. Por isso liguei.

Fiquei a saber que tratava-se de um orfanato convidando mocinhas e senhoritas para o trabalho. As próprias criancinhas do orfanato é que tinham elaborado o cartaz. Reservei uma vaga para a minha vizinha, a mãe dos gémeos. Ela ficou muito feliz com o trabalho. Também ficou muito grata. Trabalhou lá até quando foi atacada pela trombose. Coitada!

A coitada não foi muito longe com aquele trabalho... Quando me lembro disso ainda me dói no peito! Lhe expirou o prazo de vida ainda senhorita. Os gémeos, um dos quais agora é casado e o outro é drogado, ficaram sozinhos na casa. Eles ainda eram muito pequenos e precisavam ainda mais do calor da mãe. O mesmo calor que mesmo à um adulto faz muita falta! Naquela casa nunca mais acenderam-se as luzes. Nunca mais! Quando chegava a noite, os meninos logo recolhiam-se para dormir. Às vezes

acendiam uma vela tímida, outras vezes candeeiros. Luz eléctrica não houve mais.

O que é casado vende frutas no Mercado Central, enquanto o seu irmão troca de prisões como se trocasse de casas. O primeiro tenta ganhar a vida, enquanto o seu irmão tenta perder a sua. Há dias que quando regresso do meu trabalho me dá uma impressão de estar a ver a minha vizinha no quintal a enxotar os seus patos para a capoeira, ou a dar aquele banho frio nos seus meninos, ou ainda sentada a tricotar na varanda da sua casa... Mas com o piscar do olho essa realidade desaparece como se dissolvesse em lágrimas. Depois passo a mão pelos olhos... pelo rosto todo. A alucinação passa, e vem a consciência. Continuo a caminhar pelo trilho abaixo.

As coisas nunca foram fáceis para quem descobriu sozinho o caminho certo de viver, nem jamais serão. Há homens que nascem homens. Há homens que tornam-se homens. Ainda há os que nascem homens e morrem desgraçados. Cada qual projecta o seu futuro. Todos temos as duas capacidades: progredir e regredir.

Eu não sou o único que tem essas visões sobre a minha vizinha. A minha esposa também tem tido. E com ela tem sido com maior frequência. Depois de uma visão destas ela ajoelha e reza pela alma da amiga e pelo futuro dos filhos dela. Pede a Deus para que receba a sua amiga com agrado e lhe conceda o seu

canteiro de couve. Depois lembra a Deus sobre a protecção que deve dar aos órfãos. A minha esposa tem certeza que a outra já virou um anjo que canta muito bem. Eu, simplesmente, rezo para que toda a religião que andaram a incutar na cabeça dela realize-se. Que ela não tenha rezado em vão, e que o paraíso lhe seja uma realidade.

Eu confio muito nas preces da minha esposa, porque ela antes de rezar é optimista.

Bom, caros jovens, a passeata está boa, mas temos de voltar. Faltam poucos minutos para o arranque do comboio. Se atrasarmos estaremos bem tramados. Teremos que lhe cercar de carro na próxima estação. Teremos que agir com esperteza, para evitar males piores.

Se eu pudesse nunca me deixaria morrer. Simplesmente para nunca abandonar os meus filhos. Porque das minhas obrigações nunca fugi, sobretudo daquelas que me dão prazer. Se eu pudesse ficaria com eles até o fim do mundo. Morreria ao mesmo tempo com eles, porque não só tenho medo de lhes deixar, como também tenho medo de lhes ver a partirem.

A morte é a fraqueza da humanidade, mas acredito que algum dia a superaremos. Um dia seremos muito fortes como a morte. Depois seremos mais fortes que ela. Mas enquanto o desejado não se realiza reina a esperança! Vamos vivendo cada dia como se fosse o primeiro; vamos fazendo as coisas como se fosse pela primeira vez; vamos vivendo a vida como se fosse a

nossa primeira... O que é que estou aqui a falar agora: por acaso tivemos outra vida antes desta?

Podemos não ter tido nenhuma vida antes desta, mas temos a promessa de uma outra que virá depois desta. Logo: vida não temos uma. Mesmo se a próxima for uma espécie de envida, inexistência.

Invejo o gato que tem sete delas! Ou será que nós temos mais de sete promessas?! Seja como for, seja quantas forem, seja onde forem... neste momento a que a mim interessa é esta. É nesta vida que não quero me atrever a deixar os meus filhos sozinhos. Onde eu vou importa menos. Mais importa onde estarão os meus filhos.

Depois dizem que esta minha preocupação de pai para com os filhos é um instinto.

Se for instinto, então o amor também é um instinto. A paixão também. O carinho também. O sexo também. A dor também. A alegria também. A família também. Enfim: toda a vida é um instinto. Então o determinismo é uma verdade. Mas eu afirmo que o determinismo pode até ser uma verdade, mas para mim nada está determinado. Eu continuo sujeito e subordinado às vontades do meu coração. A minha vida é mais interessante porque cada dia me é uma nova surpresa...

E assim voltamos ao nosso vagão. A palavra continua nas mãos do nosso terráqueo. Quer dizer, na língua dele. Este, por sua vez, continua a falar com o mesmo entusiasmo de sempre, com a mesma cara hospitaleira. Faz o seu melhor para que os visitantes sintam-se em casa. Só não sei se consegue.

Na entrada ao comboio acontece o mesmo que aconteceu na primeira

entrada. O velho perde os jovens de vista. Procura por eles a sua volta. Gira os olhos de um lado ao outro, mas nada deles. Não chama pelos seus nomes. É como se já fizesse ideia de onde lhes encontrar. E assim foi. Caminha até o lugar onde estão sentados. Para o seu alívio, lhes avista ainda um pouco distante. De novo decide não falar sobre o assunto. Ignora as suas falhas mentais.

— E cá estamos nós novamente, nos nossos lugares. A paragem foi curta. Mais curta que a própria palavra curta! Mas espero que vocês tenham visto o suficiente para poderem dizer que conhecem aquele lugar. Acho que puderam ver que aí fora o mundo é mais selvagem...

— Não tanto assim.

— Claro. A vossa infância passou a pouco tempo, por isso vocês ainda têm olhos inocentes. Não identificam o mal das coisas. Muito menos conseguem distinguir o bem do mal. Para vocês tudo o que é novo, é bom; tudo o que é do outro, é melhor. Mas não faz mal, isso muda com o tempo e com a convivência!

Vai chegar um tempo em que não verão beleza em nada. Tudo vai pintar-se de vermelho. E quando isso acontecer, vocês serão convidados a reaprender a viver; aprender a olhar o mundo com admiração, como aquela criança que descobre que o horizonte não é o fim da terra. Serão convidados a verem o mundo pela visão dos poetas: olhar o mundo como o palco de demonstração da vossa capacidade de amar; interpretar a vida como a

oportunidade singular de fazer o bem; tomar o desconhecido como o possível, sem medo... depois vai passar o tempo e vocês vão perder essa visão apaixonada do mundo. E, por fim, vão morrer a tentar embelezar a vida com as vossas fantasias. Ou a vê-la como aquela criança que acredita que o horizonte é o fim da terra.

Um vizinho meu, fazendeiro, atravessava sempre um rio no seu barco. A sua companhia predilecta era o seu filho menor, de cerca de dez invernos. Aqui a vida mede-se em quantidade de invernos! Enfim... no meio da viagem o fazendeiro fazia sempre comentários sobre o estado do tempo, às vezes sobre a natureza: “o dia está lindo, vamos aproveitar...”, “nesta tarde o céu está romântico...”, “o rio está calmo, estava a nossa espera...”, ou “hoje o ar está fresco, parece uma bênção...”, e muito mais. Mesmo quando o miúdo tinha uma queixa dos seus colegas da escola a fazer, ele o ignorava e continuava a apreciar a natureza: “a natureza é simpática como a tua mãe e nós os dois somos os sortudos...”. Ele continuava a falar sobre isso por um tempo indeterminado. Até que um dia o menino lhe perguntou porquê falava tanto e tão bem sobre a natureza. Depois lhe pediu para que lhe ensinasse a ver a beleza da natureza. Ao que ele respondeu: “— A natureza é como uma mulher: vive de elogios e de carinhos. Enquanto os homens não lhe elogiam e não lhe acariciam, ela será infeliz. Meu filho, por mais que não vejas a

beleza da natureza, não se esqueça de dizer que ela é bonita. Porque tu queres que ela seja bonita, e ela tenta ser! Ademais, se não vês a beleza não é problema da beleza, é dos teus olhos o problema. Porque os teus olhos são selectivos e às vezes descartam o essencial. Elogie o mínimo esforço que ela faz no sentido de melhorar, mesmo que não logre sucesso. Mas saiba que sempre logra e continuará a lograr. Olhe para a natureza como olhas para a tua própria mãe. Não interessam os defeitos, outra jamais terás...”

As mulheres e os diamantes têm o mesmo preço. Essa foi a lição de várias idas e vindas.

Fizeram a travessia. A partir daquele dia, o pequeno marinheiro guardava um elogio para a natureza. Até que um dia ele deu aquele ensinamento ao meu filho. O meu filho, por sua vez, deu-mo. Eu acabei de fazer a minha parte. Agora a *omeleta* está no vosso prato, repartam com os necessitados. A natureza é a nossa mãe. E ela cuida de nós mesmo quando a maltratamos. Por isso temos que nos esforçar para sermos como aquele menino que ao sair da casa para a escola grita: “mãe, te amo.” Porque é com estes pequenos-grandes gestos que muitas mães ganham saúde, e até algumas ganham umas bochechinhas, umas ancas — com todo respeito. Neste país ganhar umas gorduras básicas não é sinónimo de desbeleza.

Viver não é difícil. Difícil é meter na cabeça que viver é fácil.

Voltando ao mundo selvagem. Eu tenho várias interpretações do mundo. Cada dia tomo uma, dependendo de como acordo. Contudo o que tenho em menor número são certezas sobre a vida: a vida é um enigma que jamais será decifrado. Ela é uma preciosidade momentânea. A vida tem um lado “A” e um outro lado que chama-se “A” também. Nós é que escolhemos o conteúdo de cada lado.

Definir a vida é simples — é o antes da morte. Tudo o que sabemos sobre a morte são suposições, palpites, para fugirmos do desconhecido... um bando de incertezas.

A única certeza que tenho é de que antes da pergunta não sei nada sobre a resposta.

Eu tenho o benefício da dúvida. Não confio em nada completamente, nem nos outros, muito menos na natureza. O único momento em que tenho certeza absoluta das coisas é quando duvido delas. Duvido da bondade das pessoas, até da sua maldade. Duvido da vida, da minha sombra. Duvido das minhas próprias dúvidas.

O único momento em que me vejo apartado das tais incertezas é quando estou no meio de uma viagem. Sem isso, vivo com elas encubadas em mim! E elas me fazem mal, porque eu queria que a vida fosse um eterno mar de rosas. Eu queria muito poder ter certezas sobre o pós-vida. Mas é aquilo que eu disse antes: com a idade o horizonte volta a ser o fim da terra.

Enquanto que lá fora tudo isso coexiste. Lá fora o mundo está cheio de ódio. Se as pessoas se desconhecem, violentam-se. Os desastres multiplicam-se. A natureza fica furiosa. A vida encontra a morte na próxima esquina. As coisas já não são as mesmas! Quem não vê isso é porque não quer ver, ou porque ainda não está preparado. Quem não acredita nestas coisas é porque alegra-se com fantasias. Pois vejamos: a terra é uma coisita pequena, mas não conseguimos encontrar uma maneira de viver em paz. As nossas atitudes aceleram o fim da nossa geração, precipitam as coisas. Tudo isso acontece para cumprir-se a profecia: a humanidade vai eliminar-se algum dia, sem para isso precisar de ajuda externa. O fim vem porque assim está escrito. Assim está escrito porque assim terá de ser. Assim terá de ser porque assim tem de ser. Assim tem de ser porque esta é a nossa vida.

A pior destruição é aquela que vem de dentro. Não é curioso que só os humanos podem ser desumanos? Os animais jamais são desanimais.

Se este for o nosso destino, então dele não temos como fugir. Talvez até é melhor assim, porque essa é uma das formas de cedermos lugar à próxima geração. Até porque a tal geração já começou a reclamar o seu lugar. Digo isso porque concordo com os que dizem que os génios são uma “amostra”, um “exemplar”, do próximo estágio da evolução humana. Os génios são indivíduos normais da próxima geração que adiantaram-se para

preparar o lugar deles. Na próxima geração todos serão gênios! Sendo assim, que venham rápido. Ou melhor, que nós saíamos logo.

O orador faz uma pausa para pensar. Coça a testa para buscar as ideias; lambe os beijos; esfrega os olhos com a outra mão. Depois fica parado, quase paralisado. O silêncio dele não pode ser citado. Enquanto isso os dois jovens olham um para o outro, procuram entender mas sem sucesso. Ninguém vai entender as coisas que acontecem nesta terra. Paralelamente ouve-se o barulho dos trilhos. Dentro do comboio as pessoas a conversarem, outras a dormirem. Umas lêem, outras deliciam-se da paisagem. As crianças correndo de um vagão ao outro. Passam os jovens vendedores de alguma coisa, atrás dos quais vem o fiscal. Nesse ritmo da viagem o orador recupera as suas ideias e continua.

— Se um dia aparecer alguém que diga que entende o sentido da vida, esse é mentiroso. Eu perdi bons momentos da minha vida a tentar entender as razões das coisas. Agora adiro à qualquer coisa que acontece. Cada momento me é único, por isso não desperdiço nenhum. Apenas dava ouvidos ao meu Pastor quando dizia para não dar ouvidos aos malfeitores e não seguir nenhum dos seus caminhos. Ele falava assim porque sabia que a maneira mais fácil para os preguiçosos darem-se bem na vida é fazendo mal aos outros. Igualmente esta é a maneira mais fácil de encurtarem os seus dias de vida. O único caminho encurtável é o que leva ao inferno!

A partir do momento em que nascemos somos dados uma série de escolhas por fazer. Escolhemos consoante as inclinações. Quero ser isto, ou aquilo. Serei aquilo, ou isto. Cada qual faz a sua escolha. Cada qual é convidado a criar o seu próprio mundo. Os preguiçosos não criam seus mundos, preferem seguir os dos outros. Eu fiz o meu, no qual só entra a minha esposa e os meus filhos, que agora estão perdidos por este mundo afora. A falta de escolha nos cega, nos torna obtusos e monótonos. A falta de escolha é a ausência da visão. E, por sua vez, a visão é a lanterna da vida, é aquela luz que acende do fundo do túnel.

Se andarem por uma caminho fácil, sem obstáculos, certamente esse caminho vos levará ao destino errado.

Cansada de ser passiva, a Cunhada da Cruz resolve interromper o diálogo unilateral. Coloca uma pergunta, não por curiosidade mas por necessidade. Necessidade de tornar o diálogo mais aberto e frutífero.

— Que tal, você é feliz no seu mundo?

— Sinceramente falando, não sei. Esqueci até a definição do conceito felicidade. Eu sou uma ponte sobre a qual muita água passou. E toda a água que passou arrancou uns bocados de mim. Os momentos de felicidade posso vos enumerar com os dedos das mãos. Mas se quiserem os momentos turbulentos posso recorrer à todos dedos. Posso até recorrer aos dentes e aos cabelos!

O outro momento feliz que matizou-se na minha mente é o

nascimento da minha filha. Ela é a minha segunda e última sorte. A segunda flor que nasceu no meu jardim. A última chuva que caiu na minha horta; o último ouro que garimpei...

Era uma tarde escura de Outono. A cacimba precipitava a noite. O sol escondia-se atrás das nuvens pretas. Os grilos convocam-se. Os poucos vizinhos mais uma vez acendiam as suas lamparinas. A minha vizinha, que Deus a tenha, descia a colina com uma enxada nas costas. A minha mulher começou a queixar-se de dores. Eu perguntei-lhe se era moda, porque as últimas duas ou três noites passámos assim, entre falsos alarmes. Mas bem antes da resposta vi que o assunto era sério. Ajudei ela a sentar-se na poltrona. Mande o Naftal ir ficar no seu quarto. Desliguei o televisor. Saí a correr. Fui ligar o motor do meu carro. Na altura tinha comprado um daqueles carros produzidos por Hitler. Aqueles que vocês chamam de fusca.

Tentei ligar o motor. Depois de algumas tentativas frustradas fracassei de novo. Empurrei a carrinha sozinho e quando ela começou a descer a colina, me atirei para dentro dela e pus o motor a funcionar. Depois estacionei em frente da porta. Acenei a mão à dona minha vizinha para vir nos ajudar. Ela subiu a colina com mais pressa. A coitada mal podia correr. O bicho do reumatismo já começava a alimentar-se dela.

Na época o Naftal já tinha completado o seu sétimo inverno. As provocações da vizinhança sobre ele continuavam. Ainda lhe

chamavam nomes. Pouco lhe respeitavam como criança. Alguns categoricamente desmentiam que ele era uma criança. Diziam tratar-se de um adulto escondido atrás de um corpo atrofiado. Mas com alguma razão: ele não parava de aprontar. Até que nem era aprontar, mas sim demonstração de esperteza. Esperteza sobre as outras crianças, e sobre alguns adultos também. Esperteza que se confundia com falta de carácter...

Bom, talvez eu é que devia ser culpado por isso. Eu lhe ensinava que para ser esperto tinha que partir do princípio que os outros são duas vezes mais espertos. Por isso ele estava sempre adiantado em três passos. Isso era muito para os que realmente eram duas vezes mais espertos que ele e enorme para os que não eram espertos! Mas o que fazer, se realmente precisamos da esperteza para sobrevivermos. É a lei da natureza.

Voltando ao estado de estado. Chegou a vizinha. Me ajudou a arrumar o enxoval na pasta. Resumiu uma oração. Ámen!

Depois entramos no carro. Pus as primeiras mudanças. Acelerei a carrinha. Fomos marchando. O escape fumegava como uma usina. A fumaça misturava-se e confundia-se com a cacimba. No meio da cacimba pude ver a cara do meu filho a nos espreitar pela janela. Entre buracos e lombas seguimos a nossa trajectória pela terra batida. “Bem que o Município podia asfaltar esta estrada também...” — pensava eu, para provar que lembramos de algo no momento em que sentimos falta.

Cá estamos nós os três, ou quatro, a entrarmos na cidade grande. Minha vontade era fazer como nos filmes: paralisar todo o trânsito, para passarmos somente nós. Mas, como não sou editor, não consegui. Obedecemos a todos semáforos. Cada vez que parávamos eu rezava para que não acontecesse ali. Dobramos todos os cabos e esquinas até que chegamos na maternidade — onde as mulheres se reafirmam.

Por ali as coisas já não eram como a seis anos atrás: o chão estava limpo, a pintura tinha sido reabilitada, a iluminação melhorada, já tinha bancos de espera, os parteiros todos embatados. Embora o parteiro-chefe estava reformado e ainda sem substituto oficial, as coisas estavam em ordem. Na sequência das melhorias fomos atendidos sem nenhuma fila. A minha mulher foi levada a sala de observação. Fiquei no corredor a chupar os dedos, já que não tinha mais unha para roer. Os bancos de espera me foram inúteis. Caminhava de um lado ao outro feito tolo. “Dona Sara, entra aí e pergunta como ela está.”— Movido pela ansiedade sugeri a minha acompanhante. Mas ela recusou-se e se disponibilizou a me trazer um copo com água. “Só se for água com limão!”— Respondi.

Instantes depois estava eu a beber água açucarada. Os nervos não abaixaram. Estas coisas só têm efeitos nos nervos dos brancos! Mas mesmo assim me aconcheguei numa cadeira. De repente uma vibração no bolso. Levantei assustado. Era uma

chamada no meu telefone. Os nervos ganharam mais alturas. Meu filho me ligou para saber como estava a mãe dele. Não tive resposta, mas lhe garanti que tudo ia terminar bem. E dito e feito.

Saiu o parteiro com um sorriso na cara. Corri ao seu encontro para confirmar que o sorriso é a cara da alma. De seguida veio a minha vizinha. E aí veio a última revelação, o apocalipse da maternidade.

— *Três quilos de peso, quarenta centímetros de comprimento, choro florescente, vozinha picante, cabelo cheio, pés fortes... nariz igual ao seu! O senhor deve se orgulhar muito. É uma linda menininha. Os meus parabéns...*

Linda. Linda. Linda. Só isso: linda. E mais: linda. E quantas vezes necessário: linda. Esse adjectivo ecoava na minha mente. Linda... Linda... Linda... Muitas vezes: linda. Eu estava nervoso, acho que até tremia. Sequer notei que o sotaque que me anunciara a boa nova já não era aquele espanhol. As unhas clamavam por um manicura que nunca tiveram antes, e nem depois viriam a ter. Acho que até os dentes precisavam de um dentista de tanto terem roído uns aos outros. Pedi permissão para entrar na sala. Me disseram que não precisava pedir, pois era meu direito. Dei os primeiros passos e lá cheguei. Vocês não imaginam a emoção que abraçava o meu coração naquele momento!

A minha esposa me esperava com um sorriso esforçado para ignorar as dores. Lhe abracei como se fosse a primeira vez. Lhe chubei os lábios secos como se lhe beijasse a alma. Nos olhamos

profundamente como se as nossas almas estivessem a conversar uma com a outra. Ela não conseguiu mais evitar, uma lágrima lhe escorreu. Depois outra. Lágrimas de dores, ou de felicidade, seja-la o que fosse. O importante é que ela se exprimiu do jeito que todas mulheres se exprimem. O mais importante de tudo é que ela conseguiu se reafirmar, mais uma vez, como mulher. E o muito mais importante de tudo é que ela era a minha mulher. Eu estava muito orgulhoso por ela, e ainda estou. Agora talvez sou mais grato que orgulhoso, mas seja como for.

Nos trouxeram a menina. Ela ainda estava vermelhinha. Bonitinha feito uma boneca de pano. Corpinho minúsculo clamando protecção. Era tão pequena que não cabia nas minhas mãos gigantes de fazendeiro. Entregaram-na à mãe. Ajoelhei diante da cama para ver as minhas duas beldades juntas. E assim passamos algumas horas juntos. Eu ali, com o olhar novamente apaixonado e babado.

No dia seguinte fui lhes buscar. O meu carro avariou ainda parado em casa. Chamei um táxi. A vizinha não foi comigo, disse que ia ficar a cozinhar alguma coisa para nossa chegada. Ela tinha mãos de uma deusa na cozinha. Tantos anos ao serviço da sua pequena cozinha para alimentar os seus gémeos!

Encontrei as duas me esperando na porta da maternidade. Lhes ajudei a entrar no carro. Meti as pastas também. Depois fui dar umas palavras de apreço ao parteiro-dia pela qualidade dos

serviços. Infelizmente o que ajudou a minha filha a vir ao mundo estava ausente. Eu queria lhe embrulhar num abraço.

— É impressionante. A tua esposa teve muita sorte ao casar contigo.

— Isso é elogio para mim?

— Não sei. Talvez seja apenas um comentário.

— Ok. Prefiro pensar que é elogio. Tu também tens muita sorte pelo marido que escolheste. Ele vai valer duas vezes mais que eu. Podes crer. Diz-se que a sorte de um homem está escrita nas estrelas, enquanto que a de uma mulher são as próprias estrelas.

— Quem? Este? Duvido.

— Hey, Lina, pouca brincadeira. Ele ainda pode te levar à sério.

— Deixa disso, Mor, lhe pisquei o olho. Ele sabe que estou a brincar contigo.

— Ihh, Mor!? Que lindo... mor de amor! Importa menos, porque mesmo se não tivesses me piscado o olho, eu ia entender. Isso porque sei que as mulheres são irónicas e não elogiam seus maridos em público para evitar concorrência. Mesmo em frente de outros homens.

Ganhei rugas estudando o universo feminino, mas vou morrer antes de passar o respectivo exame. Se ainda o exame fosse apenas sobre a minha... mas não, é sobre o universo todo. Mesmo

colocando uma mulher diante do mesmo exame há muita probabilidade de ela chumbar. Porque a mulher é misteriosa. O homem é o tronco e as raízes, enquanto que a mulher é o mesmo tronco e os ramos e as folhas e as flores e os frutos. O casamento dos dois é uma árvore, onde se as flores murcham é porque as raízes não trabalham conforme. E se as raízes não trabalham conforme é porque recebem pouco oxigénio das folhas.

Então, como eu ia dizendo, o táxi nos levou para casa. Toda a pequena vizinhança nos esperava. Alguns se implantaram no meio da rua, outros nas suas janelas. Ainda tem os que foram esperar na nossa casa. Tivemos uma recepção triunfal: com palmas e tudo. Outra oração, mas já para agradecer e pedir mimos para a menina. Depois me deram palavra. Tudo que consegui falar foi:

— *A minha Cinderela é negrinha.*

Os mais novos me entenderam. Os mais velhos não sei! Depois notei que entre todas aquelas pessoas faltava o meu filho. Depois de algumas horas de convívio pedi aos presentes que abandonassem a casa, porque a menina precisava de ar fresco e silêncio. Algumas pessoas primeiro empenaram os narizes e depois saíram, mostrando o seu descontentamento. Isso importou pouco — minha filha em primeiro lugar. Procurei o menino na casa toda e não lhe encontrei. Mais uma vez tive a ajuda da minha ente vizinha. Lhe encontramos no banheiro. Estava de rosto virado à parede, apenas de cueca, descalço, corpo arranhado,

restos de sangue nas unhas e na parede... parecia exorcismo. Mas eu não acreditava nessas coisas. Não acredito até agora!

Fiquei assustado. Não consegui perceber o que tinha acontecido. Ele sequer falava. Tive receio de lhe tocar. Depois pensei: “carne da minha carne, sangue do meu sangue...” Lhe puxei para mim. Lhe tirei dali para um outro lugar, longe da visão da sua mãe. A vizinha veio comigo.

— *Estarei contigo para o que der e vier. Não te vou abandonar...*— Me prometeu ela vendo o meu estado de choque e medo. Aliás, nestes momentos ela era como uma mãe que nunca tive, ou melhor, que nunca conheci.

Depois de alguns minutos de silêncio, o miúdo decidiu responder a nossa pergunta. Ele disse que lutou com eles. Eles quem? Não sabia responder. Apenas conseguiu dizer que eles tinham vindo buscar a irmã dele, mas ele a protegeu. De seguida ele nos perguntou como estava ela. “Bem.”— Respondi ainda com o espanto no rosto. Não conseguia lhe entender, muito menos a dona Sara conseguia. Ele contou que estava na cama quando eles vieram...

— *Pronto, filbo, já percebi tudo. Fica calmo, passou. Já estás acordado, e podemos ir ver a tua irmã. Vamos.*

— *Percebeste o quê, que eu ainda não percebi nada!?*

— *Ele teve um pesadelo.*— Traduzi para a vizinha perceber finalmente o que tinha acontecido. Eu também fiquei nessa

percepção mesmo diante das tentativas que meu filho fazia para desmentir que tenha sido um sonho. Encerramos o episódio. Ele foi levado ao banho. A menina já estava a dormir. A minha esposa estava exausta. Dona Sara nos despediu e foi a sua casa. Lhe agradeci pela ajuda. Ela respondeu dizendo que se fosse necessário faria novamente. Senti-me realmente grato e senti também como é bom poder contar sempre com uma mão amiga que ajude incondicionalmente.

Deixem-me vos confessar uma coisa: os meus amigos nunca estiveram lá quando precisei deles. Mas com a minha vizinha foi sempre ao contrário. Nunca chamei a ela de amiga, ela também nunca a mim. Talvez eu sou o filho que ela queria ter, ou talvez ela era a mãe que eu sempre procurei. Por isso que o meu carinho por ela não foi enterrado quando ela morreu. Até porque lhe prometi ficar a cuidar dos gémeos. Embora agora eles sejam crescidos, qualquer dia vou cuidar deles conforme a promessa. Pois sempre cumpri as minhas promessas, e vou cumprir mais esta. Palavra dada é compromisso assinado.

Sabem, filhos meus, eu acho que uma pessoa se dispõe de três pilares dos quais pode se apoiar incondicionalmente a qualquer momento. Dos quais eu apenas tive dois! O primeiro é Deus — o Guia de todos nós, incluindo aqueles que o negam. O segundo são os pais, ou alguns familiares. E o terceiro são os amigos, os amigos sinceros, os amigos de verdade, os verdadeiros amigos,

aqueles que são insubstituíveis, aqueles que estão sempre do nosso lado. Amigo pode até ser o filho, a esposa ou o marido, a filha, o vizinho como a minha, eticétra, eticétra. Amigo que não nos foge quando erramos, amigo que celebra connosco as nossas vitórias... À tais amigos só temos a obrigação de sermos leais mesmo depois da morte.

Eu aprendi que neste mundo somos todos alunos e o professor é a vida. Alguns são bons alunos, outros não são bons. Mas todos podemos passar de classe! Como isso é possível? Dependendo da forma como acatamos as lições que a vida nos dá e como as assimilamos.

Aquele aluno que for a um seminário qualquer para assistir a uma palestra, e ouvir uma teoria da qual discorda e mesmo assim continuar de ouvidos abertos — esse é bom aluno. É bom aluno porque sabe ouvir, por mais insensata que seja a informação que ouve. Ele ouve porque é momento de ouvir, e se prepara para depois apresentar a sua objecção já noutra momento. Agora, aquele que ao ouvir uma coisa da qual discorda e se levantar imediatamente aos berros e gritos contra o seu professor — esse é mau aluno. É mau não por contrariar o seu professor e nem porque não conhece a matéria, mas porque não conhece os momentos. E esse aluno pode apanhar um azar pior do que uma criança que é picada por uma abelha estando encima de uma árvore. Ele pode cair feito uma fruta podre... Quem me fala essas

coisas é o meu filho.

Me ensinaram uma coisa que se chama teoria. Dizem que a nossa vida inteira é uma luta de teorias. Vive bem aquele que melhor defende a sua teoria. E a teoria cuida melhor de quem bem a defende. Mas eu não concordo com isso. Essas coisas que chamam de teorias para mim são simples convicções pessoais. Vão de pessoa à pessoa! Essas tais teorias comuns em mim sempre funcionaram ao avesso. Digo todas para significar mesmo todas! Pois vejam só alguns exemplos:

Durante um naufrágio muitas pessoas abandonam o barco num “salve-se quem poder”. Enquanto eu tento salvar a embarcação. Só depois de puxar o barco até a margem é que pego a minha canoa e vou-me embora. Se não consigo salvar a embarcação, pelo menos uma pessoa vai salvar comigo. Isso não porque sei nadar, mas porque não tenho medo de afogar.

Dizem que só os esfomeados podem reclamar da fome, ou de uma outra coisa. Mas eu acho que para fazer qualquer levantamento é imprescindível ter o estômago satisfeito. Porque estômago vazio é uma fraqueza — pasto fácil para a corrupção.

Outros dizem que a curiosidade matou o gato. Para mim é mais provável que o gato mate a curiosidade e não o inverso. Deixem-me alongar um pouco a minha explicação. Vamos, em primeiro lugar, supor que por curiosidade o gato caiu dentro de uma panela com água a ferver e morreu — logicamente.

Admitamos, em segundo lugar, que por curiosidade o gato descobriu um rato debaixo da mesa e teve o seu banquete do dia. São dois casos a correrem em simultâneo, mas com resultados opostos. No primeiro caso o gato teve o infortúnio de morrer, mas o que a mim espanta é o porquê da atribuição da razão da sua morte à curiosidade. Neste caso não se devia dizer que o gato morreu de curiosidade, mas sim que o gato morreu de água quente. O segundo caso dispensa qualquer comentário, porque é uma evidência clara de que a curiosidade pode levar à grandes benefícios. E tem mais: será que continuarão a criticar a curiosidade quando descobrirem que é a mesma curiosidade que leva um bebé a gatinhar? Ou quando descobrirem que foi esta mesma curiosidade que inventou carros, aviões? Ou, ainda, quando reconhecerem que foi esta mesma curiosidade que vos trouxe neste país?

Entre muitas outras...

Lembrei-me de mais um episódio das minhas andanças. Alguns dias atrás assisti a uma discussão de um casal de jovens. O jovem branco estava todo vermelho, enquanto a mocinha relaxava com um copo de cerveja na mão. Ela era branca como ele. Ele estava de pé. Ela estava sentada, pernas cruzadas, com a outra mão mexia no seu celular. Do lado estava um servente do restaurante a tentar acalmar o moço que não parava de falar:

— *...eu e tu somos duas pessoas diferentes. Muito diferentes. Sabes,* — já

me esqueci qual foi o nome que ele usou, — *qual é a diferença que existe entre nós? És que tu és uma princesa de merda. Tu foste nascida e criada no castelo. Tu não conheces o mundo,* — enquanto isso a mocinha dava um gole de cerveja, — *não sabes viver com as pessoas, muito menos com um homem como eu. És acostumada a ser elogiada, nunca aprendeste a elogiar... Para ti as pessoas são descartáveis como este guardanapo.* — A mocinha abanou a cabeça com um certo desprezo acentuado no seu olhar, arranjou o cabelo, empenou os lábios para intensificar o desprezo. Ele continuava com as descargas: *...eu estou cansado disso. Tu és uma princesa que nem todos gostam. E sabes quem eu sou para ti? Com certeza sou o filho da escrava que limpa o chão da vossa casa.*

— *Não exagere, estamos no século vinte e um.* — retorquiu ela irritadamente.

— *Então sou o filho da vossa lavadeira.*

A moça ficou irritada com o ar de inferioridade do namorado. Lhe pegou pelas mãos. As beijou. Lhe puxou para sentar. Obediente: ele sentou. Tentou beijar a boca da moça, mas não lhe foi permitido tal acto em público. Ela lhe pediu para ser calmo e que iriam conversar sobre isso em casa. Isso eu não ouvi. Entretanto o bom é que nem toda informação recebemos pelos ouvidos! De seguida ela deu o último gole, lambeu os beiços, abanou a cabeça, suspirou fundo como se buscasse alguma coragem. Ele apenas assistia os movimentos dela. Instantes depois tudo ficou calmo. Todos nos concentramos cada qual nos

seus afazeres. Eles levantaram-se para sair. Eu ainda lhes acompanhava. Talvez eu nem era o único. Ela pediu a conta. Pagou. Educadamente ainda deixou a gorjeta. Depois perguntou ao seu namorado:

— *Não vais levar o teu sumo?*

O jovem levou o seu pacote de sumo. A mocinha lhe deu um tapinha na bunda. Ele fingiu não ter gostado. Saíram. Depois fiquei a pensar: esses casais do século vinte e um funcionam também ao avesso. Sendo assim, como podem as teorias que regem este século continuarem as mesmas da idade da pedra? Vão me responder que verdadeiras teorias são atemporais, imortais. Isso não importa: mudam os tempos, mudam as mentes, mudam as vidas, mudam as pessoas, devem também mudar as teorias. Caso contrário estamos a mentir para nós mesmos dizendo que evoluímos. O que é preciso é ser flexível: cada pessoa tem que ser adaptável e não acreditar na imortalidade, mas sim na ressurreição. Talvez. Todos nascemos novamente tantas vezes necessário. Para mim a vida é um poema que vai se reeditando com o tempo. E nesta vida vivem melhor aqueles que conseguem rimar os anseios com o que é possível. O ser humano é um poeta que tem a missão de mudar o mundo através das palavras. Palavras de amor, de solidariedade, de irmandade... palavras de paz. Devemos viver não como a filosofia, mas sim como o filósofo: simplificar as coisas difíceis e dificultar as coisas fáceis. E

vai renascer aquele que confiar nas crianças, porque cada criança é espelho de um adulto.

Dizem que quem gosta de crianças é a creche. Outros dizem que as creches gostam mais dos cartões de crédito dos pais, do que das próprias crianças. Eu não sei quem fala a verdade neste caso. Apenas sei que às vezes prefiro confiar numa criança do que em alguns adultos. Prefiro saber o que as crianças carregam nas suas almas, do que saber o conteúdo dos corações adultos. Prefiro me retardar e voltar a ser criança, do que me acelerar no tempo.

Quando eu era criança pensava como criança, agora que sou adulto só penso merdas.

Porque criança não mente. Criança não aldraba. Criança não trai, apenas às vezes decepciona, mas passa. Criança é inocente, ingénua... criança é uma flor que não espera a primavera para florir. E quando floresce ilumina tudo o que estiver ao seu redor. É uma luz que não espera a electricidade.

— Cuequinha, porquê mudaste de assunto tão de repente? Agora vais falar de crianças?

— Vou, sim. São ossos do ofício! Eu não consigo sequenciar os meus pensamentos, me perdoem por isso. Vou falar desordenadamente, vocês que arrumem as minhas falas. E outras vezes vou fugir radicalmente do assunto. Nesses momentos o vosso dever é me trazer de volta. O culpado não é o perdido, é quem inventou o caminho da perdição. E herói não é aquele que

traz as pessoas para o caminho certo, é aquele que elimina o caminho errado.

De todos os casos, antes vale se perder no caminho do que não sair de casa.

Tudo indica que o sermão a seguir vai tocar as crianças e os seus pais, as crianças e os infantários, as crianças e as suas criancices. Seja qual for o assunto: aos bons ensinamentos os meus ouvidos não têm preço. Ou talvez o preço seja a utilidade do assunto!

O comboio faz mais uma paragem para o descanso dos passageiros. Esta estação também é pouco movimentada. As pessoas se aproximam do comboio recém-chegado, para receberem os sacos com produtos trazidos da cidade grande. Outras se aproximam para embarcarem. Instala-se uma pequena confusão, mas ninguém entra em pânico porque todos sabem que fogo de palha não dura muito. Isso é típico de um lugar comercial sem fiscalização.

No comboio os funcionários da estação fazem o seu trabalho habitual. Os cães também. Tudo na mesma pressa não de ganhar tempo, mas de não perdê-lo. Enquanto os que vinham até aqui descarregam as suas trochas. E os que continuam a viagem apenas abandonam o comboio. Caminham arredores.

No relógio pendurado na parede confirma-se a hora dez. No tecto da estação tem um letreiro que diz:

ESTAÇÃO JARDIM DA INFÂNCIA

*Ela chegou tão ferida ao hospital que
os médicos disseram que corria o risco de sobreviver.*

E a conversa do trio continua.

— Esta é a paragem que nos vem neste momento. Somos quase que obrigados a parar.

— Por quê “quase que obrigados”? Por acaso não é que querias? — *pergunta Da Cruz.*

— Não, não é o caso. O facto é que a paragem é um dever obrigatório. Querendo ou não querendo sempre parámos. Não nos dirigimos, somos como as dunas que são transportadas pelo vento de um lugar ao outro, mudando a geografia do lugar. Neste momento as nossas vontades contam pouco. Somos como o povo também. O mais forte continua a reinar.

— Uma pergunta: vais passar o tempo todo a falar e nós apenas a ouvirmos e a perguntarmos?

— Algum problema com isso, Angelina?

— Não, nenhum problema. Foi uma simples pergunta, que... ainda não respondeste.

— Claro que não. Estamos a interagir, apenas eu estou a me dar mais tempo. Estejam livres de dizer o que pretenderem. Ou estão cansados de mim?

— Nada disso.

— Obrigado, Da Cruz, assim posso continuar. Mas antes quero me referir que, por mais que não pareça, também sei ouvir. Quando estou a ouvir até me desconfiam de ser mudo. Porque para mim é momento de ouvir. Como aquela criança que entra na sala de aulas pela primeira vez: quando oiço, o faço com toda atenção. Tudo o que sei aprendi com os olhos e com os ouvidos: vendo e ouvindo, nunca lendo.

Faz uma pequena pausa para pensar. Novamente. Instantes depois retoma ao diálogo, mas começa um pouco paradigmático.

— Se vocês precisarem de sair podem dizer. Vou mostrar-vos como. Eu ficarei por aqui a olhar pela janela. Ainda bem que a minha janela está limpa, porque assim a paisagem não se reflecte suja! Teremos pouco tempo aqui, por isso vou-me resumir, vou falar pouco para dizer muito. Agradeceria se pudessem ficar aqui comigo. Odeio a solidão, porque estou cansado de conversar comigo mesmo.

E só depois é que se sincroniza no assunto que deixou pendente. No seu estilo próprio: começa começando.

— Para começar vou dizer que adultos que hoje somos, por dentro ainda existem aquelas crianças que em tempos fomos. Não nos separamos delas nunca, e nunca nos separaremos. Elas estão sempre em nós. E podemos estabelecer contacto com elas, é só querer. Hoje somos apenas crianças crescidas, ou crianças brincando de adultos. Aliás, elas não estão em nós, nós somos elas, elas são nós. Quando nos decepçionamos, decepçionamos a elas também; quando ficamos felizes, alegramos a elas também; quando vencemos, elas se orgulham de nós. Por isso nunca deixarei de confiar numa criança. E quando errámos, elas zangam-se connosco.

Uma criança alegre é um mundo inspirado.

Não interessa a origem, a raça, a idade, os gostos, hábitos... nada mais. Uma criança é uma fonte de inspiração para um mundo harmonioso. O que é preciso é apenas um pouco mais de confiança nelas. Vamos tentar lhes dar algum valor, direito, até mesmo algum poder, e veremos que podem se sair melhor que alguns de nós. Investir numa criança é garantir um futuro brilhante e uma aposentadoria tranquila — logicamente.

Criança com criança se entendem; criança com adulto muitas vezes se entendem; adulto com criança idem; adulto com adulto... aí a conversa é outra. Meia palavra vos basta!

Falando sobre isso, acabei de me lembrar que um dia o meu filho se aproximou de mim para me perguntar se eu já tinha

escrito o meu testamento. Fiquei tão espantado que lhe perguntei de onde vinha a tal ideia. Aprendeu com o professor na escola. Essas escolas de hoje em dia também precipitam os acontecimentos: fazem os meninos crescerem muito rápido em pensamentos!

Lhe respondi dizendo que as vacas eram todas dele, o campo e as charruas, a casa também. Tudo. Não precisava de nenhum escrito, pois concorrência não existia. Mas tudo seria dele se promettesse partilhar ao meio com a irmã. Negócio fechado. Voltou ele às suas brincadeiras. Minutos depois vinha a Linda a chorar. Estava ferida na testa. Uma amiga, nas brincadeiras de latinhas, lhe feriu. Mas ela não queria reconhecer que fora sem querer. Até a menina que lhe feriu veio a sua trás, a se desculpar. Mas a minha filha não queria saber. Para ela fora propositado, nem queria mais conversa. Mandou a outra embora. Continuou a chorar. Fez-se o curativo. Ela acalmou. Dormiu. Passou o dia.

Passou o tempo. A ferida sarou. Mas ficou uma pequena mancha negra na testa, lembrando o acontecido. Pelos acontecimentos seguintes deu para ver que aquela mancha existia também no coração, e, infelizmente, ainda existe. Linda nunca mais quis saber de conversa com a outra mocinha. Passou o tempo. Nada! Tentamos lhe convencer a recuperar aquela amizade. Mas nada! Organizamos encontros entre as duas. Nada novamente! Ela foi crescendo dizendo que a outra tinha estragado

a beleza dela, por isso nunca iria lhe perdoar. Que coisa!

Com o tempo as duas tomaram caminhos diferentes. Uma foi assim, outra foi para lá. A hostilidade no olhar não cessou. Talvez um dia termine. Nos Natais costumam se avistar, porque as duas voltam à terra natal. Mas a minha filha ainda lhe empena o nariz e dispensa a sua companhia. A outra já desistiu de se desculpar. A mancha continua ali na testa, e já virou parte da beleza dela. Sinceramente falando: eu não lhe imagino sem aquele pingó, agora moreno, na testa! Mas ela isso não quer saber. Tem uma mancha por dentro que custa ser apagada, ou custa conviver com ela.

— A tua filha é fogo!

— Diga “incêndio”, que é melhor.

— Parem de instigar a mocinha, vocês dois. Isso é feio. Cada qual com o seu carácter. Quantos anos ela tinha na altura do acontecido?

— Menos de dez, já frequentava a escola.

— E quantos tem agora?

— Perdi a conta pelas saudades.

— Como assim?

— Ela saiu de casa aos dezanove anos para ir estudar no estrangeiro. Desde esse tempo que parei de contar os anos, conto os dias que não lhe vejo... conto os dias de saudades. Isso porque me é difícil contar as horas e os minutos! De acordo com essa

minha contagem, hoje, precisamente hoje, fazem novecentos e noventa e oito dias. Daqui a pouco vem o Natal e ela estará cá. Vou lhe ver. Não vejo a hora. O irmão dela também prometeu vir passar o Natal na fazenda.

Desde que subiu naquele avião a minha filha nunca mais foi a mesma. Os estrangeiros lhe mudaram, e ainda lhe mudam, e vão lhe mudar ainda mais. Ela fala bonito, só que às vezes fala mal a nossa língua. Até o vocabulário de Camões vai esquecendo aos poucos. Veste bonito, mas alguns conhecidos meus implicam com ela. É social como um político em tempo de campanha eleitoral, mas sem cinismos... Minha Linda, linda e inteligente, minha Florinda: flor linda. Imensas saudades.

— Não vais chorar, pois não? — *Cunhado da Cruz intercepta novamente, já com um ar pejorativo.*

— Nada me proíbe. Sou um homem livre. Não tenho o porquê de esconder as minhas emoções, pois não me envergonho delas. Mas este não é o caso! Chorei um pouco, alguns minutinhos, nos primeiros dias da solidão. Agora apenas sinto um aperto no coração, como se a minha alma estivesse em apuros.

Essa estória da minha filha era só para vos dizer que algumas coisas que foram sofridas pela criança-nós se transportam até ao presente, para provar a existência de um cordão umbilical que nos liga ao nosso passado. Os sofrimentos podem ser repercutados. As dores podem continuar a se fazer sentir. As ansiedades podem

voltar. Os sonhos podem persistir. As decepções podem gerar um sentimento de vingança no presente... porque somos a mesma pessoa, apenas em tempos diferentes. Somos crianças crescidas, ou crianças brincando de adultos — repito-me porque sei que estou certo.

Quem, por algum motivo, se separa dessa criança, vive como aquele que não conhece a sua história. Não sabe de onde vem, nem para onde vai. Se é que vai a algum lugar! Pior do que uma desorientação é a falta de direcção e de destino. Para aquele que não sabe para onde ir qualquer caminho serve.

— Pois bem, está certo.

— Pois bem, estou certo mesmo. Está certo tudo que falo baseando-me nas experiências vividas. O que foi vivido por mim será uma lição para muitos. Os erros que eu cometi, ninguém mais os cometerá. Sob condição de me conhecer, é claro! Eu gosto muito de abrir picadas, daquelas que depois vão dar vida a uma auto-estrada. Este ensinamento é uma das picadas. Vocês é que são os patrões que têm o asfalto. Vocês é que decidem se vão, ou não, investir nas crianças.

— Estás a falar connosco?

— Claro, por quê?

— Nada demais. Deixa-me dizer que concordo plenamente contigo, não apenas pela veracidade do assunto, como também pela sua utilidade. Eu às vezes prefiro perder o meu tempo

brincando com uma criança do que conversando com alguns adultos. Se formos a ver, alguns adultos são mais infantis que as crianças. Por isso convém acreditar e investir nelas, porque elas quando parecem crianças é o normal delas e quando pensarem maduro já estaremos diante dos resultados do nosso investimento. Realmente investir numa criança é construir o futuro com as próprias mãos.

— Sem dúvida nenhuma, Cunhada da Cruz. Eu fiz tudo que estive ao meu alcance para educar bem os meus filhos. Sinceramente falando: não sei se errei em alguma coisa. Eles estão soltos neste mundo e estão a saber se virar. É doloroso tê-los longe, mas é gratificante saber que lhes tornei independentes, disciplinados e auto-suficientes.

Ainda meninos eles de mim pouco dependiam. A Linda conseguia fazer a colheita sozinha. O Naftal ordenhava as vacas sem a minha ajuda. Eles aprenderam as suas actividades ainda pequenos. Desde lá que se afirmaram independentes. Assim é que é certo. Cada qual deve conhecer a sua praia ainda cedo, porque nos dias de hoje já não se sabe quando virá o verão.

À este facto posso anexar a divisão de tarefas por género. Para mim os meninos devem fazer os trabalhos dos meninos, as meninas — os das meninas. Embora as meninas podem saber fazer os trabalhos dos meninos, e os meninos — os das meninas. É tudo uma questão de competências. Mais que competência vai

ser o respeito por cada um. Não se pode ensinar um boi a voar. E nem deve-se perder tempo tentando.

Um dia a Linda voltou da escola e estava com fome. A mãe não estava em casa, muito menos eu. O irmão estava ainda a brincar pelo caminho. Em casa não tinha nada preparado para comer, fora os biscoitos. Ela colocou os biscoitos num prato. Levou uma caneca e foi ao curral para tirar o leite das vacas. O que se seguiu já é um filme inteiro. Voltamos todos para casa e demos falta dela. Vimos o prato com biscoitos, o que indicava que ela teria estado em casa. Procuramos na vizinhança toda e nenhum sinal dela. Fizemos uma busca geral por toda a fazenda. Ela foi encontrada desmaiada. Estava do lado de fora do curral, mas os seus sapatos estavam dentro. Ela tinha um braço sujo de fezes de vaca. Inconsciente foi levada imediatamente ao hospital.

Ela chegou tão ferida ao hospital que os médicos disseram que corria o risco de sobreviver.

A minha esposa não parava de chorar. Naftal não entendia o que teria acontecido. Chorava também. Eu era o único que continuava com os olhos secos. Por sua vez o meu coração explodia. Nesses momentos me recuso a exprimir as minhas emoções através das lágrimas. Isso não é machismo, é uma das provas de que os sentimentos não conhecem a lógica! Quando todos perdem as cabeças tem que aparecer um que persista em continuar consciente. Quando todos se desesperam tem que

haver um que continue confiante, pelo menos para dar o seu ombro aos outros. Mesmo quando uma bomba explodir tem que ficar um para testemunhar o sucedido. A natureza nos fez assim, e tentar fugir disso é pura ilusão.

Então, como vinha dizendo, ficamos a espera dos exames médicos. Passou muito tempo. Continuamos à espera. Pacientes embora ansiosos. Até que um médico veio contrariar o que o primeiro nos dissera. Ele disse que ela tinha sido pontapeada na cabeça por um animal qualquer. “Animal qualquer”. Muito engraçado. Vamos adivinhar: é aquele animal que tem mais de duas patas, tem um corpo maior que o da minha filha e, acima de tudo, dá leite. Trabalho fácil para descobrir que animal foi esse. O médico disse mais: o corpo dela tinha sofrido alguns arranhões ligeiros, resultantes da queda. Ela ficaria bem em pouco tempo, mas poderia vir a ter alguma sequela: medo de qualquer animal de grande porte. Para nós isso era o de menos, apenas queríamos ela bem.

Quando fomos ter com ela, ela nos explicou que tinha ido tirar leite. Contou que enfiou a mão lá, de onde saem as fezes, querendo alcançar o órgão produtor de leite. Pensava que leite se tirava da fonte. E o que aconteceu depois já é do vosso conhecimento. Eu olhei para ela e disse:

— *Minha filha... escute uma coisa: de hoje em diante deixe os chifres para o boi, porque só ele os suporta.*

Depois disso, Naftal reforçou a sua promessa:

— *Olha, Linda, se precisares de alguma coisa chame por mim, eu vou fazer tudo por ti. Não precisas se castigar como se não tivesses irmão. Estou aqui para ti, me aproveite enquanto não casei.*

Rimos todos. A menina agradeceu e ainda disse que não queria ser mimada. O que ela poder fazer, vai fazer; e o que não poder fazer, vai tentar fazer. Depois tudo voltou ao normal. Até esquecemos o acontecido. Aliás, tudo entrou para a história, virou conto. Mas ficou a grande lição: deixe o sapato com o sapateiro, a roupa com o alfaiate, nunca deixe o canalizador arranjar o teu rádio. O mais importante é que pude perceber que ela queria aprender a viver errando. Esse pelo menos é um dos caminhos certos. Quem não está disposto a errar, está indisposto a aprender. E quem quer aprender se adapta à todas as condições de aprendizagem.

Os bons sapateiros, os óptimos alfaiates, os melhores canalizadores, fazem-se desde crianças.

Um favor: me deixem fora das palavras do Cuequinha. Pessoalmente não lbe conheço, pese embora escreva sobre ele. Se existe alguma ferida que as palavras dele criaram, a culpa não é minha. Talvez a culpa nem é dele também. Quem vai à chuva sai molhado, não por culpa da chuva nem de outrem.

Muitas das coisas aqui reveladas não são pensadas por mim, eu apenas

assino em baixo. Não estou lá, onde esta conversa toma lugar. Para não dizer que nunca estive em Namaacha. Eu não passo de um letrado ignorante, escritor frustrado nas suas tentativas de ganhar campo. Cheguei a acreditar na mentira de que eu era escritor. E, o pior, cheguei a convencer algumas pessoas disso. Quando na verdade sou mais um que escreve para encher as gavetas e ser lido por uma meia dúzia de amigos por solidariedade. Talvez me falta a inteligência do Cuequinha. Então o que vou fazer se a inteligência não se ensina, não se transmite? Ensina-se o conhecimento. A inteligência treina-se.

De qualquer maneira: se alguém sente-se pisado por este comboio, que abandone a linha férrea. Vamos admitir que cada qual tem o direito à sua opinião, e a divulgá-la. E deixemos o Cuequinha continuar com o seu sermão dos trilhos.

O comboio volta a entrar em marcha. E, como o habitual, o anfitrião toma a palavra cimeira.

— E voltamos à nossa trajectória. Vamos começar assim: quem tem uma anedota por contar? Estou de ouvidos abertos e lábios selados para ouvir. Contem-me alguma coisa interessante, ou engraçado.

— Deves estar a brincar! Sabes que o que mais queremos é ouvir as tuas anedotas.

— Já falei: estou de lábios selados e ouvidos abertos.

— Deixamos a palavra para o dono da casa. — *voltou a responder*

o moço.

— Assim é mau, porque eu não conto anedotas. Sou mais dado à lábia do que à imaginação. Em algum momento tentei ser humorista, mas vi que sequer tinha memória para lembrar as anedotas. O resultado foi que me tornei sof... Como se diz mesmo? Sof... sof... Me esqueci dessa palavra. Mas não faz muito mal, sem ela podemos avançar. Enganosamente eu pensava que para dar graça a uma anedota eu tinha que ser engraçado primeiro.

Sabem de quê eu costumo me orgulhar? Não sabem, obviamente. Da minha imperfeição. Isso mesmo: me orgulho da minha imperfeição. Não sou perfeito, por isso não me dou ao direito de perder respeito às outras pessoas. Reconheço os meus erros, me desculpo, fujo dos caminhos sujos, às bocas insensatas não dou ouvidos. É por causa dessa minha imperfeição que à cada dia me esforço para dar o meu melhor, naquela eterna tentativa de ser perfeito.

Neste mundo há dois tipos de pessoas: as que respeitam os outros e exigem respeito, e as que não respeitam os outros e exigem respeito. Os meus inimigos são amigos que ainda não me conhecem bem.

As pessoas não me entendem. Eu também às vezes não me entendo. Por isso não me dou ao direito de procurar entender os outros. Cada pessoa é um indivíduo. Cada indivíduo é um

mistério. Cada mistério — um universo. Somos feitos de corpo e alma. O corpo, ainda podemos entender a sua respectiva fisiologia e anatomia, mas a alma — dificilmente. Sabem como foi feita a pessoa humana? De tal maneira que a outra pessoa não consiga lhe entender.

Foi descoberto que o corpo humano é setenta por cento composto de água. Então a história de que fomos feitos a partir do barro deve ser posta em questão.

Criaram religiões para alimentarmos a alma, nunca criaram uma ciência para estudá-la. Por isso não adianta tentar entender o ser humano, as suas razões e faltas de razões. Basta reconhecer que cada qual tem o direito de ser o que quiser ser e o que poder ser. Basta entender as aspirações de cada um.

Se eu tivesse tido escolha, teria escolhido ser fotógrafo. Porque queria aprender a ver o mundo pelos ângulos que me agradam. O fotógrafo é muito bem treinado para sobreviver neste mundo. Em tudo procura inspiração para transformar o tudo no nada, o complexo no simples, o empírico no compreensível. Se não tem inspiração não vê, ou melhor, não fotografa. Com um simples *clicar* consegue resumir o mundo num pequeno papel colorido, às vezes preto-e-branco como um sonho. Resume a sujidade, as paisagens, as cidades, a pobreza, as festas, as traições, os nascimentos, os sucessos, lágrimas, beijos... tudo. Consoante a sua inspiração, tudo lhe é interessante na mesma proporção. Ele

não tem medo de ver, porque os seus olhos fazem da realidade uma inspiração. Ele trabalha a realidade do seu jeito pessoal. Enquanto que nós não vemos não só porque não queremos ver, como também não vemos porque temos medo da realidade. Para nós a realidade é tão assustadora quanto a escuridão para uma criança.

É assim que eu queria ver as coisas. Ver o lixo mas não pensar no lixo, pensar no devido ângulo para fazer um bom plano; paralisar o tráfego com o meu *flash*; invadir intimidades com a devida autorização; ganhar dinheiro vendendo imagens de um mundo parado... como eu queria ser fotógrafo! Se não fotógrafo, ao menos operador de câmara.

Mas, por ironia do destino, nem uma nem outra coisa consegui ser. Tive que aprender a cuidar da terra. Embora também me orgulho muito disso, porque sei que o mundo se alimenta do meu trabalho. Incluindo os fotógrafos! Por isso não me denomino um azarado. Sei que a vida sempre é justa. Nós é que temos que mudar o nosso conceito de justiça. Da mesma forma que Deus sempre abençoa. Nós é que temos que aprender a orar.

Tenho esperança que meus netos serão o que desejarem. Aqui a lei é aquela: tentemos não deixar dívidas por onde passamos, porque não sabes por onde andarão os nossos netos. Pois ainda podemos lhes obrigar a pagar as nossas favas, lhes levando ao retrocesso enquanto precisam de ser mais desenvolvidos que nós.

— Concorde.

— Só tens que concordar mesmo, e, mais nada.

— Por quê?

— Por nada, meu caro jovem. Mas talvez porque eu também concordo com aquilo que falo. Pois só falo verdades. Quando falo me aparto das minhas emoções, visto que elas não conhecem a lógica. Quanto mais lógico for, mais verdadeiro será! Quanto mais criativo for, mais original será! Quanto mais cómodos mais sofisticado. Ah, aí está. Me lembrei: sofista. A palavra que procurei a alguns minutos atrás: sofista. Completo o pensamento: me tornei sofista.

— Sofista? Sabes o que é que isso significa?

— Claro, Cunhada da Cruz. O quê esperavas? Pelos vistos estás a me medir com a palma da mão.

— Não, não é o caso. É que não esperava. Estou surpresa.

— Vais ficar mais surpresa quando eu te disser que sou sofista, mas não sou utópico.

— Isso já não me surpreende. Agora eu acho que tu mentiste para nós. Tu passaste por alguma universidade. Já faz tempo que venho sentindo isso, só me desprovia de meios e provas para te perguntar novamente.

— Que bom! Sinto-me feliz por teres me confundido. Pelos vistos sou mesmo bom na lábia. Mas... estou neste mundo a mais de meio século, o quê tu esperavas? Não achas que meio-século

de vida pode criar uma escola de pensamento? Mesmo considerando que estou a me aproximar do século! Não são cinquenta dias, são cinquenta anos... nem são cinquenta anos de brincadeiras, mas sim anos de vida. Pense bem, muito bem, muitíssimo bem. Achas que vi pouco, que ouvi pouco, que falei pouco, que andei pouco, e, acima de tudo, que sofri pouco?!

— Mesmo assim, não saberias essas coisas dessa forma, nessa ordem. O que falas está muito bem ordenado como a ciência.

— Tudo bem, já que insistes, me entrego. Não estudei, estudo na universidade da vida. Deve ser a milésima vez que digo isto. Ainda estou a escrever o meu trabalho final. O ponto final vou pingar no leito da morte, e o júri vai ficar a entregar o resultado aos meus filhos. Qualquer pessoa pode fazer parte do júri, incluindo os meus inimigos. Vocês também poderão fazer parte se quiserem. O bom é que ficarão a me julgar quando eu já não estiver aqui. Não que eu queira fugir das minhas responsabilidades, mas porque sei que não deixarei nenhuma dívida. Já que será uma glória, prefiro ser glorificado ausente.

Não devo nada a ninguém. Vivo a minha vida única e exclusivamente com a minha família. Se devo à alguém é aos meus filhos — pela ausência, e à minha esposa — porque no mês passado não lhe fui depositar flores. O resto não me diz respeito. Isso não é egoísmo, é simplicidade. É a forma singela que encontrei de viver tranquilamente neste mundo agressivo...

— Espera aí, Cuequinha. — *Cunhada da Cruz intercepta o orador para colocar alguns pingos nos i's*— Permita-me perceber uma coisa. Com todo respeito, sem desejar nenhum mal para ti e tua família. Espero não ter percebido bem, e que o diabo seja surdo. Por acaso a tua esposa já é falecida?

— Não precisavas dar essa introdução toda. Podias nos poupar desse palavreado todo. Tudo bem que ela merece, e mais, mas com certeza não faz questão! Não queria vos confirmar isso, mas tenho de fazê-lo. Com tristeza na consciência reconheço que os teus ouvidos estão bem apurados. Triste! Muito triste! Demasiadamente triste! Excessivamente triste! Me lembro, e logo fico triste. Porque o cordão que me ligava à vida real foi rompido e enterrado.

Muitas lágrimas derramei. Ainda que insuficientes! Fiquei arrasado. Nossos filhos também. O mais difícil não foi acreditar, mas sim aceitar. Aceitar que tínhamos perdido a ela. Aceitar que jamais a veríamos. Aceitar que aquele é que era o destino. Aceitar que aquela era a vontade do Criador. Fomos consolados, muito bem consolados, mas nada foi suficiente. A infelicidade era maior que a solidariedade. Agora estamos insatisfeitos por termo-nos conformados.

Me disseram que ela não morreu, apenas cresceu atingindo o estágio seguinte. Quando não há mais alturas para crescer crescemos para baixo, mais concretamente para a cova. É incrível

o que as pessoas inventam para superar as dores! Mais incrível são as saídas que as pessoas encontram para conviver com o indesejado. Outras dizem que essa sorte de crescer para o solo é de todos, incluindo os que já vivem debaixo da terra.

Mesmo assim continuava difícil aceitar. Eu pensava “... quem vai cuidar dos meus filhos? Quem vai lhes dar de comer? E de mim, o que será? Quem vai ser nossa mãe?!” Enquanto isso, os meninos pensavam em como enfrentar o dia de amanhã sem a mãe. O que diriam aos seus amigos na escola? E o que os seus amigos lhes diriam? Mas agora conseguimos nos ajeitar. Todos dias quando acordo olho para cima e digo: “vivi o dia de ontem como se estivesse com ela do lado, o de hoje será igual ao de ontem... o de amanhã não me pertence, apenas darei o meu melhor para que também seja igual ao de ontem...”

Passei os melhores momentos da minha vida ao lado dela. Também dei o meu melhor para que ela passasse os melhores momentos da sua vida ao meu lado. Já não vivíamos como se tivéssemos nascido um para o outro, mas como se fôssemos morrer um para o outro. Finalmente ela fez a sua parte. Eu estou a espera de dar o caminho certo para a felicidade aos meus filhos, depois sigo para salvaguardar a minha honra.

Desta feita, foi nestas circunstâncias em que a Linda, terminado o ensino secundário alguns meses depois, se candidatou na bolsa e foi embora. Embora tem voltado, para se

adaptar a viver sem a mãe aqui. Por sua vez, o mano dela mudou de cidade. Terminou lá a universidade e agora anda a nos interpretar. Recebeu prémio de melhor estudante, por isso lhe foi fácil ter emprego. O trabalho dele é contar a população e os seus problemas, para depois encontrar os problemas comuns e agudos. Dos resultados ele ajuda a evitar greves e tumultos, ajuda a criar uma sociedade ideal — onde o bom e o mau tem uma mesma tangente. Como se lhe faltassem problemas pessoais!

A morte é um assaltante inteligente: vem quando menos lhe esperamos e nos rouba o que temos de mais precioso. Se não tivermos nada no momento, rouba a nós mesmos. Dele não temos como fugir, porque é uma besta que caiu na terra para vitimar os vivos. É uma prova de que o mal também tem o seu espaço, independentemente da nossa vontade. Obedecemos a um rei, e tememos a um outro. O primeiro é a vida, o segundo é a morte. A escolha não é opcional, mas sim compulsória.

Não é preciso muito para morrer, basta estar vivo!

Se alguém, algum dia, conseguir entender a morte, essa tal pessoa vai morrer na mesma hora. Imediatamente. Assim como se tivesse nascido para morrer! A única coisa que sei é que a morte não é o fim da vida. Depois de morrermos entramos numa vida inextencional. Na qual materialmente não existimos, existimos apenas espiritualmente nos corações das pessoas que gostam de nós... passamos a existir metaforicamente. Eu aqui, que vos falo

essas coisas, não entendo nada sobre a morte, muito menos sei para que ela serve. O que vos falo são simples impressões pessoais, tiradas das inúmeras cerimônias fúnebres em que andei. Por isso acreditem só se vos apetecer.

Embora que entre a vida e a morte eu acho mais fácil definir a morte: é o fim da vida.

Dizem, sem confirmação, que nós africanos morremos das mais simples doenças, como se morrêssemos à toa. Mas talvez seja melhor assim, do que morrer vítima do seu próprio desenvolvimento. Porque isso já é suicídio — pecado contra a vida. E dizem também que nós sabemos melhor lidar com a dor da perda, porque desde pequenos aprendemos a perder e a ser independentes. Os nossos filhos não dependem dos pais, simplesmente precisam deles as vezes. Cada qual no seu canto, apenas nos juntamos na hora de jantar!

— Acho que assim era o africano antes da globalização. —
comenta a Cunhada da Cruz.

— Seja como for, somos diferentes de vocês. Vocês sempre estão ali, todos debaixo da mesma saia. Mesmo quando a mãe engorda e a saia lhe fica justa, estão ali. Ela também vos conforta, porque gosta de vos confortar e vocês gostam de ser confortados. Por isso depois vos é difícil enterrar a dona da saia. Ou talvez assim eram antes da globalização também?!

Essa maldita globalização, inevitável e necessária em alguns

momentos, fez do mundo uma aldeia onde partilhamos os mesmos hábitos e valores. Ah, me surgiu uma pergunta ao meu filho: a globalização é uma cultura ou um factor unificador das culturas? Vou lhe perguntar assim que lhe ver.

A minha cultura é simplesmente uma: de milho.

Brincadeira! A minha cultura é aquela que permite-me interagir com outras culturas, pois ela não discrimina as outras; aceita-as assim como são porque ela é assim como é. Apesar de sofrer influências ocidentais não deixará de ser o que é. Apenas aquela cultura que quiser deixar de ser o que é, é que irá deixar de ser. Nós continuaremos sendo o que somos mesmo depois do dilúvio, porque muda quem precisa de mudar.

Eu só mudo as minhas ideias quando a sociedade muda os seus ideais.

— Mas, Cuequinha, há que ceder e aceitar que a mudança é precisa. Ninguém é o mesmo a vida inteira. É preciso, de vez em quando, abandonar alguns posicionamentos e se aliar a outros. Nem tudo que é velho é rudimentar. Não é rudimentar aquilo que se encontra em permanente actualização. E, por sua vez, a actualização não é nada mais do que se adaptar aos novos tempos, aos novos valores.

— Concordo contigo, Cunhada da Cruz. É isso mesmo que estou dizendo. Apenas acrescentar que eu me actualizo quando necessário. Quando é necessário? Não sei, o tempo que o diz. O

mesmo tempo que sempre passa e consigo leva as nossas vidas. As mesmas vidas que ele mesmo um dia trouxe-no-la. Algumas coisas precisam de muito tempo para se actualizarem, tanto que a vida acaba terminando sem que tenham se actualizado. Quem tem sorte é quem consegue ser estático e resistir às mudanças do tempo. Para essa pessoa os vendavais, os ciclones, os maremotos, a seca, as inundações, a violência, as guerras, a morte, a paz... tudo é mesma coisa. Não há sofrimento maior que o outro.

Para se mudar, em primeiro lugar, tem que haver necessidade. Em segundo lugar tem que se acreditar na mudança.

Isso não é conformismo, muito menos ignorância. É uma das maneiras de lidar com as mudanças do tempo. Melhor é, primeiro aceitar que o tempo é a agenda da natureza, segundo aceitar que a natureza nos quer bem. Esta é a melhor estratégia contra os azares, ou os males. Ninguém consegue vencer o mal pensando que o mal é mais forte que o bem. Porque em primeiro lugar a vitória é conquistada na mente, depois materializada pelas mãos que obedecem à mente. O pessimista sempre morre entre fracassos! O optimista sempre vive entre sucessos!

O povo diz que os optimistas sempre perseguem os sucessos, enquanto na verdade é vice-versa. O sucesso sempre procura boa casa para morar. Assim como o barulho espanta os pombos, o pessimismo espanta o sucesso. É tudo uma questão de princípios: quem escolhe é cada um de nós. Estamos livres de errar, desde o

momento que dos nossos erros não façamos vítimas. Porque pior do que errar é cruzar os braços e não fazer nada. Vale a pena se arrepender daquilo que foi feito, do que por aquilo que não foi. Isso porque só se corrige o que foi feito erradamente. Sobre o que não se fez só se lamenta.

Meus filhos, existem muitas coisas que vocês ainda têm que aprender. O caminho do sucesso é longo e espinhoso. Só vai cortar a meta quem tiver paciência e persistir na caminhada. Só vai vencer aquele que lutar pensando no que vai fazer depois da vitória. Ao longo da luta acontecem decepções. Mas vos juro que o mais difícil não é se decepcionar, mas sim sair da decepção. Porque cada decepção requer sua única e exclusiva decisão. Não existe uma decisão para duas decepções, visto que cada decepção é única e singular quanto a dor que provoca.

O difícil não é cair, é levantar.

Em cada lágrima, uma dor. À cada dor, uma decepção. Para cada decepção, uma solução. De cada solução, uma aprendizagem. Em cada aprendizagem, uma esperança. Cada esperança, uma vida.

Me desculpem a sinceridade, mas tenho que vos falar. Nesta vida cada qual tem a sua vocação, e a minha é ensinar falando. Esse talvez é o meu erro. Porque se eu soubesse também fazer, a vida me seria mais cómoda. Eu sei que nem tudo que falo é verdade, apenas quero despertar um pouco a atenção de quem

dorme muito. Sei também que não sou o primeiro mentor destas ideias. A questão “acreditar em mim ou não” já é opcional. Mas vos peço para cultivarem o hábito de aprender mais com as pessoas do que com os livros. Porque as pessoas mudam, enquanto os livros se reeditam; as pessoas pensam, os livros reflectem pensamentos; as pessoas erram e ganham experiência, os livros ensinam experiências acabadas e poucas vezes mostram a sua génese... Não estou a desvalorizar os livros, simplesmente estou a valorizar a pessoa humana.

Faz mais uma pausa, mas sem demorar volta a falar.

Bom, amigos meus, estamos quase a chegar na próxima estação. Vamos sair para apanhar um pouco de ar fresco. Os pulmões precisam! Aproveitemos enquanto o tempo está simpático. Estamos cada vez mais perto da estação final. Espero que vocês se divirtam muito, que tenham momentos memoráveis, até que decidam nunca mais voltar ao vosso país.

— Seria bom. — *comenta a Cunhada da Cruz.*

— Concretiza seria bom. Melhor seria se pudessem hospedar-se na minha casa. Tenho um quarto limpo e vazio. Posso vos acolher lá se quiserem. Vocês são, como vocês falam, sangue bom. Acho que posso confiar-vos...

Bom, se não forem confiáveis, também tudo bem. Vos permito me roubar, me explorar, me matar, o que quiserem. Sempre me deixo sabotar pelas pessoas que eu acho que são boas!

Podem fazer o que quiserem de mim, porque sei que me matando só estarão a matar uma pessoa que estava na véspera.

E que tal, virão comigo na minha casa?

— Precisamos de pensar no assunto — *responde Fernão Cunhado da Cruz* — porque não queremos dar trabalho e concretiza queremos privacidade. Queremos poder entrar e sair de casa quando nos apetecer. Queremos ser livres como as gaivotas. Digo gaivotas adultas! Adultas e sem regras por cumprir, sem satisfação por dar, sem dever por realizar. Acho que se ficarmos na tua casa podemos te incomodar. Além do mais tu vais a Namaacha tratar dos teus assuntos pessoais e não podes ficar aí a servir de guia turístico para um casal de jovens apaixonados.

— Pode até ser. Mas na minha idade o tempo é divisível por tudo. Quando eventualmente não me sobra tempo, então o recupero no sono. Insisto na minha proposta mesmo entendendo as vossas razões. Em que consiste a amizade senão em sacrifícios um pelo outro!? Eis o meu cartão de visita — *retira do bolso um cartão e entrega-o ao jovem e continua falando* — Se mudarem de ideia, ou se precisarem de alguma coisa, é só ligarem que terão sempre um amigo verdadeiro por perto. Mesmo que vos falte sono me liguem. Estarei sempre disponível para vocês. Entendo perfeitamente que um amigo nas horas de necessidade faz muita diferença; um amigo nas horas de felicidade simplesmente é indispensável. Somos amigos, pois não?

— Claro, claro. Somos, sim — *com um sorriso respondem os dois quase que em coro. E depois a Cunhada da Cruz se prolonga* — Os teus filhos tem muita sorte de ter um pai como tu. Nós temos muita sorte de ter um amigo como tu. O mundo tem muita sorte de ter pessoas como tu. E tu tens muita sorte de seres tu.

— Obrigado. Mas direi um obrigadão quando nos encontrarmos novamente depois que a nossa viagem terminar. Mas enquanto isso vamos conversando sobre tudo, talvez assim aprendamos alguma coisa. Se não aprendermos nada, então terá valido a pena o facto de termos ido à escola. Digo, terá valido o facto de termo-nos encontrados nesta viagem pelos trilhos da vida. As boas coisas são aquelas que ensinam a viver. Mas as melhores são aquelas que ensinam a aprender.

Vamos nos preparar para sair, porque nesta estação obrigatoriamente temos que abandonar o comboio. Mais uma vez a polícia e os cães vão fazer o trabalho deles. Enquanto nós vamos passeando um pouco para além da plataforma. A paragem será curta como todas as outras. Somos chamados a fazer uma visão geral para depois criar uma impressão geral. Esse é um método que se chama indução e dedução ao mesmo tempo. Indedução. Olhem para tudo, escutem tudo, perguntem tudo, mas apenas acreditem no que vos apetecer. Porque a próxima estação se chama...

ESTAÇÃO DO TRABALHO

Dizem que existe um poço enorme entre ricos e pobres.

Eu só quero saber quem o cavou.

— Aqui entre nós apenas vocês são empregados, mas somos todos trabalhadores. O que nos difere são os regimes a que obedecemos, os patrões a quem trabalhamos e os resultados que alcançamos. O processo é o mesmo e se chama trabalho. Trabalho no verdadeiro sentido do trabalho. O mesmo trabalho que dizem que dignifica o homem.

Esta é a região onde se sabe quase tudo sobre o trabalho. Fala a boca do povo que por aqui passou um tal de Marx. Em contrapartida a História desmente. Eu também. Deve ser apenas a boca do povo que é maior que a razão.

— Pois é, Marx nunca esteve em África. — *Cunhado da Cruz*

— E o quê? Quem sabe ele não esteve aqui de férias e alguns populares lhe reconheceram?! Então, como ia dizendo: as pessoas nesta área abriram os olhos bem antes do sol nascer. Começaram

a trabalhar bem antes de se inventar o salário. Criaram até os seus próprios negócios. Eles entendem perfeitamente que as pessoas precisam de trabalhar para viver. Carro parado não chega a nenhum lugar! Aprenderam o empreendedorismo para enfrentar o desemprego. Carro empurrado chega a algum lugar! Descobriram também o valor do tempo.

Eu quis aprender deles, mas não consegui criar a minha esfera de influências por aqui. Fui um simples observador. Ou um observador simples — como queiram! Daqui tirei exemplos. Dos exemplos criei os meus próprios modelos de trabalho. Não sei se tive sucessos, só sei que cheguei onde estou. Vocês vão ter pouco tempo para aprender o segredo para a eficiência no trabalho. Porque para conhecer o caminho das águas há que mergulhar. Até porque eu também indisponho da devida didáctica para vos ensinar.

Cunhada da Cruz — Estamos dispostos para o pouco que podermos ouvir.

— Que bom. O primeiro passo para uma aprendizagem é a vontade de aprender. Tudo começa com uma boa acção diária. Os Escuteiros é que sabem melhor o que é isso! Mas não seja por isso, eu também sei algo sobre o assunto.

Cada dia se apresenta a nós como uma oportunidade nova de corrigir os erros e aperfeiçoar os acertos. Cada dia tem os seus mistérios. E como todo o mal é vencido pelo bem, os mistérios

diários são decifrados por uma boa acção diária também.

Vamos indo assim. Tem um banco mais à frente, onde poderemos sentar. Vamos sentar o corpo, descansar o físico... as mentes que continuem em activo. Se possível aceito ser servido algo para comer.

Nesta terra tudo fica na conta do estrangeiro! E mesmo assim ainda falam que o estrangeiro nos explora.

Como eu dizia: cada dia é igual a si. Não há dois iguais. Com a soma dos dias se faz a vida. Aqui vive-se um dia de cada vez, mas nunca como se fosse o último. Talvez como se fosse o primeiro das suas vidas. Existe uma lógica de viver o dia de hoje como se estivesse a preparar o de amanhã.

Realmente nada é melhor do que ver um dia a nascer novamente, e com ele novamente nascer em nós a esperança de novas inspirações. Nada é melhor do que um dia novo sobre um dia de tempestade; um dia que vem anunciar que nos é dada uma segunda, talvez a terceira ou a quarta, chance para sermos felizes; ou mesmo para corrigirmos os nossos erros.

Quando algo vai mal, nós vamos dormir. Porque não estamos em condições de fazer contacto com o mundo. No dia seguinte vamos acordar como o Sol matinal que brilha tímido mas encantador. Sempre temos que transportar alegria, felicidade, disposição, energia positiva, coragem, porque sempre há alguém que quer se inspirar em nós. O fracasso de ontem pode ser a

chave para o sucesso de hoje. Daí que devemos olhar para o problema do dia anterior como um desafio.

Quem vive aqui conhece melhor esta lição e já mentalizou que tem um conjunto de obrigações por fazer ao longo do dia. A intenção é saber que não vivemos para nós mesmos, mas sim para os outros. Daí surge o respeito como um factor relevante nas relações quotidianas. Respeitar todas as pessoas porque não sabemos definitivamente quem vive para nós. E, por sua vez, o respeito se revela como a base de qualquer tipo de trabalho. Falo do respeito pelas pessoas, pelas regras, pelo tempo. Esse é o factor de crescimento no trabalho, porque proporciona a unidade e entendimento dentro de uma colectividade.

Houve um tempo em que eu pensava que trabalhar era apenas produzir, produzir, e só produzir, assim como fazem as máquinas. Mas depois notei que o Homem trabalha, as máquinas produzem — duas coisas categoricamente diferentes. Trabalhar inclui um conjunto de princípios e emoções. Trabalhar é com coração. Produzir, com as mãos. Não existe outra coisa que leve ao desenvolvimento a não ser o trabalho. Falo de desenvolvimento em todas vertentes.

O trabalho cria cidades, traz-nos a facilidade que precisamos, dá comodidade, oferece um bem estar às pessoas. Mas infelizmente nem todos conseguimos dar valor a isso. Alguns gostam mais de relaxar enquanto os outros trabalham. Alguns

pensam que os outros trabalham enquanto eles se aproveitam do trabalho deles. Alguns são sanguessugas, enquanto que os outros são o próprio sangue!

Se tu queres crescer tens que trabalhar. Se tu queres trabalhar tens que aceitar as regras. Se tu aceitas as regras vais trabalhar. Se tu trabalhas vais crescer. É tudo um ciclo rotineiro como um relógio. Mas infelizmente, novamente, nem todos percebem isto. Muitos serviços continuam muito longe de se chamarem trabalho.

A maior riqueza de um país é sua população. O trabalho de cada membro da população é uma parte crucial para o desenvolvimento do país todo. Nenhuma mão de obra é menosprezável, ou dispensável, porque o todo se faz das partes. Cada parte é um pedaço do todo.

Pois vejamos: como se explica que um posto de serviço que devia abrir às oito horas da manhã venha a abrir trinta minutos depois? E todos os dias é a mesma coisa! O que dizer quando ficamos numa fila do banco cerca de trinta minutos? Quem nunca reclamou por um conhecido que morreu numa cama do hospital ainda a espera do médico sair do fim de semana? Quem vai responder por aqueles jovens expulsos do colégio porque os pais já não tinham mais dinheiro para suportar os custos? A que horas teriam chegado no serviço os meus empregados se eu tivesse sido pontual? Quanto dinheiro perdemos com o atraso? Quanto dinheiro ganhamos trabalhando até depois da hora do fecho? Sim,

a questão é toda sobre dinheiro. Não virei materialista, apenas estou a reconhecer a minha natureza materialista.

Eu não sou como aqueles que quando falam de dinheiro ganham sensibilidades. Eu falo tudo o que penso. Penso em tudo o que falo. É preciso trabalhar para ganhar dinheiro. Mas infelizmente algumas atitudes, pouco racionais, atrapalham o processo. Como é o caso da má gestão de tempo. Por isso eu procuro saber quais seriam os ganhos se pudessemos trabalhar vinte e quatro horas por dia, apenas nos trocando de turnos? Quanto dinheiro por isso ganharíamos? Podem dizer que estou a ser mercenário, mas a verdade é que ao fim do dia todos somos mercenários. Uns de forma discreta, fingida e não reconhecida. Outros de forma aberta e reconhecida. Dita a experiência que os segundos é que são felizes nos seus intentos.

As questões são estas e outras. A resposta é uma: perdemos muita coisa com a falta de respeito para com o horário. O mesmo horário que pusemos para harmonizar as disponibilidades de tempo de cada um dos trabalhadores. O tempo é tudo que temos para perseguir o desenvolvimento. Tudo mesmo. Aqueles países, que hoje admiramos, descobriram este segredo há muito tempo e deram passos gigantescos nos deixando para traz. Se nós aprendermos a gerir o tempo ainda podemos lhes seguir. E aprender não passa de uma simples vontade. Aprende quem quer, e quer aprender quem tem objectivos na vida...

É hora de voltarmos ao nosso comboio. Vamos indo devagar para chegarmos imperceptíveis.

E vão voltando. O casal com as mãos dadas e corações abraçados. Os três se fazem de volta ao comboio. O movimento das pessoas continua o mesmo: umas sentando, outras tentando sentar. De novo acontece o mesmo que aconteceu no primeiro e no segundo embarque. O velho perde o casal de vista. Agora fica mais relaxado porque acredita que eles andam muito rápido quando estão no meio da multidão. Mas quando chega a mesa não lhes encontra lá. Procura-lhes em todos os lados. Espreita da janela para ver se não lhes deixara fora. Começa a ficar preocupado. Pergunta as pessoas a sua volta se não teriam visto um casal assim-assim. Eles respondem que não. Mas o que o velho não entende é que as pessoas nunca viram esse casal assim-assim. Quando vira o olhar de volta a mesa vê-lhes sentados. Aproxima-se deles e pergunta por onde andaram. Respondem que não foram a lugar nenhum. Pergunta se lhe viram procurando por eles. Respondem que lhe viram procurando algo mas, como não podiam ajudar, ficaram quietos. O velho senta-se disfarçando a sua desconfiança.

Em pouco tempo o comboio retoma a sua marcha. A temperatura aumenta. o Sol brilha mais intenso. A viagem continua.

Então, como eu dizia, podemos encurtar certos processos para ganhar tempo. Por exemplo, se pudéssemos juntar aqueles trinta minutos perdidos antes da abertura com aqueles quinze minutos de um encerramento precoce podíamos ter mais seis dias de trabalho no fim do mês. Estão a ver isso tudo? Significa que com

esse desrespeito ao horário perdemos cerca de seis dias mensais, dos quais cada um tem nove horas de trabalho. Com isso ao fim do ano perdemos cerca de setenta e dois dias de trabalho. E ao fim de cinco anos perdemos um ano inteiro. Em cada dez anos perdemos dois anos... e assim sucessivamente. Isso sem contar com os feriados! O mais engraçado é que mesmo assim queremos desenvolver.

Só se se tratar de desenvolver a preguiça e promover a pobreza!

Dizem que existe um poço enorme entre ricos e pobres. Eu só quero saber quem o cavou.

Só com este pequeno reajuste diário ganhamos muito tempo de trabalho. O que dizer se pudéssemos criar um sistema que trabalhasse sem interrupção? Onde os trabalhadores se trocariam em turnos, mas o trabalho em si não parasse. Assim podem ter certeza de que iríamos recuperar os séculos de atraso que temos em relação aos países invejados pela riqueza. Esse é o sonho do povo desta terra. É o mesmo sonho de um país que acredita no trabalho como o vector para o desenvolvimento.

Sei que podem aparecer algumas pessoas que me perguntem se conheço o custo da energia que iluminaria os gabinetes e as fábricas enquanto funcionam de noite. E se será que esse custo é compensado pelos gastos? Bom, não sei a resposta. Que me digam o quanto custa. Mas também esta coisa de energia eléctrica

tem que deixar de ser luxo.

Enquanto não tivermos sonhos não existimos. É preciso sonhar para viver. É preciso sonhar para morrer em paz. É preciso sonhar até para ter uma vaga no Paraíso. Quem não sonha não se difere daquele cão -rafeiro que vagabundeia pelas ruas.

Quem foi que disse que os países que tinham que se desenvolver já o fizeram, e que os que tinham que ficar atrás também já tomaram as suas posições? Estou a procura dessa pessoa que disse que é tudo uma questão de destino, porque propagandeou uma doutrina de conformismo. Eu acredito que todos podemos nos desenvolver. Assim como o crescimento: todos podemos crescer. Ou assim como o sucesso: há sucessos suficientes para todos. Todos podemos chegar lá. É tudo uma questão de trabalho.

— E conheces a matemática também! — *Cunhada da Cruz*.

— Por quê não? O que é a matemática senão filosofia escrita em números. E, por sua vez, filosofia é a forma de pensar de cada um de nós. A matemática é um modo de vida. Cada humano, uma filosofia. Tudo o que pensamos pode ser escrito em números. Existem dois tipos de filosofia: a que aprende-se na escola, e aquela com a qual nascemos...

— Desculpe te interromper — *Cunhado da Cruz acaba interrompendo as falas do outro* — tenho aqui uma perguntinha. Não achas que existam países que atingiram o auge do seu

desenvolvimento? Por exemplo, esses países que têm cidades grandes, bonitas, limpas, que quase já não tem para onde continuarem a crescer porque mais adiante tem montanhas. Ou aqueles que acabam desafiando a natureza construindo sobre rochas, barreiras, riachos... eticétera. Não achas que esses tenham atingido o seu auge?

— A ideia do auge é uma ilusão trazida pela preguiça às nossas mentes. É necessário que a Terra fique bonita e respire, e para isso temos que pôr muitas plantas na solo. Adão embelezava a Terra com flores de Éden. Nós embelezamos a mesma Terra com cidades. Cidades verdes. Para nós cada edifício é uma flor, por isso pretendemos encher o mundo de edifícios. Se for necessário podemos construir debaixo do oceano, desde o momento que seja para viverem pessoas que não tiverem abrigo em terra firme.

A Terra jamais vai encher de pessoas.

As construções não são culpadas, muito menos malignas. Culpada é a necessidade de construir. Para quê construir? Mesmo assim não é cem por cento correcto atribuir a culpa à necessidade, porque nunca se constrói para o nada — é sempre para satisfazer a crescente taxa de natalidade. “Uma casa nova para minha filha, duas para meu filho”, todos sonhamos assim. Sonhar não conhece fronteiras!

Por isso, meus filhos, trabalhem muito, porque ainda há muita flor por plantar nesta terra. Empenhem-se o máximo para que o

mínimo não bata na vossa porta. Se for possível sonhem em dar um novo nome à Lua. Na vossa idade tudo é permitido consoante a vossa liberdade. Enquanto na minha tudo é proibido consoante a liberdade dada pelo médico. De jovem só me resta o desejo de ser jovem novamente, ou talvez eternamente.

Cunhado da Cruz — Os idosos sempre se lembram da juventude com um brilho nos olhos. É impressionante! Uma vez perguntei a uma idosa qual era o momento mais marcante da sua juventude. Ela me fixou o olhar por alguns minutos, lambeu os beiços, passou a mão na testa, inspirou o ar tão fundo como se voltasse ao passado, as rugas ficaram vermelhas... depois de muito tempo começou a falar do seu casamento. Se não fosse o Sol a se pôr, ela teria falado o dia inteiro sobre aquele dia que marcou a juventude inteira dela. Até fazia gestos lembrando o acto, mas no fim dizia: noiva de verdade só se é uma vez na vida.

— Ela tinha razão. O casamento marca muito nas nossas vidas.

— *Comenta a sua esposa e a razão fica entre família.*

— Sim, marca muito, sim. Mas também pode desmarcar. Vão dizer que aí venho eu com os pessimismos. Mas é a verdade. Eu sou escravo da verdade. O facto é que ou você casa para ser feliz, ou para ser infeliz. Para tomar o primeiro caminho você tem que ser feliz ainda antes de casar. Apesar de que isso não garante muita coisa, mas já é bom começo. O namoro é um conselheiro. Bem começado, meio caminho andado — dizem os sábios.

Falando da juventude me lembrei de algo. Eu divido a minha juventude em duas partes: o antes e o pós casamento. O antes é o mesmo como o de qualquer jovem. Ou pior. A juventude de um solteiro é igual a de um outro qualquer, diferem apenas os meios e as condições de cada um. Mas a mim os meios pouco importam, importam mais os fins.

Agora, o pós casamento é uma novela sem vilões. O meu semblante pode não ficar vermelho porque vermelho sob preto é preto. Posso não fixar o meu olhar, porque tenho um olhar traíçoeiro. Posso não lambar os lábios, porque não gosto do sabor deles. Ainda posso não passar a mão sobre a testa, porque não faço nenhum esforço mental. Ou também posso não respirar fundo, simplesmente porque não tenho fundo para onde respirar... mas também me encho de alegria quando recordo o casamento da minha juventude com a da Cesária, filha dos Sousas e neta do subúrbio. Aquilo foi mais do que realização dos meus sonhos, foi o meu segundo nascimento. A Cesária me soprou o fôlego pela segundo vez e me permitiu sentir o sabor de viver. E ela ainda embelezou a vida que me deu...

— Espera aí, a tua esposa era brasileira?— *pergunta espantada a Cunhada da Cruz, para um resposta romantizada.*

— Quem disse que por ter morrido deixou de ser?! Brasileira de corpo e alma. Talvez mais de corpo do que de alma, porque a alma pertence aos Céus. A medir pelo corpo dela e olhando para

a Cunhada da Cruz, com todo o respeito, posso confirmar a beleza das vossas mulheres. Mas permitam afirmar que depois das gregas, as mulheres mais bonitas do mundo são as moçambicanas. Minha modesta opinião! Mas, deixemos esse assunto para uma outra ocasião...

Voltando ao casamento. O casamento foi feito como um fenómeno único, uma chuva única de bênçãos. A emoção de casar compara-se com a de receber um filho na família. O casamento não é apenas sagrado, como também é uma mostra pública de que fizemos a mais certa das escolhas, a mais última das decisões. É um juramento de honra, no qual penhoramos o nosso nome e o da pessoa com quem casamos. O casamento é a introdução ao outro lado “A” da nossa vida, por sinal — o melhor. É um indicativo de que encontramos a costela que nos foi tirada. Entretanto, símbolo de que encontramos o pedaço que nos completa, e, como só existe um pedaço para cada qual, aceitamos que nossos corações sejam selados juntos e carimbados: MADE TOGETHER.

Não sei porquê falei isso em língua estrangeira.

Portanto, também, noivo de verdade só se é uma vez na vida. Mas admito a possibilidade de existir uma segunda oportunidade para ambos. E nego categoricamente a terceira. Quem casa pela terceira vez, ainda poderá casar pela quarta, quinta, e mais vezes. Assim penso eu. O feliz é aquele que casa quando chegar a hora

de casar.

Cunhada da Cruz — Antes de muito. Cuequinha, sabes que ainda antes de revelares a nacionalidade da tua esposa eu já te identificava como nosso. Ela está de parabéns, conseguiu fazer de um moçambicano um brasileiro.

— Não, não estas certa. Em primeiro lugar, eu não tenho nacionalidade, sou cidadão do mundo. Não conheço fronteiras, só tenho noção delas. Por isso sempre me identifico usando o passaporte. Em segundo lugar, ela está de parabéns por ter feito de um moleque um homem, homem de verdade. Mas também posso ser vosso, se me aceitarem, porque quero ser de todos. Não precisam enciumar, com a idade nossos corações ganham o tamanho do universo e conseguem albergar todo o mundo. Pai e mãe são para alguns, avôs são para todos.

Eu não tenho nacionalidade, visto que não cultivei o hábito de obedecer as leis dos homens. Faço as minhas próprias. Por sorte, ou coincidência, as minhas leis nunca entraram em atritos com as da sociedade. Ensinei os meus filhos a fazerem o mesmo. A questão é que cada pessoa é uma entidade, sendo assim, cada qual tem que inventar o seu caminho, suas regras, seu código de vida... bastando, nem com isso, saber observar a liberdade dos outros...

A nossa liberdade às vezes parece ser uma ilusão, outras vezes se assemelha a uma realidade. Que coisa é essa que às vezes é uma coisa, outras vezes é outra? Na verdade, nós nunca fomos livres,

talvez algum dia seremos. Talvez! As águias é que conhecem a verdadeira liberdade. Nós ainda continuamos presos às leis dos homens e às suas repressões. Outras vezes nos tornamos escravos das crenças e das convicções dos outros. Outras vezes ainda somos alienados aos princípios de conduta social... Essas são características próprias da liberdade, e fugí-las — não temos para onde. Ou melhor, temos. Por mim, o ideal é a independência. Melhor seria se cada pessoa pudesse ser independente. Tão independente como um país!

Se cada pessoa pudesse criar suas regras. Se cada um pudesse abrir seu próprio caminho. Se cada qual pudesse inventar a sua educação. E se, no meio disso tudo, aparecesse um grupo que pudesse harmonizar as possibilidades de todos sem limitar nenhuma pessoa no exercício das suas vontades. Sim, aí estaríamos diante da liberdade convertida em independência. Mas não! Na realidade o grupo aparece para subordinar os outros, para reprimir as suas vontades ensinando, por exemplo, que a ambição é um mal social. Dizem que a Lei está acima dos homens, enquanto alguns fazem dela sua almofada. A verdade é que o homem jamais vai conviver com uma coisa sabendo que a tal coisa lhe é superior. Essa é a nossa natureza, com a qual nos deparamos em cada esquina das nossas vidas.

O que recomendo a vocês dois é que nunca deixem a Lei do país entrar na vossa família. Como marido e mulher não

observem nunca a Constituição da República. Dos relacionamentos conjugais ela deve andar longe. Deve estar presente apenas quando os cônjuges estiverem a se comunicar com a sociedade. Fora isso, se livrem dela. O marido não deve fazer à sua esposa o que for legal do ponto de vista da Lei, mas sim o que estiver certo do ponto de vista da esposa. A mulher não deve exigir que o marido seja justo, conforme o preconizado na Constituição da República, mas sim que lhe seja moral. O casamento vive do amor do marido e do respeito da esposa, e vice-versa. Os dois só devem aproximar-se da Lei para o divórcio, quando viver juntos já estiver fora de questão.

Acredito que Cunhado da Cruz sabe bem do que estou a falar.

— Claro. Assino em baixo.

— Muito bem assinado. Sei que falo muito, mas não falo a toa. Nem um demente fala a toa: é incomodado pela sua cabeça.

Conto mais uma: a minha filha completou dez anitos. Foi-lhe oferecida uma boneca do tamanho dela. A menina ficou tão feliz que não conhecia mais ninguém. Passou cerca de duas semanas a namorar aquela boneca. Começou a retirar a atenção que dava ao irmão e aos amigos. Só cuidava da boneca. Lhe penteava, punha numa posição e de repente noutra, lhe organizava uma cozinha, simulava que lhe alimentava... Do outro lado isso incomodava o irmão. Tanto que numa manhã a casa toda acordou aos gritos da menina. A sua boneca tinha perdido a cabeça.

— Coitadinha, por quê ele fez isso? Tanta maldade de um irmão para uma irmã. Esse é outro Caim. — *choramingas da Cunhada da Cruz*.

— Maldade? Não sei! Mas bondade sei que não foi. A mãe ainda tentou coser a cabeça de volta, mas não resultou. Nada conseguia amparar a menina. O irmão se escondeu o dia inteiro. Ele teimava a ira da sua irmã, porque sabia que tinha ultrapassado os limites. Não deu as caras até quando a fome lhe atacou. Voltou para casa pálido e murcho, fingindo inocências há muito perdidas. Ninguém lhe fez uma sequer pergunta. Por sua vez, a menina ficou muda até quando lhe comprei uma nova boneca parecida àquela. Isso em cinco ou seis dias, porque eu não estava a aguentar mais ver a minha filha com aspecto fúnebre.

No mesmo dia em que lhe trouxe a boneca, desapareceram todos os brinquedos do mais velho. As bolas, os carrinhos, comboios de brinquedo, soldadinhos... tudo. Ninguém sabia o que acontecera, embora todos estávamos em casa. Era fim de semana como da outra vez. Eis agora a agonia a atacar o meu filho.

— É bom. Era para aprender a não estragar as coisas da outra. Com certeza ela lhe devolveu o mal.

— Agora sim, isso é que é maldade da tua parte, Cunhada da Cruz. Nenhum mal deve ser respondido com outro mal. A vida não permite isso. Se ontem tu fizeste o bem para alguém, e hoje

essa pessoa te faz mal, amanhã continue a lhe fazer o bem. Se depois de amanhã essa pessoa persistir em ti fazer mal, mesmo assim tu deves continuar a lhe fazer o bem depois de depois de amanhã e assim sucessivamente. É preciso aprender a responder o mal com o bem. Se assim procederes vais ver que até domingo essa pessoa estará de joelhos a orar por ti, e na segunda-feira tu vais acordar com tremenda de uma boa disposição.

O segredo é ignorar o mal que nos fazem e dar atenção ao bem que queremos fazer. É verdade que nem sempre o bem vence o mal, mas também é verdade que o mal não subjuga o bem para sempre. Só por engano as pessoas são condenadas por fazerem o bem. Vale mais a intenção de fazer o bem do que o próprio mal já feito. Acreditem, o mal não tem nada de bom — tudo que o bem tem. É como a mentira que só perdura enquanto a verdade estiver a dormir. A luz sempre espantará a escuridão.

Voltando ao assunto. E assim terminaram os dois sem nunca terem declarado as suas culpas. Os brinquedos foram substituídos gradualmente. Meses depois os perdidos foram achados na outra margem do rio. Já estavam quase sem proveito. Como os pedaços do balão do menino gordo, caíram nas mãos dos meninos magros. Tinham sofrido os efeitos do tempo de solidão. Desde então nunca mais houve fronteiras entre os meus dois filhos. Passaram a se respeitar pouco, sobretudo quando nas brincadeiras se encontravam. Mas quando se tratava de defender um ao outro,

contra os outros meninos, eles eram unidos. Concluindo: unidos no mal para o bem. Embora às vezes no bem para o mal! O importante é que em algum momento eram unidos por alguma causa comum. Alcançado o objectivo — os caminhos se ramificavam.

Isso tudo só para provar que a nossa natureza é mais de ciúmes do que de amor. Diz-se que o amor com os ciúmes se fortalece e se torna puro. Eu não acredito nisso. Essa coisa de amor puro é apenas um ideal que existe algures no espaço. Na vida real não passa de um simples desejo que jamais lograremos. Enquanto caminhamos para lá, vamos andando com os nossos ciúmes porque eles nos protegem do pior e do muito bom.

Uma coisa que costumo dizer é que não é preciso ser poeta para falar do amor, basta estar entre os homens. E não é preciso estar vivo para estar entre os homens, basta ter espírito...

Cunhada da Cruz — Eu já não te entendo. Como podes duvidar da pureza do amor se dizes que foste plenamente feliz com a tua esposa? E outra coisa: pode bastar estar entre os homens para poder falar do amor, mas não basta para poder sentir o amor. Porque o amor, feliz ou infelizmente, é uma dádiva que nem todos fomos dados. Se todos fomos dados, então nem todos aprendemos a usá-la. A pessoa pode ter as sete vidas do gato, e viver em quantas gerações quiser. Mas se ainda não tiver recebido este dom, por mais que fale, as suas falas serão superficiais.

— Concordo plenamente. Deixe-me argumentar. Primeiro: nem toda a felicidade é proporcionada pelo amor. Ainda existe aquela que nós nos oferecemos pessoalmente, e existe também aquela que as pessoas nos oferecem sem querer. Segundo: para sabermos o problema do nosso carro procuramos um mecânico, ou electricista; consultamos o médico sobre a saúde; chamamos o pedreiro para tapar aquele buraco na parede da nossa casa; pagamos a escola para incutir a ciência nos nossos filhos... logicamente, para sabermos sobre o amor procuramos quem já o provou de verdade. Modernamente falando, apenas nos restam os vivos para consultar. E, primitivamente, também nos restam aqueles que estiveram entre os vivos. De todas as maneiras, sobre o amor só podemos perguntar aqueles que em algum momento experimentaram a vida. Indo adiante ao meu terceiro ponto quero corrigir um mal-entendido. Eu não ignorei o amor, mas sim a sua pureza, a sua plenitude.

— Seja como for, ignorar a pureza de uma coisa pura é o mesmo que ignorar a tal coisa directamente. O amor é mais puro até que a virgindade, porque a virgindade pode ser quebrada com esses vossos olhos ambiciosos. Ou simplesmente ociosos, gulosos. Enquanto que o amor mesmo traído não se quebra, só se transfere.

— Olha quem é o que fala?!— *reage o marido dela* — Já sei que debaixo dessa mensagem tem o meu endereço. Mensagem

recebida, obrigado. Espere a resposta dentro em breve. Agora está a ficar mais interessante. Ia vos dizer que se fossem a começar com as vossas teorias me deixassem de lado. Se possível que me permitissem apanhar uma soneca. Mas agora não, continuem a falar. O que mais vocês sabem? Estou de ouvidos abertos.

— Enquanto não me fazem a pergunta eu não sei nada. Não vamos começar com nada, porque eu não sei nada. Já falei que não falo filosofias, apenas tento filosofar. E a minha filosofia é apenas minha, porque é a minha forma individual de ver o mundo. As minhas falas reproduzem a realidade recebida pelos meus olhos. Eu apenas falo o que sei e sei o que vejo. O que ouço apenas me dá noção. O que sinto me dá impressão. E o que toco vejo. Pese embora as pessoas digam que existe muita informação desconhecida guardada na minha mente. Informação essa que faz parte de tudo que sei. Para eu acreditar nisso precisaria ser maluco. Se bem que há muito tempo que foi dito que a loucura é uma forma de independência. Isto prova ainda mais que a independência é uma loucura atingida em plena lucidez. Talvez o melhor é ser um louco com momentos de lucidez, do que lúcido com momentos de loucura!

Agora, meu carro jovem, podes me dizer o que fizeste a esta tua jovem esposa para que ela te endereçasse tal indirecta? Porque a mim pareceu um descalar de uma coisa engolida mas que nega

descer a garganta abaixo. Ou, minha filha, podes me dizer a razão das tuas palavras?

— Eu mesmo o digo. Ela poderá acrescentar. O facto é que eu e ela temos uma diferença de quase dez anos. Algumas vezes ela diz que sou pedófilo porque quando começamos a sair ela ainda era menor de idade. Não sou culpado se naquela menina vi a minha mulher. Os pais dela me mandaram esperar, ainda queriam lhe educar, mas eu não podia. Eu mesmo ia fazer o serviço. Afinal não falam que cada pessoa cria os seus monstros? Eu ia tentar domesticar a minha onça. Não podia esperar porque tinha medo de um dia ser tentado e não resistir, visto que as meninas encurtavam cada vez mais as saias.

— Aiê?

— Deixe me terminar. Vais falar também. Então, nessa óptica tive que lhe limpar o leite da boca para depois lhe beijar. Depois lhe tirei as fraldas para lhe vestir de princesa. Agora eis o produto que fala por si mesmo. Que belo serviço prestei a mim mesmo! Aos meus sogros agradeço muito pela menina que me nasceram. Só não agradeço pelos ciúmes que lhe deram. Ou talvez nem lhe deram, ela é que os inventa.

Tu, Bebê, não consegues ficar segura. Te sentes segura quando estás insegura. É por isso que me falas dessas coisas de transferência do amor. Pois podes ter certeza que o teu amor vais transferir quando eu morrer. Mesmo assim tenha outra certeza de

que vais ter dois maridos na mesma cama. E não pense que serei o passivo!

Olha, aquelas meninas cresceram como tu... só não cresceram as suas saias. Mas podes acreditar que, enquanto elas andam com saias curtas, para mim tu — *falando ao ouvido dela* — aos meus olhos andas sem saia. Tu sabes que eu te venero, minha deusa. Nenhuma delas é igual a ti.

— Ha-ha-ha, estou a rir! Acredito com os olhos abertos e dentes afiados. Agora chega. Vamos acabar com essa conversa porque não está muito agradável. Não tenho nada para acrescentar. Talvez antes rogar para não acreditares no que ele falou porque, na verdade, eu é que ainda troco as fraldas dele. Em breve terei duas crianças em casa. Imagine o trabalho que terei!

— Fique tranquila que, ao contrário de ti, nele não acredito com os olhos abertos. Permitam-me a intrusão. Também acredito que vive melhor aquele que está em permanente insegurança, aquele que duvida quase de tudo. Porque essa pessoa se surpreende pouco com os mistérios da vida. Consequentemente, sofre pouco com os ataques cardíacos. Eu daria tudo para saber o que foi que vocês se cochicharam aí. Sabem como é que é: a mim mais atenção não chama aquilo que foi dito, mas sim aquilo que não foi. Ou aquilo que não ouvi. Mas vou deixar isso como vosso direito de ter intimidades.

Falando sobre direitos. Sabes, Da Cruz, tu quando falas não

consigo imaginar que és um advogado. Me desculpe ser directo, sou assim mesmo. A verdade não dói, só não é prazéria. Espero não estar a te ofender, mas é que quando falas não consigo ouvir um advogado.

— Não me ofendeste de modo algum. Esse é o modo que encontrei para me esconder. Não quero que a sociedade reconheça que sou aquele que defende os que lesam a lei e representa os interesses de quem quer se ver favorecido pela mesma lei. Sou advogado no serviço. Eu não vivo advocacia, vivo dela. Uma coisa é o meu trabalho, outra sou eu no trabalho.

Já que fomos pedidos para mudar de assunto, Cuequinha, será que podemos politicalizar um pouco a nossa conversa?

— Podemos fazer tudo quando haver a devida necessidade.

— Não precisava generalizar tanto assim, é desnecessário. Eu apenas queria saber como agem os vossos políticos aqui.

— Com essa pergunta estás a representar os teus próprios interesses ou os dos teus políticos? Brincadeira, seja o que for, és sempre bem vindo com as tuas perguntas. Vossas perguntas jamais serão estúpidas. Estúpidas poderão ser as minhas respostas. Ou eu pessoalmente.

Ao assunto. Política é uma profissão que não varia de lugar para lugar. Ela é a mesma aqui, na vossa terra, no espaço, na lua, ou onde quer que seja. Talvez será diferente quando chegar no Sol! A política foi evangelizada ao mundo todo pelos discípulos

da globalização. Enquanto que o político é variável. Político é o interpretador da política, e, cada um deles tem a sua interpretação. Por isso é que nunca falo deles. Me restrinjo a falar do sistema, porque ele varia tão lentamente com o tempo que chega a parecer invariável.

O sistema é que interfere nas nossas vidas. Embora devia ser ao contrário. O mesmo sistema que foi montado para satisfazer o povo acaba explorando-nos. Embora devia ser o povo a explorar os serviços do governo. Por isso é que, na minha maneira de ver as coisas, a máquina do governo não devia estar nas mãos dos políticos. O governo precisa de gestores, profissionais e alguns líderes... mas isso já é o famoso negócio do estado. Por isso não devemos nos meter. A não ser que nós também façamos parte desses negócios!

Mesmo assim eu insisto: vamos deixar os sapatos com o sapateiro, a roupa com o alfaiate. Porque esse assunto não nos vai levar a Namaacha. Nem a nenhum outro lugar.

— Pois é, tens razão. Vamos terminar com esse assunto. Não é o meu favorito

— Essa é a tua especialidade: interromper conversas pelo meio.
— *responde o marido.*

— Ela tem razão. As mulheres não gostam muito de falar sobre política e futebol. Nesse caso vai ter que nos desculpar porque de assuntos femininos os homens não sabem nada. De

culinária só sabemos comer, de beleza só sabemos apreciar...

Aliás, de política todos não gostamos de falar enquanto tudo estiver bem. Basta uma pequena insatisfação para crucificarmos os fazedores da política. Nos esquecemos que não adianta crucificar alguém que não vai pagar os nossos pecados. Nós também somos muito exigentes. Exigimos perfeição onde não há sequer eficiência, muito menos eficácia. O pior é que exigimos aquilo que não conseguimos fazer com as nossas próprias mãos. Não por falta de oportunidade, mas porque se tivéssemos a tal oportunidade faríamos a mesma coisa que eles. Exigimos perfeição como se já estivéssemos no Paraíso.

Nos acostumamos a reclamar quando estamos com fome. Morta a fome esquecemos que amanhã também precisaremos de comer. Na minha opinião devíamos reclamar mesmo saciados, porque assim nos tornamos menos vulneráveis e mais incorruptíveis. Não estou a aliar as nossas forças ao estômago, mas sim o estômago ao nosso cérebro, à nossa flexibilidade de pensar. Não que nós vivamos para comer, nem vice-versa. Mas que a alimentação também deixe de ser luxo e finalmente vire um direito.

Eu gostaria de saber como seria a vida dos críticos se os políticos fossem perfeitos.

Cunhado da Cruz — Mas a alimentação já é um direito.

— Direito... para quem? Meus caros jovens, deixem de ser

ingênuos e abram a vista. Há pessoas que há muito tempo descobriram que o mundo está cheio de cegos. Abriram a vista e reinam. Vocês devem abrir a vossa para ajudar os outros a caminharem. Não se deixem escravizar, nem escravizem. Aprendam a ser exemplares usando o vosso amor. Assim conquistarão muitos corações amigos. E não subordinem os corações conquistados, ensinem-nos a se amarem.

... nem notei como foi mas vejo que já chegamos na última paragem antes da terminal. Aqui estamos nós. Tenho o prazer de vos apresentar a...

ESTAÇÃO DOS ÍDOLOS E HERÓIS

*Não existe outro herói que uma criança quer conhecer
que não seja o seu próprio pai.*

A viagem não está a durar muito. O seu conteúdo, em algum nível, é útil. Por essa razão os jovens-pombinhos, mesmo fisicamente cansados, não tiram as atenções do discurso do nosso conterrâneo. E esse, por sua vez, quanto mais fala mais energia adquire. Quanto mais fala mais fica inspirado. Como se a sua cabeça tivesse uma nascente das ideias. Me consola saber que a idade faz isso connosco!

Os jovens ignoram a fome. Mas a fome não lhes ignora.

E o comboio pára.

— Sugiro que saíamos para apanhar um pouco de ar fresco para refrescar as nossas mentes. O cérebro não só se alimenta de ideias, como também de oxigénio. É preciso trocar o ar que entra, para que as ideias que saem saiam frescas.

O velho queria que saíssem mais para confirmar as misteriosas passagens

do casal pela multidão. Tinha elaborado um esquema para monitorar a situação.

— É impressão minha ou há algum telefone a tocar entre nós?

— pergunta o velho.

Cunhado da Cruz — Os nossos ficaram em casa. Na lua-de-mel não se leva telefone. Só se leva quando se deixou um bebé em casa. Essa é a excepção que confirma a lei. E o nosso ainda anda connosco.

— Ah, sim, é o meu. E olhem quem está a ligar: a minha filhinha. Me permitam atender.

“Olá, filha. Tudo bem?”

E silêncio do outro lado da linha

“Oi, florzinha, tudo bem? Não consigo te ouvir. Fale mais alto. Filha, fale mais alto que estou a ouvir ruído... Estás a chorar? Ok, tudo bem, vamos nos organizar primeiro. Com certeza me ouves. Seja o que for, fique calma e tente segurar as emoções. Olha, não existe nada mais precioso do que o ar que consegues respirar agora. Por isso, respire ele com todo gosto. Vai, respire. E saiba que depois de Deus eu é que sempre estarei do teu lado. Sozinha jamais estarás. Seja qual for o erro, filha minha, sempre terás os meus braços para se apoiar. Seja qual for a dor, o tempo vai tomar conta. Por isso limpe as lágrimas e tente me falar o que aconteceu. Estou de ouvidos e coração abertos.”

“Lembras a promessa que me fizeste? Pois então, ainda estou

a espera de ver o diploma da minha filha escrito em língua estrangeira. Esse é o objectivo do qual só a morte poderá te desviar. E com certeza não chegaremos a isso, porque tu tens muita saúde e juízo suficientes para se manter nos eixos sozinha. Assim é que se faz, filha: perseguir o sonho até apanhá-lo da cauda.”

“Filha, o que foi? Não vais deixar o teu pai preocupado, pois não? Algum problema com a escola? Ou com os preparativos da viagem? Está a te faltar dinheiro para alguma coisa? Alguém te ofendeu? Fala...”

Silêncio prolongado, enquanto a filha lhe fala o que aconteceu

“Isso acontece. A vida é assim mesmo. Essa não é a primeira, nem será a última vez. Enquanto viveres vais enterrar os outros. Só não tente unir os males para se atingir, porque nenhuma coisa tem a ver com a outra. Tu não tens nenhuma culpa, ademais, com certeza fizeste tudo o que estava ao teu alcance. As coisas simplesmente acontecem independentemente da nossa vontade. Aquelas que parecem ter acontecido por nossa vontade não passam de simples coincidência. Filha, entenda isso com simplicidade. A natureza tem as suas leis, as quais são infalíveis. Quando ela quer, ela oferece; quando ela quer, ela leva; quando ela quer, ela rouba. Tu nunca vais saber o que ela fará de ti amanhã, nunca, por isso deixe o rio correr no seu leito e não precipite nada. Quando ela vier para ti abra a porta e diga que

estás pronta. E quando não estiveres pronta também o diga. Mas esteja, *realmente*, sempre pronta para cumprir os mandamentos da natureza. Contra ela não tente ficar, porque é tolice lutar contra os teus progenitores. Por isso digo-te: nós somos livres até nos depararmos com a natureza. Filha, a tua amiga com certeza era boa pessoa, e foi para um bom lugar...”

Outro silêncio, enquanto a filha comenta alguma coisa...

“Sim, podes crer. Ela partiu para um bom lugar. Só que essa partida nos deixa tristes e nos lembra todas as outras partidas que já testemunhamos. Mas eu já disse, não una os factos. Vais ficar bem. Tente se alimentar, ficar calma, se possível evite se isolar. Faça tudo o que for necessário para transladar o corpo para os pais dela. Ajude a ela mesmo falecida, porque continua tua amiga, só do outro lado. Não fique assustada, as coisas acontecem. Se essas coisas não acontecessem então as nossas vidas estariam nos carris errados. Nós é que precisamos de estar sempre preparados para as coisas quando decidirem acontecer.”

“Agora, filha, pense nos teus exames. Sei que é difícil para ti, mas faça isso por mim e pelo teu irmão. Pense também na viagem, no Natal, nos presentes, enfim, pense em nós. Quando terminares os exames me avise para eu te enviar o dinheiro para comprares o bilhete imediatamente, porque eu já não vejo a hora, muito menos os minutos. Estou morrendo de saudades tuas, filhota...”

Outro silêncio.

“Tudo bem. Vou te ligar mais tarde para saber como terás passado; também para saber o quê foi, como foi, ou como será o que ainda não tiver sido. E tu tens que me garantir que vais ficar bem. Eu sei que é pesado. Mas me consola o facto de saber que esta é a carga certa. O caminho pode ser espinhoso, mas tens que continuar a caminhar para frente porque esse é o caminho certo. Não é erro de ninguém! Essa é a lógica de viver.”

“Ah, estava a me esquecer de te falar, estou no meio da viagem. Vou a Namaacha passar alguns dias. E não é que pelo caminho fiz algumas amizades interessantes: um casal de estrangeiros em plena lua-de-mel... Imaginas? Lua-de-mel em Moçambique! Os caminhos do mundo mudaram de destino. Mas sobre isso falaremos quando estiveres aqui. Por enquanto cuide de si mesma desse lado, que deste lado eu vou torcendo e orando por ti.”

Novamente outro silêncio. Ela agradece..

“Outro p’ra ti, fique bem. Filha, tu és bonita e inteligente. Eu te amo. E acredito que vais sair dessa tristeza ilesa. Fica bem. Beijinhos. Tchau.

De novo outro silêncio. Mas depois de um curto momento de pausa silenciosa, Cuequinha toma a palavra novamente — É. Triste. Abundantemente triste para a minha filhota. Perdeu uma amiga, vítima de doença prolongada. A miúda parece sem chão. Lamento

não poder fazer nada para lhe ajudar. Me sinto imponente, ou impotente — seja-la como se fala isso. Eu queria poder abraçar a ela e lhe passar a mão na cabeça...

— Que chato. — *Cunhada da Cruz se solidariza emocionada com o acontecido* — Os meus pêsames à tua filha e à família enlutada. Eu não entendo por quê nesta vida as boas pessoas sempre nos deixam?

— Talvez porque as pessoas más antes de morrerem se arrependem e se convertem. Todos morremos com esperança de sermos perdoados para herdarmos a vida eterna. Mas sobre isso me recuso a comentar além, simplesmente para garantir a minha herança.

— Cuequinha, tu acreditas no destino?

— Para quê duvidar do destino, Cunhada da Cruz, se essa mesma dúvida é obra do destino? Tudo bem que em tudo é preciso acreditar duvidando. Mas isso apenas é recomendável quando a dúvida nos confere alguma certeza, alguma comodidade. Nessa pergunta, também, não responderei directamente para evitar pecar. Tudo o que acontece é que estava predestinado a acontecer. Se não estivesse, não aconteceria.

— Se Deus me tira o que me deu, então não queria Ele me ter dado. — *Cunhada da Cruz continua.*

— Não fale tolices. E nem julgue as intenções de Deus. Ele assim quis que fosse, então assim foi! E sempre será assim.

Porque Ele comanda as forças da natureza, e nós obedecemos a elas. Que cada qual encontre um meio de lidar com as vontades da natureza. E o meio mais errado é criticá-la, ou amaldiçoá-la. Nós devemos vassalagem à natureza.

Agora sobre o destino. Sim, posso dizer que duvido. Mas depois, contrariamente, vou dizer que acredito que o mundo é fruto de algum plano. Vou afirmar que tudo o que aconteceu foi para confirmar alguma profecia; tudo o que acontece segue a mesma profecia; e o que vai acontecer também está prescrito nessa mesma profecia. Os religiosos reconhecem a profecia, enquanto que o mundo prefere chamá-la de destino. Acreditem, caros jovens, até a ciência está cada vez mais a se aproximar das verdades religiosas. A crença no destino é uma escolha pessoal. E assim colocamos ponto final nesse assunto.

— Às vezes quando tu falas pareces estar possuído por algum espírito. — *ela novamente.*

— Prefiro estar possuído do que não ter nenhum espírito em mim. Nós temos que ter ou carga positiva ou carga negativa. Jamais devemos ficar descarregados! Temos que estar num lado, ou no outro. Jamais devemos viver na fronteira! Mesmo na política é assim: nós que nos consideramos apartidários esquecemos que o apartidarismo também é um partido político... Espero que me entendam.

Houve sugestão para que saíssem à estação, mas o telefone roubou o

tempo do passeio. Os três ainda se encontram dentro do comboio. O telefone atrapalhou os planos do velho. Ele decidiu calar sobre o assunto. Fingir. E a paragem já terminou. Eles não podem mais sair. O comboio se prepara para retomar a sua marcha rumo à estação terminal. E lá haveremos de confirmar se é sempre que a despedida e o fim deixam mágoas ou não? Enquanto não chegamos lá, o nosso conterrâneo continua a falar.

— Não concretizamos o nosso plano de tomar ar fresco. Mas não faz mal, podemos continuar aqui. Faltam poucos minutos para arrancarmos. Além do mais eu estou com fome, estou a precisar de ingerir alguma coisa no estômago. Cunhada da Cruz, podes me oferecer alguma coisa para saciar a minha fome?

— Claro. Só um minutinho.

— Agradeço antecipadamente. Não sei o que seria de mim hoje sem vocês! Obrigado por estarem aqui. — *lbe servem um prato de macarone* — Isso tudo é para mim? — *pergunta ele à servente.*

— Não, é para vocês: você e a sua fome.

— Então agradecemos prontamente. Dizem que a comida é uma coisa sagrada e que a água é santa. Sagrada ou santa, é tudo mesma coisa: carece do nosso respeito.

Estou aqui a falar, a comer, mas na minha cabeça reside a ideia do mau momento em que está a passar a minha filha.

Lembro-me do dia que acompanhamos a minha filha ao aeroporto pela primeira vez. Eu falei umas verdades para ela e para o irmão dela. Não sei de onde me vieram tais verdades.

Pouco sei para que serviam. Apenas sei que as exprimi. Falei à ela que neste mundo existem mulheres bonitas e mulheres inteligentes. A missão dela não era ficar num nem no outro extremo, mas sim encontrar uma maneira de colocar uma perna num lado e a outra no outro lado. Sem com isso ficar entre. Ela devia se esforçar para provar que é possível aliar a beleza à inteligência. Porque esse é o único caminho que as mulheres trilham para o sucesso. Todas as mulheres que hoje são respeitadas passaram por esse caminho. O importante para ela não devia ser apreciada, mas sim ser respeitada. O respeito é que leva qualquer pessoa ao topo das suas ambições. O respeito nos faz perceber que os nossos sonhos são exequíveis. Enquanto que a apreciação, com a sua limitação nas façanhas externas, ilude a nossa auto-estima. E essa ilusão é uma esperança frustrada, confiança decepcionada.

Uma vez a minha filha me perguntou se estava vestida decentemente. Ao que eu lhe respondi que não precisava se vestir de forma decente, bastava ser uma pessoa decente. Isso era o suficiente.

Ao meu filho falei que na vida dele vão aparecer várias mulheres. Algumas bonitas, outras inteligentes, e outras nem tanto. Ele não devia se deixar levar por nenhuma delas, porque ainda viria aquela na qual ele não procuraria nem a beleza nem a inteligência. Ela lhe faria perceber que no mundo há coisas mais

bonitas que a beleza, há coisas mais valiosas que a inteligência — a sabedoria, por exemplo. Essa será a mulher que ele deverá escolher por companheira — igual a mim que escolhi a mãe deles por esposa. Ele não precisaria de ser *expert* para fazer a escolha. A escolha faria a ele. Porque a nossa sorte sempre nos encontra, onde quer que estejamos e com quem quer que estejamos.

Depois de falar a minha consciência retornou. Eles estavam de olhos arregalados para mim. Esperavam ouvir mais alguma coisa inútil. Ou talvez perguntavam a razão do sermão. Será que as coisas são proibidas de acontecer sem razão declarada? Não sei! Engoli a saliva e junto se foi a minha vergonha pelo assunto desenquadrado. Em pouco tempo já tínhamos mudado de assunto.

Há sentimentos que não sinto há muito tempo. Um deles é a vergonha.

— Os teus filhos devem ter muito orgulho de ti. — *novamente a Cunhada da Cruz com a palavra de elogio* — Eles devem se inspirar muito em ti. Eu queria, algum dia, poder lhes conhecer. Devem ser pessoas tão interessantes quanto o pai.

— Não, quanto a mãe! Vocês precisavam, sim, de conhecer a minha esposa. Ela era um anjo em pessoa.

— Quem me dera o meu marido falar isso de mim!

— Olha a ingrata a falar a toa.— *responde o marido.*

— Cunhada da Cruz, toma cuidado porque a ingratidão é uma

doença que não demora se tornar crônica. Podes ter certeza que o teu marido fala isso e mais. Tente lhe montar um gravador de som na gravata e vais ouvir tudo o que ele fala com os amigos à teu respeito.

— Não faça isso jamais, senão te mato.

— Quem não deve não teme. — *responde ela* — E, para quem não deve, tu estás a fumar de tanto medo.

— Não estou com nenhum medo, apenas estou a reclamar o meu direito à privacidade.

— Me leve junto nessa tua privacidade. Se não quiseses, não faz mal. Apenas se prive bem, porque quando vais abrir os olhos vais me ver privada também. Falei “privada”. Vê se não te prives tanto até te isolares.

— Pode deixar. Gozarei a minha privacidade com uma arma na mão. O “outro” que se aproxime para te privatizar. Pode vir com arma na mão também, não tenho medo porque ainda terei uma canivete nos sapatos. Reservas são a minha garantia de segurança, são o meu plano alternativo. Vou lhe matar para defender a honra da minha família. Nem preso irei. Vou dizer que matei por instinto masculino de proteger a família. E você, Lina, pare com essas ameaças.

Essas mulheres de hoje perderam a consideração pelos seus maridos!

— O quê? — *erosivamente pergunta ela.*

— Isso mesmo. Você deixou de ser mulher e agora virou uma feminista. — *ele esclarece.*

— Que diferença isso faz?

— Muita.

Cuequinha também comenta — Também concordo que faz toda a diferença. Gostei de vos ouvir a conversarem enquanto eu comia. Me proporcionaram um óptimo apetite. Espero que não estejam a se ofender. Esse assunto de feminismo também me traz um pé-de-quê. Essa doutrina já foi pregada e converteu todo o mundo, mas continua a evoluir. Todo o mundo já sabe que homem e mulher são iguais, que estão na mesma plataforma, mas mesmo assim as feministas continuam em actividade. Vão evoluindo. E vão aumentando os caprichos. Talvez estejam a tentar colocar a mulher acima do homem. Mas isso é ignorância, porque depois disso os homens vão reinstalar o machismo para recuperar a posição perdida. E onde chegaremos andando assim? Está bom assim que estamos no mesmo nível. Se melhorar para elas vai azedar para nós. Enquanto que eu defendo que continue assim: doce para ambos.

Uma vez vi um filme francês no qual a protagonista falava: “... *o matrimónio é igual a prostituição: você (a mulher) se torna propriedade de alguém...*” Para mim estas palavras são o cúmulo dos pensamentos feministas. Se ela andou com pouca sorte entre os homens isso é problema dela. Não deve jamais culpar o matrimónio, muito

menos difundir as suas desilusões como um modo de vida. Este tipo de pensamentos deve ser extinto da humanidade. O matrimónio é imaculado. Até porque, para uma mulher, no tal filme a conduta dela não era das melhores. Se tais pensamentos dominarem o mundo, então, podemos ter a certeza de que o anti-Cristo será uma mulher, uma besta. Se o destino é chegar ao caos, então, não andemos pelos corta-matos, usemos os caminhos mais demorados.

Por isso, Cunhada da Cruz, não deixe de ser mulher para ser feminista. Seja simplesmente feminina. Ser mulher, e viver como mulher, é uma dádiva. Vocês mulheres são mais confiadas por Deus, porque Ele vos deu mais tarefas que nós. Para vos ajudar nessas tarefas vos adicionou mais um sentido como dom.

— Obrigada. Era tudo brincadeira. Ele também só falou por falar. Não preciso virar feminista para ser mulher, porque o meu marido não é machista.

— Assim é que se fala. — *responde o marido.*

— Pois é. Assim é que se fala mesmo. Gostei. O final sempre é feliz. Se ainda não chegou a felicidade, então ainda não é o fim. Embora existam coisas que foram predestinadas a terminarem mal! Mas essa já é uma excepção que prova outras coisas. Sejam felizes, e curtam a vossa felicidade, porque quando chegarem os maus momentos ninguém vai ser feliz por vossa conta. E tomara que esses momentos demorem chegar. Ninguém gosta das

tentações, pois ninguém conhece a fronteira das suas capacidades... ninguém conhece as suas limitações antes de chegar nelas.

Permitam-me uma pergunta: em quem vocês se inspiram? Vocês têm ídolos? É claro, excluindo os vossos pais. Falo de pessoas que marcaram o mundo, que mudaram o destino de muitas vidas, que decidiram o nosso futuro, ou que o fazem agora. Quem vocês admiram?

Fernão Cunhado da Cruz — Essa pergunta me lembra um certo acampamento que fiz com um grupo de amigos. Foi há cerca de cinco anos atrás. Ao acampamento convidamos um velho amigo nosso para passar umas duas/três noites connosco, nos contando histórias. Por incrível que pareça, ele era polaco. Dentre várias coisas inesquecíveis que ele nos falou existem algumas excepcionais. Por exemplo, perguntou-nos, de acordo com as nossas opiniões, qual era o melhor país do mundo.

Começamos a argumentar, pensando estar a responder certo. Cada qual conforme as suas ideias. Cada qual seguindo a sua razão. Cada qual justificando da sua maneira. E, acima de tudo, todos barulhando ao mesmo tempo. Cada um de nós exaltava a sua ignorância. Da lista não tinha nenhum país africano!

Depois de alguns instantes o polaco tomou a palavra. Disse que estava decepcionado com o nosso patriotismo. Ao que nos pediu para que lhe devolvêssemos a pergunta. Devolvemos. E ele

responde: *“Polónia... O teu país tem que ser o primeiro que tu falas. O teu país tem que ser o primeiro na tua lista, sobretudo quando falas com alguém que pertence a um outro país. Isso chama-se orgulho do que tens. Os defeitos da tua mãe fale somente ao teu irmão, ao teu amigo fale somente sobre as qualidades dela.”*

Voltando a tua pergunta. Infelizmente eliminaste de antemão a possibilidade de indicarmos os ídolos da nossa terra. Mas saiba, de antemão também, que os nossos ocupam os lugares cimeiros da lista. Para mim não há nenhum herói mais importante do que os meus. Estou a falar, por exemplo, de Paulo Coelho. Fora eles, eu me inspiro nos ideais de Mahatma Ghandi.

— O filho dos indianos ou o pai deles? — *Cuequinha.*

— O avô deles. — *Cunhado da Cruz.*

— Está certo. Percebido. E você, Cunhada?

— Primeiro eu me inspiro em mim mesma. E só depois é que me inspiro em outras pessoas. Concretamente falando, me oriento nas declarações de igualdade feitas por Martin Luther King Júnior. Depois adiciono Nelson Mandela na minha lista. E para terminar deixo a referida lista em aberto, porque há vários concorrendo a uma vaga.

— É bom conhecer as vossas fontes de inspiração. Pessoalmente, esse assunto me desperta grandes interesses. Um, porque eu tenho uma sensação de que algures neste mundo existe um desconhecido se inspirando em mim. Ou um conhecido, mas

anonimamente. Mesmo que eu seja uma pessoa sem fama nenhuma, um anónimo sem grandes convicções. Dois, porque eu também tive as minhas próprias fontes. A idade tirou-me-as todas. Agora estou mais dedicado aos meus filhos e às minhas terras. Estou mais ligado ao gado do que às celebridades.

Uma vez falando ao telefone com a minha filha. Ela me disse que os estrangeiros de lá onde ela está acreditam que só até aos três anos é que os adultos podem ensinar uma criança. Porque a partir dos três anos a criança é que ensina os adultos. Todo o processo adiante, que se confunde com o ensino, não passa de socialização.

Eu também acredito nisso, tanto que me apresento aos meus filhos como um recém-nascido. Estou sempre disposto a aprender tudo sobre o mundo e seus viventes. Quando necessário, eu e eles invertemos os papéis. A mim todas as carapuças servem. Aos meus filhos só servem as carapuças certas. Eu e eles conseguimos ser o mundo um do outro. A actual distância que nos separa não passa de um estímulo para pensarmos cada vez mais uns nos outros. O que um pensa, os outros sentem; o que uns pensam, o outro sente. Tudo coordenado como pura telepatia.

— Claro. A manga não cai longe da mangueira. — *Cunhada da Cruz.*

— A manga não cai longe da mangueira se não tiver sido

arrancada pelo vendaval. Porque com um vendaval podes até negar que a manga tenha caído de uma mangueira. Vais encontrá-la no meio das palmeiras e pensar que a palmeira finalmente deu mangas. Tanto que o facto não tem nada a ver com a origem, mas sim com o processo de vida. E é esse mesmo processo que dá os resultados que me interessam. É tudo uma questão de moldagem. É ainda pequeno que se ensina o leão a não ser feroz. É ainda pequeno que se ensina a cobra a viver enjaulada.

A infância é um terreno fértil. Se não o aproveitamos no devido momento, em breve ele nos dará o que possui de natureza. Isso pode ser um simples capim que o gado consume, um trevo, ou ainda pode ser algo nutritivo ao organismo humano.

Eu deixei de me inspirar nos heróis do mundo porque com o tempo fui notando que eles não passavam de simples mortais como eu. Eles são pessoas simples como eu. São passíveis dos mesmos erros como os meus, ou talvez piores. Como eu, eles têm as suas fraquezas. Também partem a loiça! Uns sempre esquecem de levantar a tampa da pia depois de usá-la. Outros também usam uma meia furada.

Eles também têm um passado que lhes persegue e lhes condena. Ou como se diz: quando o passado persegue, o presente prende e a decisão de condenar fica para o futuro. Pois então, o que lhes diferencia de mim é a ousadia, dedicação e inspiração que depositaram nos seus trabalhos. Mas só o fizeram porque

tiveram a oportunidade para tal. Ou criaram a oportunidade?! Seja como for. A oportunidade não só faz o ladrão.

E todos nós temos as oportunidades necessárias para nos destacarmos. Somente é preciso dar olhos às nossas ambições para poderem enxergá-las. Outro segredo é fazer aquilo que tu gostas e aquilo que podes. Enquanto o flamingo voar nos suas asas nunca vai cair, mas bastará ele se pendurar nas asas da andorinha.

Cada qual tem que dar o melhor de si no seu trabalho. Fazendo assim, seremos todos iguais. Cada qual será exemplo, ou inspiração de si mesmo — em primeiro lugar, e depois para os outros. E mais importante, cada qual será exemplo aos seus filhos. Porque não existe outro herói que uma criança quer conhecer que não seja o seu próprio pai. Então façam isso, ensinem os vossos filhos a partir dos vossos actos. Afinal o que são as crianças senão o Futuro aprendendo na escola do Presente. Eduquem bem os vossos filhos, e assim salvarão o mundo.

Nesse assunto eu não sou exemplo, porque não fui educado. Eu me auto-eduquei. Fiz de mim aquilo que eu queria ser. Não tive pais — de quem copiar os hábitos. A minha mulher é que desempenhou o melhor papel na educação dos nossos filhos. Eu, honestamente falando, não sei o que fazer para educar bem uma criança, mas sei o que não fazer. E o que venho tentando fazer é servir de exemplo, fazer dos meus filhos uma fonte de inspiração.

Eu quero que eles perdoem os meus defeitos e os corrijem neles mesmos. Quero que eles sejam melhores que eu, e mais nada. Não anseio que eles sejam isto ou aquilo; aquilo ou isto; eticétera ou eticétra... Sonho simplesmente que eles sejam homens honestos. Embora a vida honesta seja difícil, eu quero que eles passem dificuldades fazendo aquilo que é certo.

Eis aí uma lição para vocês. Em breve serão chamados a desempenharem esse papel de pais. Cumpram-no com dedicação, porque quando bem desempenhado pode ser muito gratificante. É uma tarefa prazerosa, cheia de momentos singulares. Mas também terá os seus momentos baixos. Quando os momentos baixarem, vocês não precisarão baixar também. Continuem com as cabeças erguidas, porque não há nenhum mal que dure para sempre. Tudo passa. Tudo passa!

O mais triste é que até esta vida vai passar.

A nossa tarefa é preparar essa passagem. Como vai passar a minha vida? Deixarei saudades? Alguém vai se lembrar de mim? É nisso que devemos concentrar as nossas atenções. Será que o meu filho vai chorar por mim? Ou, será que ensinei a minha filha a viver sem mim? Qual foi a minha contribuição na evolução da humanidade? Respondidas estas perguntas, então já estamos prontos para a transição.

— Eu não gosto desse assunto. — *novamente a Cunhada da Cruz interrompe no andamento da conversa* — Poderia trocar, por favor?

— Ninguém gosta da morte até morrer. Pelos vistos quando provámo-la gostamos, porque ninguém se atreve a voltar. Ou será que o bilhete é apenas de ida?! Seja como for, para mim só o morto conhece o fim da vida. Nós, os vivos, apenas especulamos. E, ignorantes que somos, propagandeamos as nossas especulações como se fossem certezas. Acreditar, ou não acreditar, é questão pessoal.

Eu sei que vocês devem estar a pensar que estou a disparatar a toa. Mas seja como for, esta é a maneira que encontrei para vos dizer adeus. Talvez seja triste, mas, o que fazer? As coisas quando chegam no fim simplesmente terminam. E nós temos que aprender a reconhecer o fim das coisas. Quer seja um final feliz ou infeliz, temos que aprender a respeitá-lo o fim.

Meus adoráveis filhos, o nosso comboio vai se aproximando da sua terminal. A nossa viagem vai conhecendo o seu fim. Nós já chegamos na terra prometida. Sinto muito não poder vos receber na minha casa. E por causa disso vou vos abandonar ainda aqui. Vocês não virão qual caminho usarei, e nem eu verei o vosso. Acredito que são crescidos o suficiente para se orientarem até o vosso hotel. Façam uma boa hospedagem. Se divirtam o quanto puderem. Sintam-se em casa, mas não se esqueçam que não estão em casa. Porque todo cuidado jamais será suficiente.

Quando regressarem levem os meus cumprimentos às vossas famílias. Levem os meus ensinamentos aos vossos filhos. Eu,

assim que chegar em casa, vou escrever no meu diário sobre o nosso encontro. Espero que estas minhas anotações um dia se publiquem em livro. Bom seria se se publicasse para o vosso povo, porque o meu povo dá pouco valor a estas coisas. A alfabetização do nosso povo ainda não logrou sucessos. Contam-se as pessoas que têm acesso à água potável, o que dizer do acesso ao livro.

Tentem se lembrar de tudo o que vos falei. Eu, como tenho memória fraca, vou tentar eternizar tudo no meu rascunho. Seria muito interessante se pudessem escrever-me a vossa impressão sobre este país.

Não se esqueçam de uma coisa: o casamento vive do amor do marido e do respeito da esposa. Às vezes vice-versa. Não se esqueçam, também, que me candidato a ser o terceiro avô do vosso filho. Me liguem quando chegar o tempo. O meu número está nas vossas mãos. Lembrem-se: todos os lados da vida podem ser bons, dependendo de como os olhamos. Logo, o bom e o mau existem dentro de nós. Tentem dar vida somente ao bem, o mal que não tenha campo de actuação. Ninguém deve conhecer os vossos defeitos, muito menos os seus efeitos. Dêem o vosso melhor nesta luta milenar de tornar o Homem cada vez mais parecido com o ser humano.

— Mas, Cuequinha...

— Sem “mas”, minha filha. Já estamos sem tempo. O

maquinista vai travando a máquina. E com ela nós vamos parando. Mesmo que ainda continuamos em movimento rectilíneo com a Terra.

Aqui nos despedimos. Falei-vos um pouco de tudo o que sei. Tenho certeza que algumas dessas coisas vocês não ouviram pela primeira vez aqui comigo. As coisas são assim mesmo: a verdade tem muitos pregadores. Falei um pouco de tudo exactamente para não me especializar em nada. Se em algum momento fui impessoal, ou vos ofendi, me desculpem.

— “Nem tudo que me falam levo ao peito, mas algumas coisas se levam ao peito sozinhas” — *Cunhada da Cruz*.

— Eh, essa lição apanhaste bem. Fico feliz e orgulhoso por ti. Continue assim: a captar um pouco aqui, um bocado ali. Assim vais chegar longe. A vida não é difícil, nós é que temos que rever o nosso conceito de difícil...

Agora, não se apressem. Sejam uns dos últimos a abandonarem o vagão. Não se misturem na multidão, senão a multidão vai se misturar nas vossas bagagens. Se precisarem de alguma coisa tem os seguranças à vossa disposição. Eu tenho que ir. Fiquem bem. Se divirtam com juízo, e cuidem do meu neto com dedicação. O casamento é uma luz que espanta a escuridão. Façam me outro favor: sejam felizes e façam o mundo feliz através do vosso filho, ou filha.

Deus vos abençoe, meus amigos.

E ele sai apressado, deixando para trás os seus companheiros de viagem. Ele saiu voando com medo de ver os seus amigos desaparecerem de novo. Sequer olhou para trás. Quando passou pelo fiscal do comboio pediu-lhe que ajudasse o casal a chegar ao seu destino. Ao que o fiscal perguntou que casal?

— O casal que esta sentado lá no último banco comigo.

— O senhor viajou o caminho todo sentado sozinho. E proibindo pessoas de ocupar o lugar ao teu lado.

— Não é possível. Viajei acompanhada de... — *e aí ele dá a descrição toda do casal.*

O fiscal insiste que não. Ao que os dois regressam ao acento para averiguar. Para o espanto do velho, o lugar está vazio. O velho não acredita em si mesmo. Fica assustado com o que estará acontecendo com a sua mente. Insiste que deixou um casal naquele lugar. Pergunta a senhora que sentava a sua trás se não vira ninguém com ele. Ela, que já se preparava para sair, nega ter visto alguém. E diz mais:

— O senhor viajou sozinho o caminho inteiro e recusou que as pessoas ocupassem o seu lugar.

— Mas este lugar estava ocupado.

A senhora faz um gesto obsceno, empena o lábio superior e bate na anca com a mão. Vira-se e vai desembarcando.

O velho fica com o fiscal. Continua espantado. Pede que se chame a polícia. Tem uma queixa por apresentar. Porém o fiscal pede-lhe que se retire do comboio.

Bom, a estória termina aqui. Não me perguntem como sei de todas estas

coisas, porque não sei como responder. Aliás, sequer sei estas coisas. Também aprendi muito com o que aqui vem escrito. Eu apenas aceitei o desafio de escrever sobre as andanças dos outros. Pois eu não tenho as minhas próprias. Se as tenho, ninguém se interessa por elas. Porque não passam de simples interpretações das minhas melancolias.

Eu tive a sorte de passar pela rua certa na hora certa. Vinha eu do bazar. Numa mão tinha o saco de pão e outros artigos. Com a outra segurava o respectivo recibo para facilmente conferir o preço das compras. Ia andando devagar — típico de um dia de Domingo. As outras pessoas iam passando nas suas velocidades, também levando consigo os seus sacos ou sacolas.

Na minha frente estava parado um policial. Saudei-lhe. Ele saudou-me de volta e pediu um minuto da minha atenção. Disse-me que um senhor, idoso, mandou-lhe ficar na esquina a espera da primeira pessoa que lhe saudaria. E eu acabava de ser essa pessoa. Por isso, tendo lhe saudado ele tinha que me entregar uma apostila de manuscritos.

Explico-me melhor. O que aconteceu depois que o velho desceu daquele comboio foi o seguinte. Ele foi directamente a uma esquadra denunciar seus fantasmas. Pedia que se encontrasse esse casal. Que se vasculhassem todos hotéis e motéis. Porque mesmo fantasma tem alojamento.

Porém, a polícia lhe deu papel e caneta e pediu que o senhor Antunes Faztudo escrevesse o que tinha acontecido durante a viagem. E, ao invés de escrever, ele decidiu descrever o sucedido. Passou a tarde e a noite inteiras escrevendo.

Ao amanhecer, quando os agentes vieram a sala onde Cuequinha estava, ele já não estava lá. Na mesa tinha um monte de papeis e uma esferográfica. Ao lado tinha uma nota que dizia para se entregar aqueles rascunhos ao primeiro andarilho que cumprimentasse o polícia na rua.

É aí onde entro eu, Vicente Siteo.

GLOSSÁRIO

Expert: especialista (ingles)

Made together: feito junto (ingles)

Machamba: campo onde se pratica agricultura;

Mámáná: mãe; co-esposa mais antiga; tia materna.

